

As margens da pandemia: relatos de maternidades

Aline Paiva / Ana Fiori / Camila Bylaardt
Volker / Jessica Matias / Keyth Pinheiro /
Robenylson de Oliveira / Zima Nzinga





As margens da pandemia: relatos de maternidades

Aline Paiva (Aline Cristina de Paiva Oliveira), Ana Fiori (Ana Leticia de Fiori), Camila Bylaardt Volker, Jessica Matias, Keyth Pinheiro (Keyth Rose Albuquerque Pinheiro), Robenylson de Oliveira (Robenylson de Oliveira Mota), Zima Nzinga (Zima Nzinga de Lima França)

ISBN 978-85-8236-149-8 • Feito Depósito Legal

Copyright©Eufac 2025

Editora da Universidade Federal do Acre (Eufac)

Rod. BR 364, Km 04 • Distrito Industrial

69920-900 • Rio Branco • Acre // eufac@ufac.br

Editora Afiliada



Associação Brasileira
das Editoras Universitárias

Diretor da Eufac

Gilberto Mendes da Silveira Lobo

Coordenadora Geral da Eufac

Ângela Maria Poças

Conselho Editorial (Consedufac)

Adcleides Araújo da Silva, Adelice dos Santos Souza, André Ricardo Maia da Costa de Faro, Ângela Maria dos Santos Rufino, Ângela Maria Poças (vice-presidente), Alexsandra Pinheiro Cavalcante Costa, Carlos Eduardo Garçon de Carvalho, Claudia Vanessa Bergamini, Délcio Dias Marques, Francisco Aquinei Timóteo Queirós, Francisco Naildo Cardoso Leitão, Gilberto Mendes da Silveira Lobo (presidente), Jäder Vanderlei Muniz de Souza, José Roberto de Lima Murad, Maria Cristina de Souza, Sheila Maria Palza Silva, Valtemir Evangelista de Souza, Vinícius Silva Lemos

Coordenadora Comercial • Serviços de Editoração

Ormifran Pessoa Cavalcante

Projeto Gráfico/Diagramação e Arte da Capa

Carlos Frederico Silva de Oliveira

Ilustração da Capa

Ana Leticia de Fiori

A revisão textual e das normas técnicas é de responsabilidade dos autores.

Universidade Federal do Acre
Biblioteca Central
Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

P149m Paiva, Aline

As margens da pandemia: relatos de maternidade [recurso eletrônico] / Aline Paiva, Ana Fiori, Camila Bylaardt Volker, Jessica Matias, Keyth Pinheiro, Robenylson de Oliveira, Zima Nzinga. – Rio Branco: Eufac, 2025. 162 p. [205 KB]

Inclui bibliografia.
ISBN: 978-85-8236-149-8

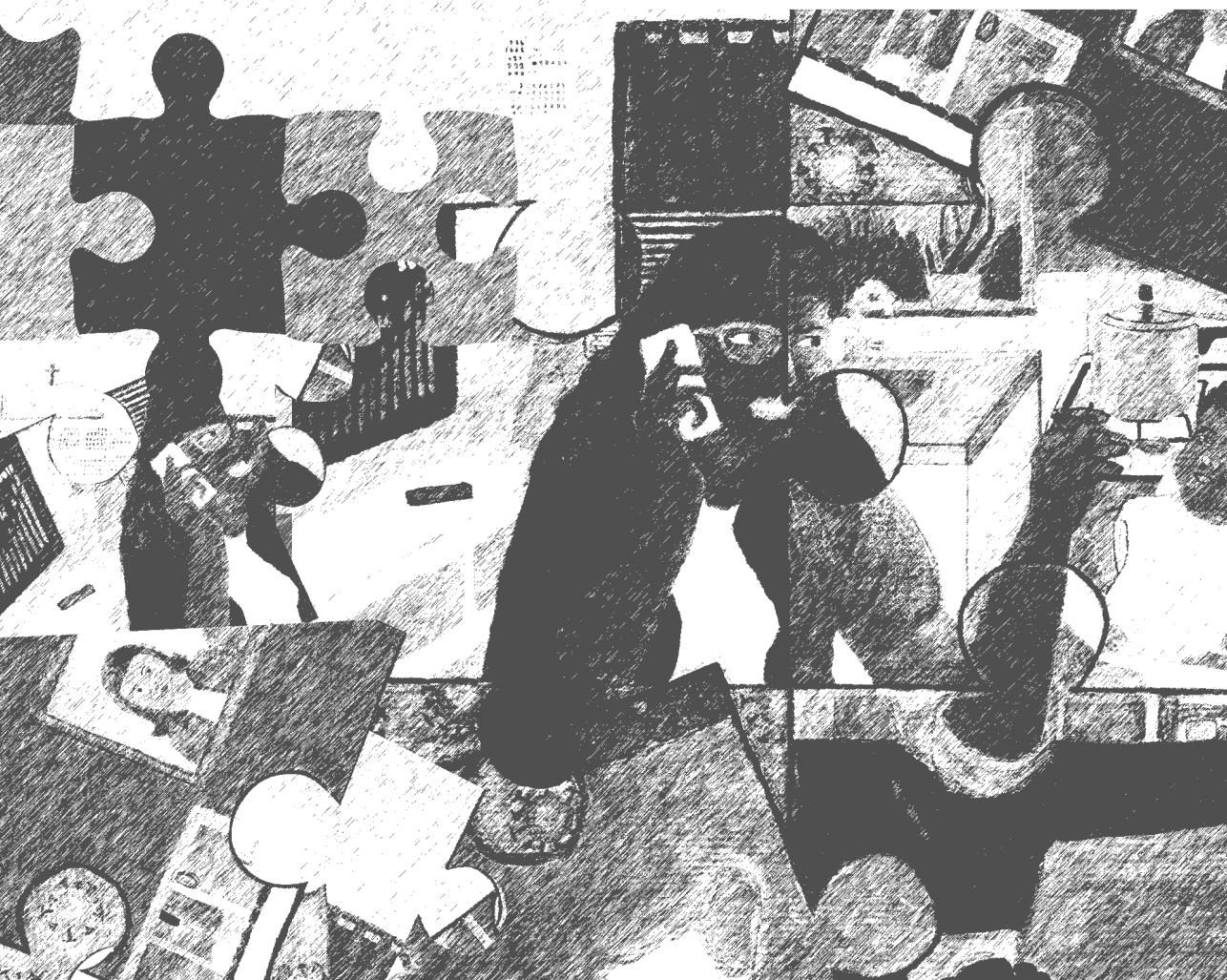
1. Maternidade. 2. Mães. 3. Pandemia I. Fiori, Ana. II. Volker, Camila Bylaardt. III. Matias, Jessica. IV. Pinheiro, Keyth. V. Oliveira, Robenylson de. VI. Nzinga, Zima. VII. Título.

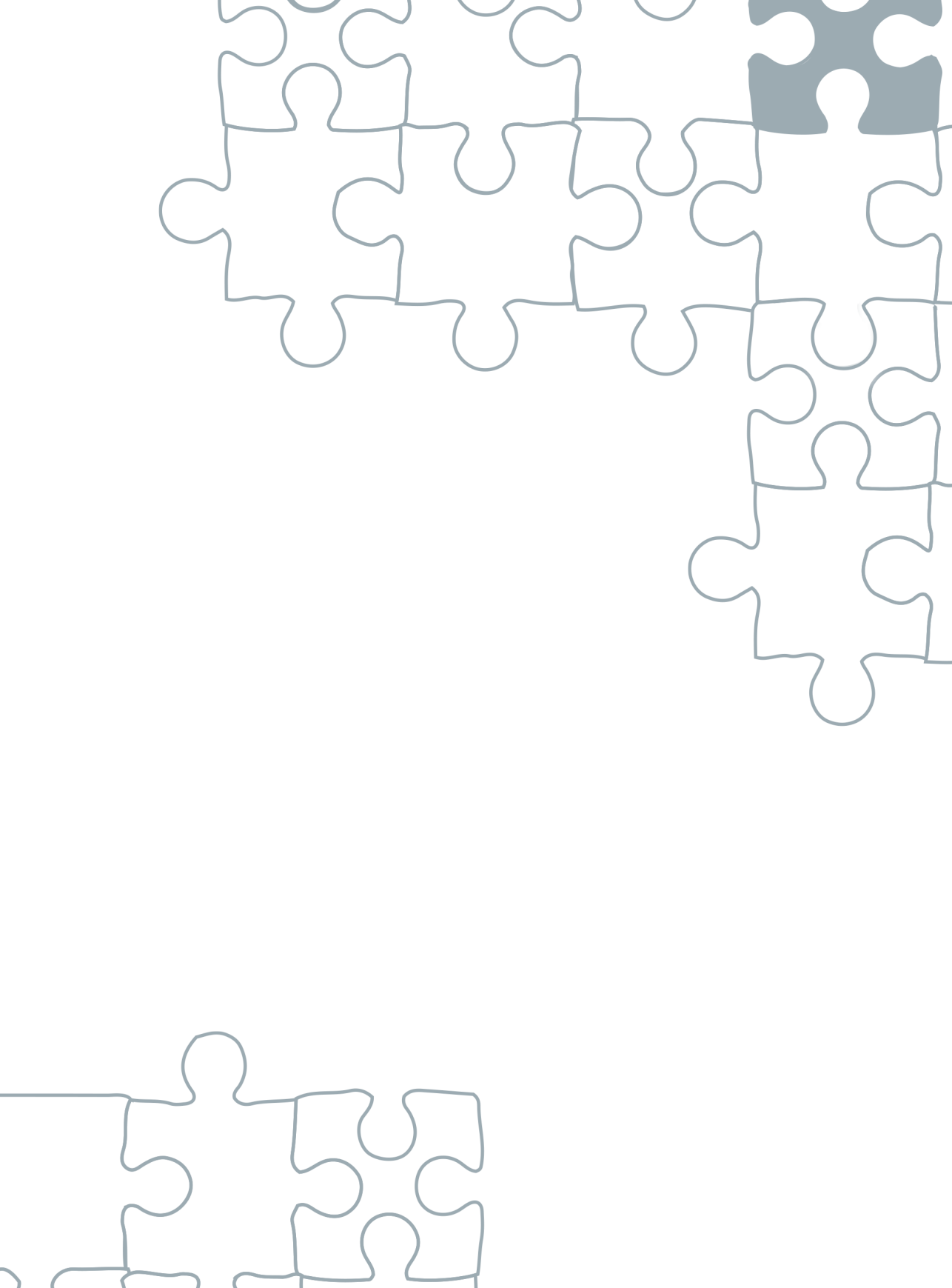
CDD: 306.87




As margens da pandemia: relatos de maternidades

Aline Paiva / Ana Fiori / Camila Bylaardt
Volker / Jessica Matias / Keyth Pinheiro /
Robenylson de Oliveira / Zima Nzinga






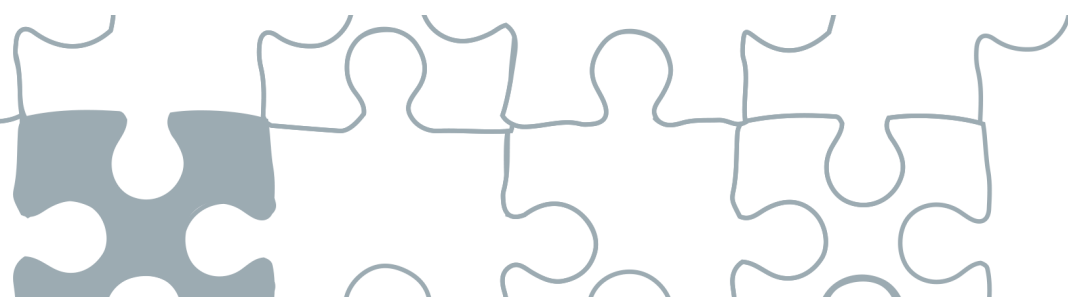


As margens da pandemia: relatos de maternidades

Aline Paiva, Ana Fiori, Camila Bylaardt Volker, Jessica Matias, Keyth Pinheiro, Robenylson de Oliveira, Zima Nzinga (org.)



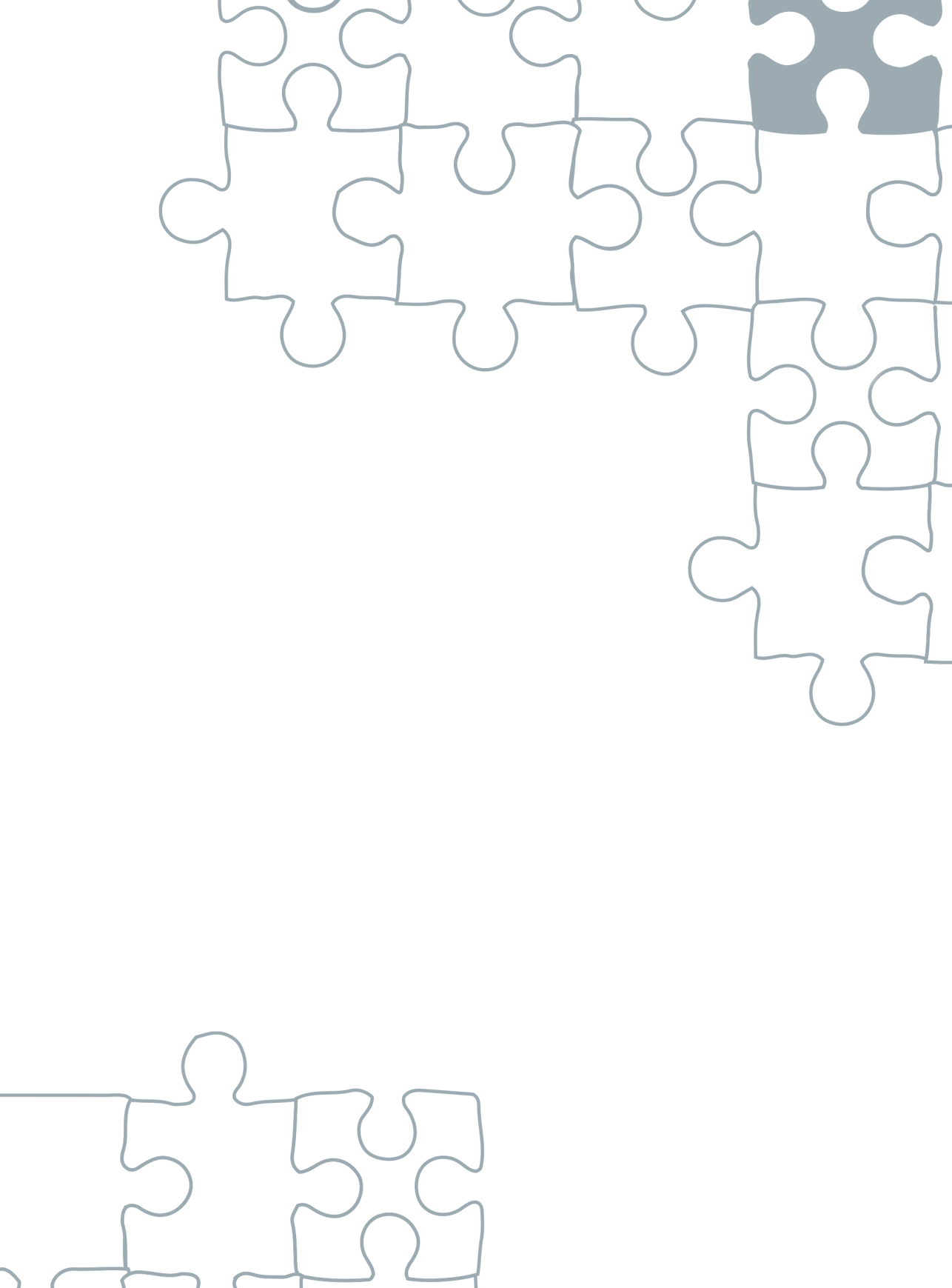
Esta obra é um exercício de escuta de mães na pandemia que se dispuseram a conversar com as duas professoras e seis estudantes da Universidade Federal do Acre, e que contam sobre suas vivências. Entre os meses de setembro e dezembro de 2020, foram reunidos 40 relatos de mães acreanas, em sua grande maioria coletados em conversas por áudio e texto pelo aplicativo WhatsApp, e editados em formato de texto, para disponibilização em um site eletrônico. A publicação de parte dos relatos em formato de livro eletrônico, com reflexões da equipe, elaboradas tanto na época do projeto quanto no momento da preparação desta edição, é uma forma de recuperar a potência de sua experiência e deixar para a posteridade o trabalho de arquivo feito pela equipe. Mediante as vozes e palavras dessas mães – mulheres de diferentes idades, profissões, configurações familiares, escolaridades, pertencas étnico-raciais, religiosidades, medos, alegrias e esperanças no estado do Acre, nosso intuito era ter acesso a essas experiências tão particulares e importantes, e muitas vezes tão pouco ouvidas, e oferecer um espaço virtual para que pudessem também, repercutir e ser compartilhadas na experiência una e ao mesmo tempo multifacetada da pandemia (sinopse a partir de trechos da Apresentação).



Sumário

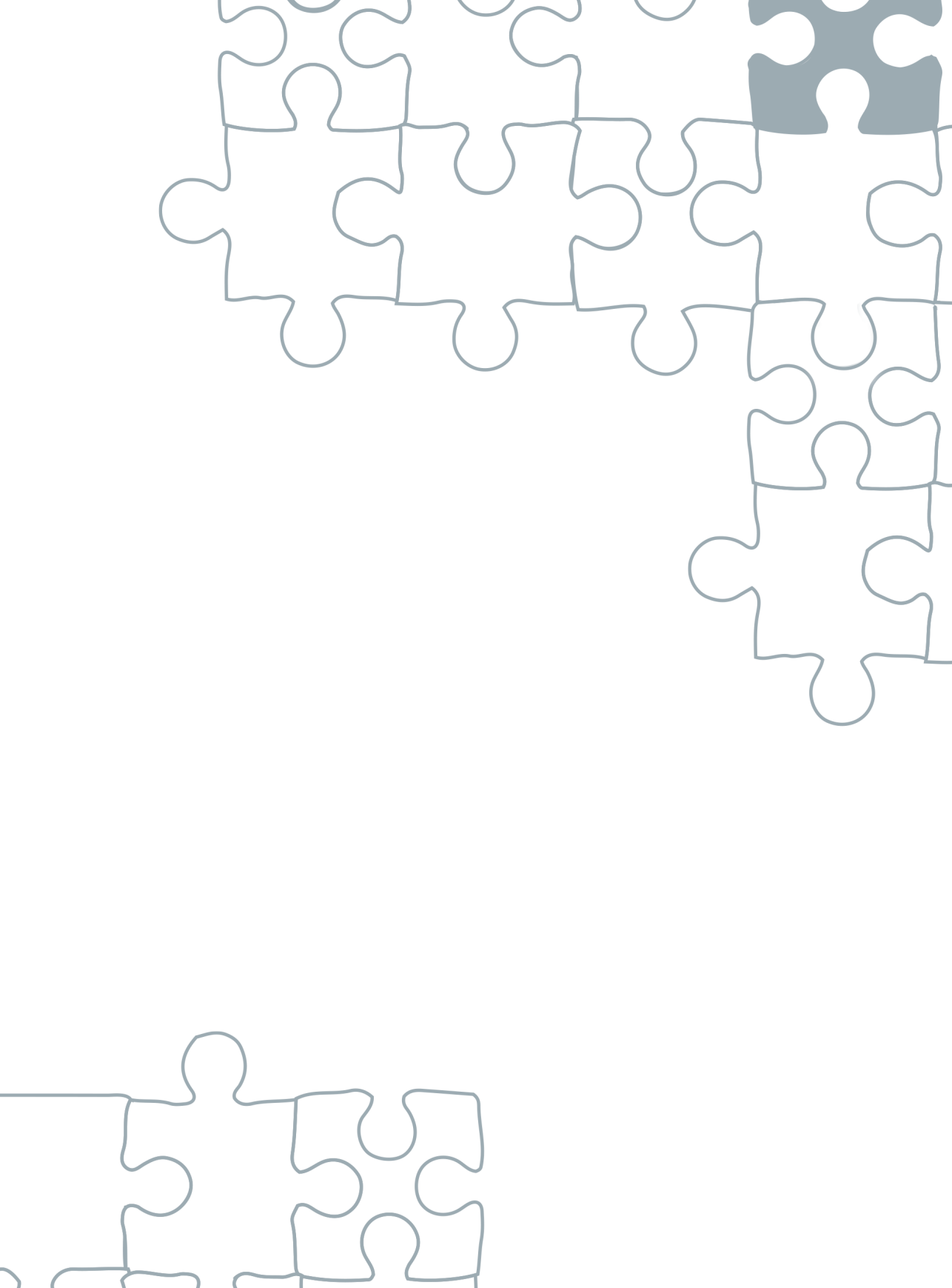
Apresentação	11
I Relatos coletados por Aline Paiva	27
Vivenciando e pesquisando a maternidade	28
Ana Keyla	32
Antônia	35
Catarina	38
Cecília	43
Maria	48
Maria Emília	52
Nattércia	60
II Relatos coletados por Jéssica Matias	63
Da coleta de relatos	64
Gerciani	68
Joyce Ramos	74
Silvana Ramos	79
Simone Dimas	82
III Relatos coletados por Keyth Pinheiro	86
O carrossel nunca para de girar...	87
Adriana Quintanna	90
Andréa Paula	92
Damiana de Souza	93
Lis Fernandes	96
Maísa Melo	98
Maria Antonieta	100
Maria Freitas	104

IV Relatos coletados por Robenylson de Oliveira Mota	105
A hora perigosa	106
Edna de Oliveira Batista Medeiros	108
Kerollayne Oliveira da Costa	112
Lilian de Lima Oliveira	115
V Relatos coletados por Zima Nzinga	121
As minhas mães	122
Rosângela de Miranda Martins Galdino	124
Márcia de Lima	128
Marta Carmos Viana	129
VI Relato coletado por Ana Fiori	131
Reimaginar a universidade, ouvir as mães	132
Soleane Manchineri	135
VII Relato coletado por Camila Bylaardt Volker	142
A forma de um relato	143
Francisca Andressa de Melo Brandão Shanenawa	147
Considerações finais: depois do fim	155
Referências	159
Sobre os(as) Autores(as)	161



Quando nasci um anjo esbelto,
desses que tocam trombeta, anunciou:
vai carregar bandeira.
Cargo muito pesado pra mulher,
esta espécie ainda envergonhada.
Aceito os subterfúgios que me cabem,
sem precisar mentir.
Não sou tão feia que não possa casar,
acho o Rio de Janeiro uma beleza e
ora sim, ora não, creio em parto sem dor.
Mas o que sinto escrevo. Cumpro a sina.
Inauguro linhagens, fundo reinos –
dor não é amargura.
Minha tristeza não tem pedigree,
já a minha vontade de alegria,
sua raiz vai ao meu mil avô.
Vai ser coxo na vida é maldição pra homem.
Mulher é desdobrável. Eu sou.

(Adélia Prado, *Com licença poética*)





Apresentação

“**N**ão estamos no mesmo barco, mas sim, na mesma tempestade”. Repetida inúmeras vezes nas mais diversas reflexões sobre a pandemia de Covid-19 e seus enfrentamentos, essa colocação buscava desfazer a falácia de que esta seria uma “ameaça democrática”, colocando em risco a todas as pessoas, independentemente de classe, gênero, raça, região ou outros marcadores sociais da diferença. Após o registro dos primeiros casos de Covid-19 no Brasil, emergiram, a partir de enunciados e análises de órgãos do governo em suas três esferas, veículos da imprensa, agências de saúde e especialistas em diferentes áreas de atuação categorias nominando clivagens populacionais que estariam a sofrer impactos distintos da pandemia, a navegar diferentes barcos pela terrível tempestade a assolar.

O ano de 2020 seguia, com o aumento exponencial de casos e mortes, ilustrados por mapas em gradientes coloridos que estabeleciam zonas de maior ou menor perigo. Políticas públicas contraditórias nas esferas municipal, estadual e federal ora instituíam fechamento do comércio e das atividades “não essenciais”, quarentena e *lockdown*, ora determinavam sua retomada para “não prejudicar a economia”, tornando inócuos os esforços sanitários de contenção e criando um ambiente geral de incredulidade, cujos efeitos foram distribuídos de forma desigual entre a população.

A discussão sobre quem era trabalhador “em atividade essencial” ou não gerou enorme controvérsia, deixando à margem das redes de proteção social associadas a direitos trabalhistas todo o contingente de trabalhadores e trabalhadoras informais ante às restrições e ameaças a suas atividades de subsistência e à sua saúde. Por sua vez, as noções de “grupo de risco” e “comorbidades”, aplicadas

sobre corpos e sujeitos variados que muitas vezes foram culpabilizados por sua maior vulnerabilidade aos quadros mais graves da doença, como se suas trajetórias de vida, históricos familiares e médicos fossem meramente o resultado de escolhas descuidadas. Estas categorias também levaram a especulações sobre a possibilidade de proteger segmentos supostamente mais vulneráveis do ponto de vista biomédico por meio de autorizações para trabalho remoto e o chamado “isolamento vertical”, que se revelou ineficaz ante as formas de transmissão do coronavírus.

As estatísticas sobre contaminação, internação e mortalidade aos poucos delinearam outras vulnerabilidades de ordem social. Por exemplo, a maior dificuldade de manter o isolamento e outros cuidados sanitários, como o uso de máscaras e a higienização constante em contextos de baixa renda e adensamento populacional nas periferias, aos poucos explicitou as clivagens de classe, raça e região. Não à toa, o primeiro óbito por Covid-19 no Brasil foi de uma trabalhadora doméstica negra. Isso expõe não apenas o recorte de gênero nos mais atingidos pela vulnerabilidade que a pandemia ocasionou, mas também a desigualdade social e racial. Tendo em vista que a maioria das mulheres na linha de frente no combate à Covid-19 no setor da limpeza é negra¹, muitas não teriam a opção de parar suas atividades dentro ou fora de seus lares, voluntariamente.

Por sua vez, a política desastrosa na condução da pandemia pelo governo federal manifestou-se em ritmos diferentes nos estados, com o colapso de seus sistemas de saúde, conforme a superlotação da rede hospitalar impediu pacientes graves de receberem os cuidados necessários por falta de leitos, de equipamentos e insumos, além da insuficiência, exaustão e adoecimento de profissionais de saúde e da disseminação incessante de informações falsas e negacionistas.

O slogan “precisamos achatar a curva”, referindo-se à necessidade de diminuir o contágio, e consequentemente manter o número de pacientes graves em um nível capaz de ser absorvido pelo sistema de saúde, foi substituído pelas notícias diárias de taxas de mortalidade na casa dos milhares e imagens de centenas de novas covas abertas em cemitérios em todo o Brasil.

Os gráficos de contaminação e mortalidade foram enunciados como “ondas” no mar tempestuoso da pandemia, muitas vezes criando a impressão errônea de que haveria redução de casos entre uma onda e outra, quando de fato a redução ocorreu apenas com a vacinação em massa, retardada ante à dificuldade de fabricar e adquirir doses disponíveis resultante das falhas e sabotagens políti-

1 Disponível em: <https://www.oxfam.org.br/noticias/primeiro-caso-de-morte-por-covid-19-no-rio-e-o-retrato-da-vulnerabilidade-das-mulheres-na-pandemia/>.

cas, que fomentaram um sentimento geral antivacina prejudicando a campanha de imunização de outras doenças.

Com atraso de alguns meses em relação a outros países, a vacinação contra Covid-19 no Brasil foi iniciada em 17 de janeiro de 2021, também inicialmente segmentada por faixa etária e populações consideradas de maior risco, como pessoas com comorbidades, povos indígenas e profissionais de saúde. A vacinação para adolescentes começou no segundo semestre de 2021 e para crianças no início de 2022. Doses de reforço e doses eficazes contra as novas cepas do coronavírus foram posteriormente disponibilizadas, e compõem hoje o quadro vacinal disponibilizado pelo Sistema Único de Saúde.

Enquanto o princípio de descentralização do Sistema Único de Saúde pode ter evitado um desastre maior na saúde pública brasileira, pois impedia que o negacionismo do presidente tivesse um alcance ainda maior do que teve, na educação, a ausência de uma política descentralizada e a inoperância do Ministério da Educação, fez com que as escolas fossem as primeiras a fechar as portas e as últimas a voltarem a ter um funcionamento “normal”. Essa situação, além de prejudicar as crianças e até hoje mostrar suas consequências nas avaliações em larga escala do ensino, afetou também as mães das crianças em idade escolar. Sem ter com quem deixar os filhos, ou elas tinham que abandonar seus empregos e se ver novamente em uma situação de insegurança financeira, ou deixavam as crianças sozinhas em casa.

Ante o cenário de calamidade, a iniciativa de estabelecer uma renda mínima às famílias enfrentou resistência inicial do governo federal. A Lei nº 13.982/2020 estabeleceu o pagamento de três parcelas de R\$ 600,00 a partir do mês de abril de 2020, e foram posteriormente aprovadas novas parcelas, com o valor reduzido a R\$300,00 em setembro e, em 2021, R\$ 150,00 para solteiros, R\$ 250,00 reais para famílias e R\$1.200,00,00 reais para mães solteiras chefes de família. Posteriormente, essa política se transformou no Projeto de Lei nº 2.099/2020², para tornar permanente o auxílio, seguindo alguns critérios como a mulher na condição de única provedora, maioria, sem emprego formal.

Embora insuficiente em seus valores, este auxílio emergencial já indica um segmento da população essencial, em todos os sentidos, para a compreensão da pandemia de Covid-19 e seu enfrentamento. Um segmento responsável simultaneamente pela garantia da subsistência das famílias, pelos cuidados com o ambiente doméstico e a saúde de todos os elementos de cada unidade familiar,

2 Disponível em: <https://www.camara.leg.br/noticias/823082-comissao-aprova-criacao-de-auxilio-permanente-de-r-1-200-para-maes-chefes-de-familia/>.

com a gestão das vidas e das eventuais mortes que ali se davam. Um segmento não visibilizado por boa parte das políticas de enfrentamento à pandemia, ainda que protagonista desse enfrentamento. As mães.

O projeto

As mães. As margens. As mães às margens. Da força e do fluxo dos rios, as margens são a forma, o contorno, a acolhida. Entre as cheias que avançam sobre suas várzeas e as secas que revelam seu leito, as margens avançam, cedem, continuam. As margens da pandemia contiveram sua fúria. Às margens da pandemia, é possível perscrutar a tempestade e os modos pelos quais nela se navegou.

O projeto *As margens da pandemia: relatos de maternidades* foi um exercício de escuta de mães na pandemia, que se dispuseram a conversar com as duas professoras e seis estudantes da Universidade Federal do Acre e contar suas vivências. Entre os meses de setembro e dezembro de 2020, foram reunidos quarenta relatos de mães acreanas, em sua grande maioria coletados em conversas por áudio e texto pelo aplicativo *Whatsapp* e editados em formato de texto para disponibilização em um sítio eletrônico.

Pelas vozes e palavras dessas mães, ofertadas à equipe em meio a seus cotidianos transformados, nosso intuito era ter acesso a essas experiências tão particulares e tão importantes, e muitas vezes tão pouco ouvidas, e oferecer um espaço virtual para que pudessem também repercutir e ser partilhadas. No projeto, tentamos compreender maternidades no plural, na experiência una e ao mesmo tempo multifacetada da pandemia vivida por mulheres de diferentes idades, profissões, configurações familiares, escolaridades, pertencas étnico-raciais, religiosidades, medos, alegrias e esperanças no estado do Acre.

A nascente de *As margens da pandemia: relatos de maternidades* é a confluência de duas áreas e duas professoras: Camila, do curso de Letras, e Ana, do curso de Ciências Sociais. A quarentena começou no dia 17 de março de 2020. Esperava-se uma semana de reclusão doméstica; depois de um mês... O que antes parecia ser uma boa oportunidade para descansar e para estar junto dos seus familiares e filhos, tornou-se uma longa e aflita espera por um retorno à “vida normal”.

Líamos e ouvíamos relatos sobre como as pessoas de diferentes lugares viviam a quarentena: pessoas cantando na varanda; pessoas experimentando receitas; pessoas praticando atividades físicas. Mas no cotidiano, a jornada de trabalho infinita, como um trabalho de Sísifo, que recomeça assim que termina, era a realidade das mães, ou a realidade que Camila percebeu ser também sua; quando todas as possibilidades de rede de apoio fora e dentro de casa se esgota, o que resta é o trabalho doméstico e o cuidado materno.

Movida por inquietações existenciais, sociais e políticas, Camila começa a pensar sobre a maternagem no contexto da pandemia, da quarentena e da reclusão. Conversando com outras pessoas, mães ou não, as primeiras ideias sobre o projeto foram surgindo e encontraram com as ideias da Ana Fiori que, de outra maneira, também refletia sobre o tema.

No decorrer dos primeiros meses da pandemia, com as aulas e boa parte das atividades suspensas, Ana acompanhava diferentes iniciativas e propostas metodológicas para a produção de conhecimento acadêmico sobre a pandemia, incluindo experimentos etnográficos e autoetnográficos da quarentena, em que o campo é também a própria casa. Com um grupo de alunas, realizou algumas leituras e debates, voltados à questão do gênero, do corpo, das emoções e dos objetos. Era também uma forma de reforçar vínculos em um cotidiano alterado, isolado, no qual a própria família estava fora do alcance presencial.

Em julho de 2020, quando estávamos já sem horizontes para onde olhar, a Pró-Reitoria de Extensão e Cultura da Universidade Federal do Acre (Proex-Ufac) lançou um edital voltado para projetos e eventos de extensão no contexto pandêmico, incluindo uma linha direcionada a Direitos Humanos e Justiça, na qual o projeto *As margens da pandemia: relatos de maternidades* foi contemplado.

Aquele edital proveu 4 bolsas ao longo de quatro meses para quatro estudantes da equipe, dos cursos de Letras e Ciências Sociais. Duas outras estudantes, de Letras e Psicologia, participaram de modo voluntário. O produto final do projeto, o sítio eletrônico relatosdematernidades.com, teve seu desenvolvimento e hospedagem virtual custeados pelas professoras entre 2020 e 2022, mas saiu do ar em 2023. A publicação de parte dos relatos em formato de livro eletrônico, com reflexões da equipe elaboradas tanto na época do projeto quanto no momento da preparação desta edição, é uma forma de recuperar a potência de sua experiência e deixar para a posteridade o trabalho de arquivo feito pela equipe.

Questões Metodológicas

O projeto de extensão *As Margens da Pandemia: Relatos de Maternidade* foi concebido a partir de um desejo convergente de professoras e estudantes de refletir sobre os dilemas, desafios, angústias e alegrias das mães durante a pandemia de Covid-19, de duração incerta e cumulativos efeitos em seus muitos cotidianos. As redes sociais permitiam vislumbres de algumas experiências de maternidades que eram narradas por mães, em busca de informações, de conselhos, de trabalhos que pudessem conciliar com o isolamento e as suas muitas atribuições, de companhia, ou apenas desabafando. Entre crianças em casa, tensões domésticas exacerbadas, desemprego em alguns casos, adoecimentos em outros, e até mesmo partos originando novos filhos e novas mães, emergia uma perspectiva crucial sobre o cotidiano da pandemia, revelando certas nuances que os boletins diários de infectados e mortos não seriam capazes de expressar. Não obstante, era fácil deduzir que as falas das mães que chegavam eram uma pequena parcela das experiências de maternidades na pandemia, pois haveria um sem número de mães que sequer seriam ouvidas, margens silenciosas de uma pandemia caudalosa, avassaladora.

Mães que se comunicam, que se expressam em suas falas, em seus gestos, em seus cuidados, em seus silêncios. Muito embora de partida soubéssemos que não se tratava de dar voz a pessoas cujas vozes certamente não dependem de nosso projeto para existir e ecoar, nem sempre encontramos mães a quem fosse natural relatar a si mesmas, rememorar e refletir sobre suas experiências e escolhas ante olhos e ouvidos interessados. Nem todas as expressões de si tem a forma de um relato. Por sua vez, o perfil de nossa equipe era diverso, incluindo três mães e um homem, o que certamente teve impacto no horizonte de nossas imaginações e a interlocução com as mães participantes. Nas reuniões de preparação do projeto, intercalamos leituras de trabalhos sobre maternidade no campo das ciências sociais, textos literários e artigos metodológicos sobre história oral e testemunho.

Tais leituras informaram a construção de um roteiro de questões que auxiliassem a condução da conversa com as mães participantes, em busca de suscitar os relatos que buscamos sem engessar o diálogo, cujos desafios não se limitavam ao meio digital no qual ocorriam, mas a questões de foro pessoal das mães, seus

valores e reservas, suas relações conjugais e familiares, e seu próprio cotidiano. O roteiro não poderia ser muito extenso e forçosamente deixou inúmeros aspectos acerca das maternidades de fora. A opção da equipe foi incluir perguntas sobre o início e o planejamento da maternidade, a configuração doméstica e as mudanças acarretadas pela pandemia.

Ao formular o projeto de extensão *As Margens da Pandemia: Relatos de Maternidades*, um dos pontos mais sensíveis era justamente a definição de uma metodologia para a coleta dos relatos que buscasse alcançar mães em diferentes contextos. Nosso objetivo inicial era focar em mães em situações de vulnerabilidade diversas: mães solo, mães periféricas, mães que perderam seus empregos e fontes de renda, mães indígenas e ribeirinhas, mães do chamado “grupo de risco”. Se, por um lado, as precauções sanitárias nos impediriam de percorrer casas e ruas, indo ao encontro presencial dessas mães, por outro lado a todo instante emergem discursos de como certas redes sociais estão por toda parte, acessadas por aparelhos celulares cujos planos de dados mal permitem a navegação pela internet para além de certos aplicativos. Se este acesso precário, limitado, configura um novo modo de segregação digital e informacional, também nos dá uma via de acesso segura, desde que cheguemos aos números de telefone dessas mães e que elas consistam em conversar com a equipe.

Por isso, o projeto trouxe como proposta metodológica a utilização da técnica de amostragem por “bola de neve”. Como o nome sugere, parte-se de alguns informantes-chave iniciais, que seriam as “sementes”. Começamos por contatar mães que os membros da equipe já conheciam e podiam conversar sem muito embaraço. Ou seja, no nosso projeto, a própria equipe atua como “sementes”. As primeiras mães indicariam outras pessoas, que indicariam outras pessoas e assim sucessivamente até atingir um “ponto de saturação”, ou seja, quando os relatos já se teriam tornado diversificados e recorrentes o bastante. A ambição inicial do projeto, com duração prevista de quatro meses – contando com leitura e debate de textos, preparo de um roteiro de entrevistas, entrevistas-testes, coleta dos relatos, transcrição e edição, montagem do sítio e publicação – era alcançar 40 relatos. Alcançamos este número em meados de janeiro de 2021.

Autores e manuais de metodologia de pesquisa que debatem a técnica de amostragem por bola-de-neve indicam este método não-probabilístico sempre que se trata de alcançar uma população de difícil acesso, ou quando o tema de uma pesquisa for delicado o bastante para exigir que os informantes sejam alcançados por uma rede de relações de confiança. Isto dá um sentido forte ao termo “redes sociais”, que designa não apenas os aplicativos de conversação pela

internet (no caso de nosso projeto, o Whatsapp), mas as redes de relações das pessoas que participam da pesquisa.

Tendo a própria equipe como sementes, algumas limitações em termos de representatividade e diversidade dos relatos não foram inicialmente superadas, ainda que as duas professoras e seis estudantes participantes se interessassem por redes diversas em virtude de seus contatos com colegas estudantes, professoras da universidade ou de cursos outros, prestadoras de serviços, frequentadoras dos mesmos espaços religiosos, familiares e de vicinalidade; mas ainda assim o raio de alcance inicial era um pouco limitado. Camila, uma das professoras da equipe, disponibilizou vários contatos de mães suas conhecidas para que as estudantes pudessem realizar as entrevistas. Ana e Keyth recorreram às suas respectivas igrejas. Muitas dessas mães eram, de modos diferentes, “amigas”, o que não configura um viés ruim, se o objetivo é a construção de um espaço de partilha.

Para as estudantes, em sua maioria tendo a primeira experiência como realizadoras de entrevistas, havia também o desafio da timidez, uma hesitação respeitosa em abordar mulheres sobre temas sensíveis, de fazer falar pessoas que nem sempre estão acostumadas a falar de si, de insistir sem perturbar, apenas para criar este pequeno ponto de interrupção do fluxo dos dias para que a conversa pudesse acontecer. Uma das estudantes da equipe escreveu: “No início achei que seria fácil entrevistá-las, mas descobri que nem sempre o povo quer falar sobre o que acontece em sua vida, não se você perguntar. E isso independe da intimidade que você tenha com ela ou não”. Outra estudante quis interromper seu papel na coleta de relatos, preferindo ficar na discussão dos relatos coletados.

Por outro lado, redes de contatos que pareceriam óbvias e frutíferas para a pesquisa nem sempre o foram. Uma das estudantes do projeto contou que comentou do projeto em um grupo de mães do whatsapp. Muitas manifestaram interesse, mas apenas uma seguiu a entrevista inteira, outras entrevistas iniciadas não foram finalizadas. A justificativa da “correria” e do “esquecimento” em responder às perguntas deixava entrever outros aspectos. A aluna escreve: “Percebi que as mães que iniciaram e desistiram no meio do caminho da entrevista exatamente na parte relacionada ao planejamento e realização da maternidade, talvez elas não estivessem preparadas para falar do assunto”. Esta estudante notou que as mães preferiam lhe responder por texto, e não por áudio, para não atrapalhar o sono das crianças. A aluna, também mãe, comentou: “para mim faz sentido”.

Se, em algumas das reuniões da equipe, expressavam-se frustrações por

entrevistas negadas ou interrompidas – percalço de toda e qualquer pesquisa – também se partilhava a satisfação por ter conseguido um relato interessante, ponderações sobre mães que falam “pouco” ou que “contam toda a vida”, reflexões sobre como melhorar a abordagem e as perguntas, como fazer com que elas falassem não o que queríamos ouvir, mas escapassem do senso comum sobre maternidade, como preservar a identidade das mães que não quiseram ser identificadas, como editar os relatos preservando as vozes das mães e abrindo o diálogo com a própria equipe.

Num primeiro momento atravessar as dificuldades, até mesmo logísticas para a coleta dos relatos devido ao distanciamento social estabelecido pelas normas sanitárias. Foi preciso aprender uma maneira de estabelecer contato com as entrevistadas, numa interação confiável em que as mesmas se sentissem confortáveis em compartilhar suas vivências. Nesse caso não abriram apenas as portas de suas casas, mas das suas intimidades também. Em um momento em que as dimensões emocionais das relações familiares, pessoais e profissionais ganham novas características e limites. Era literalmente a prática da escuta, pois a maioria dos relatos era em forma de áudio. O Whatsapp ganha protagonismo, afinal era a ferramenta que se apresentava com o manuseio acessível a todos os perfis de entrevistadas. Um outro desafio que se apresentou foi como buscar na rede de contato de cada integrante da equipe, mulheres que fossem mães e que estivessem dispostas a compartilhar suas vivências de maternidade durante a pandemia. E reproduzir o efeito “bola de neve” em que uma mulher fosse indicando outras, às vezes com sucesso e outras vezes não.

Depois, com os relatos já coletados, viria a etapa da transcrição de tudo o que foi dito pelas entrevistadas, cada integrante da equipe com os próprios critérios para a escolha no estilo de transcrição. Alguns relatos transcritos trouxeram integralmente as palavras utilizadas pelas mães, outros fizeram uma mescla entre o dito pelas entrevistadas e uma interpretação da pessoa que fez a coleta. O acervo de relatos apresenta uma variedade tanto no perfil das entrevistadas quanto na escrita de quem coletava os relatos, sempre convergindo ao priorizar o que as mulheres entrevistadas desejavam que se destacasse em seus relatos. O entendimento é de que a elas pertenciam os relatos e por isso a elas era dado a última palavra de como seriam publicados no site do projeto. Assim, o protagonismo do projeto seria as vozes dessas mulheres através de seus relatos, sem os quais não seria possível reverberar em tantas reflexões, artigos e TCCs.

Em meio a um período difícil vivido por todos, o projeto de extensão *As Margens da Pandemia: relatos de maternidade*, proporcionou agradáveis diálogos que

surgiam com as trocas estabelecidas entre a equipe do projeto e as mães entrevistadas. A sensação é de que o projeto trouxe um respiro diante do “sufocamento” que parecia existir com tantas restrições e incertezas da época. Até aquele momento não havia nem mesmo um vislumbre de que a pandemia acabaria, ou se a vida voltaria à normalidade e qual seria, haviam muitas perguntas e poucas respostas. Então, para as entrevistadas, esses relatos poderiam parecer uma forma de desabafo, enquanto que para as pesquisadoras uma maneira de se manter ativas na vida acadêmica.

Com o auxílio de um webdesigner, Leandro Fiori, irmão de Ana, foi criado um sítio eletrônico para a publicação dos relatos em forma escrita e, em alguns poucos casos em que foi possível reunir áudios de whatsapp, em arquivo sonoro. A equipe foi capacitada para a edição dessas publicações no sítio eletrônico, que foi progressivamente recebendo o acervo. Havia também espaço para textos escritos pela equipe e formas de contato para que pessoas que acessarem o sítio eletrônico e quisessem também enviar seus relatos, poderiam fazê-lo. O sítio eletrônico exibia ilustrações feitas por duas pessoas da equipe, Ana Fiori fez o “logo” do projeto e Zima Nzinga alguns desenhos, escaneados por Camila. Outras imagens que acompanhavam cada publicação eram fotos de sementes amazônicas. A opção por um serviço de hospedagem paga para o sítio eletrônico, embora tenha se mostrado mais fácil para seu processo de construção, fez com que deixasse de estar disponível online quando o período de hospedagem expirou, após cerca de um ano.

Ao final da duração prevista para o projeto, tínhamos o horizonte de manter as coletas, conforme novos contatos fossem feitos, e tornar o próprio sítio do projeto também uma semente, convidando mães que quisessem relatar suas experiências na pandemia a nos contatar. Mas, com o retorno das aulas em formato de Ensino Remoto Emergencial e o encerramento das bolsas, nossos esforços espalhavam-se por outras demandas. O que não quer dizer que o projeto não “semeou” outros frutos.

Desdobramentos

Participar de um projeto de extensão da Universidade Federal do Acre implica, para estudantes, na participação em um seminário anual, no qual as apresentações são agrupadas por linha de atuação e tema e debatidas por docentes de diferentes áreas. Em 2020, Keyth, Zima e Robenylson apresentaram “Relatos de Maternidades: Edição, coleta e transcrição”, sob orientação de Camila Volker, no II Seminário Integrado de Ensino, Pesquisa e Extensão da Ufac, Aline, Halanna e Jéssica apresentaram “As margens da pandemia: Relatos de Maternidade – As Múltiplas jornadas de trabalho das mães”. Em 2021, já na condição de bolsista de Iniciação Científica sob orientação de Ana Fiori, Aline apresentou no III Seminário Integrado de Ensino, Pesquisa e Extensão da Ufac e, em 2022, na 33ª Reunião Brasileira de Antropologia, tendo seu trabalho de conclusão de curso sobre o projeto *As Margens da Pandemia: relatos de maternidades* inscrito para o prêmio de Antropologia e Direitos Humanos, nível de graduação. Ana Fiori teve um trabalho sobre o projeto aceito para o 45º Encontro Nacional da Associação de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais – ANPOCS, GT19 – Gênero e sexualidade pelo interior do Brasil: fronteiras e cartografias, que não pôde ser apresentado em virtude de problemas técnicos.

Em maio de 2021, o portal da Universidade Federal do Acre publicou uma matéria sobre o projeto (<https://www.ufac.br/site/noticias/2021/projeto-coleta-relatos-de-maes-durante-pandemia-da-covid-19>) que foi republicada no portal da Associação Nacional de Docentes de Instituições Federais de Ensino Superior – ANDIFES. Ainda em maio, a rádio EBC entrevistou Ana Fiori e Camila Volker sobre o projeto, cujo áudio foi disponibilizado online (<https://radios.ebc.com.br/tarde-nacional-amazonia/2021/05/universidade-federal-do-acre-realiza-projeto-para-ouvir-experiencias>).

Em dezembro de 2021, Ana Fiori e Camila Volker concederam entrevista a Amanda Montezino e Ian Marino, pesquisadores do projeto Coronarquivo, do Centro de Humanidades Digitais da Universidade Federal de Campinas – UNICAMP. No acervo do Coronarquivo, *As Margens da Pandemia: relatos de maternidades* foi incluído no item “História Oral sobre a coleta arquivística da Covid-19 no Brasil”, disponível em <https://chd.ifch.unicamp.br/node/87>. O projeto tornou-se objeto da análise da tese de doutorado de Ian Marino, defendida no Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Unicamp em 2024, disponível no repositório

da universidade (<https://hdl.handle.net/20.500.12733/19718>).

Ainda em 2020, no decorrer do projeto, Camila Volker publicou em um texto em uma coletânea voltada a mães acadêmicas, *Maternidades Plurais*: os diferentes relatos, aventuras e oceanos das Mães Cientistas na pandemia. Em formato de e-book. Em 2022, Camila, Keyth, Robenylson e Zima publicaram o artigo “As margens da pandemia: relatos de maternidades – coleta, edição e arquivo” na coletânea *Por uma história da COVID-19: iniciativas de memória da pandemia no Brasil*, disponibilizada em formato de e-book. Outra publicação resultante do projeto foi o artigo do TCC de Aline Paiva, artigo intitulado “Vivências de maternidade: desafios da maternagem na pandemia da Covid-19 em Rio Branco”, publicado na edição número 30 volume 2 da *Revista Ponto Urbe*, disponível em: <https://journals.openedition.org/pontourbe/13136>.

Transformações do projeto em livro no pós-pandemia

Um dia de 2023, passeando aleatoriamente pelo feed de notícias, Camila viu uma notícia de publicação de um livro pela Edufac, com relatos sobre a Covid-19. O livro se chama *Escritas pós-pandemia – memórias narradas em cartas*, e foi organizado por Luiz Eduardo Paulino da Silva. Intrigada pela publicação, Camila resolveu visitar a página feita em 2021, que continha todos os relatos publicados do projeto. Qual não foi sua surpresa, ao constatar, que a página não estava mais disponível; algumas sobras dela poderiam ser encontradas no Internet Archive. Essa situação confirmava, em algum nível, algo que já tinha sido apontado por Ian Marino, quando nos contatou para conhecer o nosso projeto. Um arquivo de relatos precisa de um suporte que o guarde. O wordpress é um suporte confiável? Tudo permanece guardado para sempre na internet? Essa discussão foi levada adiante de forma um pouco tímida, quando publicamos o capítulo de livro “As margens da pandemia: relatos de maternidades – coleta, edição e arquivo”, em 2022. Ian Marino nos incitou a pensar melhor sobre o assunto, o que rendeu alguns parágrafos no texto, mas como uma situação hipotética, se, por acaso, eventualmente, esse arquivo de relatos fosse perdido.

Um ano depois, o arquivo estava perdido. E todos os backups “confiáveis” que pensávamos ter não se mostraram de fato tão confiáveis assim. Os computadores já não eram mais os mesmos, os celulares foram trocados ou perdidos, os backups eram incompletos. Surge então a ideia do livro. Um e-book que pudesse concentrar e condensar em um único arquivo o que tinha sido produzido. Um arquivo que pudesse ser compartilhado, guardado, salvo em uma plataforma editorial que pudesse salvaguardar melhor o nosso trabalho.

E eis que, em 2023, motivados por essa pulsão de arquivo, voltamos a reunir a equipe do projeto com a proposta de publicar os relatos coletados e nossas reflexões sobre eles em formato de livro. A proposta foi construída com entusiasmo e, ao mesmo tempo, com novas reflexividades e preocupações. A própria percepção de que se trata de uma publicação “pós-pandemia” é, em si, problemática, uma vez que os índices de contágio por novas e velhas cepas de Covid-19 oscilam entre os diferentes estados do país e que muitas pessoas e famílias ainda são atravessadas pelos efeitos da chamada “Covid longa” (ver o artigo de Jean Segata e Ilana Lowy, 2024) e das perdas pessoais e econômicas. Retomamos nossos cotidianos nos quais a maior parte das medidas sanitárias foram suspensas, ainda que alguns teletrabalhos tenham sido mantidos, dispensários de álcool gel continuem incorporados em muitos estabelecimentos públicos e privados, ocasionalmente pessoas com suspeitas ou confirmação de contágio utilizem máscaras e passem por períodos de licença e isolamento, testagens continuem a ser oferecidas em farmácias e índices de contágio, internação e óbito ainda sejam divulgados – com frequência muito menor – nos meios de comunicação.

E, talvez, a própria percepção da ambivalência do status de “pós-pandemia” seja a principal razão para que o projeto seja retomado em formato de e-book. Os membros da equipe, professoras e estudantes, engajados em novas e diferentes atividades, revisitaram os materiais coletados. Por orientação da Editora da Universidade Federal do Acre, novas formas de consentimento tiveram que ser obtidas, em um documento escrito e assinado por cada mãe participante, além do consentimento que fora dado de forma oral ou escrita na coleta do relato e em sua revisão. Retomar os contatos com essas mulheres nem sempre foi possível, devido a mudanças de número de telefone e outras formas de contato. Algumas, por sua vez, após o novo contato, também quiseram visitar seus relatos e, em alguns casos, optaram pela não inclusão no livro ou a publicação anonimizada, exigindo uma nova edição do relato. Os relatos aqui publicados são, portanto, das mães que foram contatadas e consentiram com esta nova publicação, tornando-as coautoras deste projeto.

Acreditamos que o livro seja um importante esforço de preservação da memória dos anos difíceis que atravessamos no início dessa década, e que guarda algumas lições para as próximas décadas: sobre o valor da escuta sensível de vozes e experiências que muitas vezes passam despercebidas em momentos de grande comoção e urgência sociais, sobre o cuidado como dimensão central de qualquer sociedade, sobre as diferentes formas de falar de si e organizar o entendimento da própria vida, sobre a necessidade de respostas criativas diante de situações impossíveis, sobre trabalhar em equipe e partilhar aprendizados...

Agradecimentos

Este livro e o projeto de extensão que lhe deu origem são frutos de uma confluência de colaborações, apoios e ofertas generosas a nos acenarem das margens das palavras que cá estão.

Gostaríamos de agradecer em primeiro lugar às quarenta mães cujos relatos compuseram o sítio eletrônico *As Margens da Pandemia: relatos de maternidades*, disponibilizando seu tempo, encaixando, entre as demandas domésticas e profissionais, os relatos de suas experiências de maternidade. Elas estabeleceram com a equipe uma relação de confiança, ainda que à distância e compartilhando as vivências em meio a uma pandemia. Estavam cheias de dúvidas e temores, mas esperançosas de que suas perspectivas pudessem motivar reflexões. Os relatos dessas mães são fio condutor da pesquisa e agora deste e-book.

Agradecemos por nos permitir reconhecer, através da escuta de suas vozes, a evidente presença da mulher no alicerce da sociedade, junto com as transformações que a maternidade ocasiona na vida de uma mulher, seja no aspecto pessoal, profissional e social. E ao mesmo tempo questionar o papel social imposto às mulheres.

Um destaque às mulheres que somos e que nos cercam, que nos inspiraram a repensar a sociedade a partir do olhar de quem cuida e de quem materna, em meio à maior crise sanitária mundial.

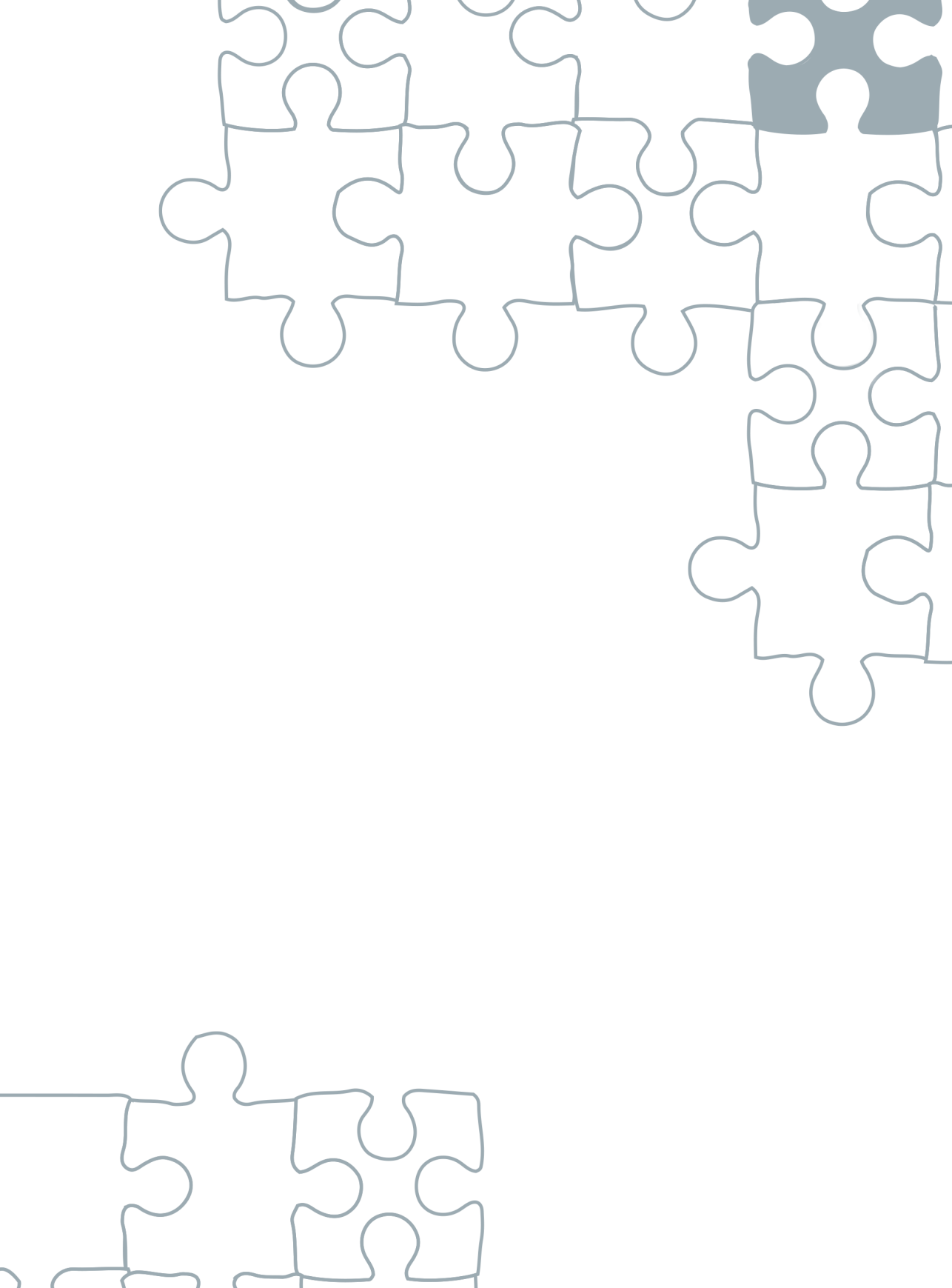
Esse livro não seria possível sem a mobilização de toda equipe do projeto, que voltou a se falar e a se reunir quase três anos depois do fim do projeto. Foi preciso um resgate coletivo do trabalho: retomar os relatos, os contatos, os números de telefones... agradecemos a todas as mulheres que se dispuseram a re-

tornar a esse projeto, oferecer de novo seus aceites, revisitando aquele passado próximo, às vezes tão distópico e tão distante. Agradecemos por terem – de novo – dito “sim” ao projeto. Agradecemos também a Taciana Bylaardt, pela revisão final do texto.

Qualquer registro sobre a experiência da pandemia nos compele a agradecer a rede de profissionais de saúde e cuidado que, também às margens da pandemia, lutaram exaustivamente para conter a doença e as perdas dela decorrentes. Em meio à pandemia, às graves ameaças ao SUS e às tentativas de desacreditar a Anvisa, diante dos esforços do Instituto Butantã e da Fundação Oswaldo Cruz de disponibilizar o quanto antes a imunização gratuita para populações vulneráveis e, depois para toda a população, foi e é preciso muita coragem e a combinação certa de conhecimentos variados e responsabilidade social. Agradecemos a uma multidão de trabalhadoras: técnicas, enfermeiras, médicas, fisioterapeutas, fonoaudiólogas, biomédicas, sanitaristas, assistentes sociais, psicólogas, biólogas, educadoras físicas, funcionárias administrativas, funcionárias de limpeza, cozinheiras, trabalhadoras de serviços funerários, assistentes terapêuticas, cuidadoras de idosas, socorristas, motoristas, e outras tantas funções, às vezes invisíveis, que estiveram na linha de frente. Pessoas que, muitas vezes, tiveram que enfrentar seus superiores hierárquicos para fazer o que era certo e combater a desinformação e protocolos de cuidado e tratamento ineficazes e perigosos. São todas forças de vida diante de tanta necropolítica.

Por fim, agradecemos à Pró-reitoria de Extensão e Cultura da Universidade Federal do Acre pelo financiamento original do projeto, que permitiu o pagamento de bolsas para parte da equipe durante os meses de coleta dos relatos, em 2020.

Os(as) Autores(as)





I

Relatos coletados

por Aline

***Paiva: Ana Keyla, Antônia,
Catarina, Cecília, Maria,
Maria Emília, Nattércia***

Vivenciando e pesquisando a maternidade³

Eu, Aline Paiva, faço a seguir um relato de maternidade durante a pandemia do coronavírus e a experiência como bolsista no projeto *As margens da pandemia: relatos de maternidade*. Na época, eu era acadêmica do quinto período no curso de Ciências Sociais na Universidade Federal do Acre. Dois anos depois, quando me formei, este projeto fundamentou meu Trabalho de Conclusão de Curso.

A maternidade acontece na minha vida de forma não planejada e, logo após o término de um relacionamento. Foi realmente assustador me deparar com o fato de que seria mãe e responsável por outro ser humano. A minha vivência é de maternidade solo, mas com uma rede de apoio composta por meus pais e amigas próximas, que sempre tornam a jornada um pouco mais leve. Há doze anos me sinto desafiada todos os dias, não só pela responsabilidade de prover, mas também de educar e criar uma criança, pela formação de outro ser. As várias fases na vida de uma criança, que se apresentam a mim através da minha filha, muitas vezes me deixam sem ação ou reação imediatas e tornam essa vivência extremamente cansativa, física e psicologicamente. Desde então, minha vida não é mais apenas para mim, não penso mais individualmente. A partir da maternidade, é tudo em função da minha filha e a vida se adequando às necessidades dela. Assim, vivo essa experiência intensamente por praticamente vinte quatro horas do meu dia.

Sinto que nossa relação vai sendo construída dia a dia, com diálogo, cumplicidade, muitas ordens, repetições dessas muitas ordens, e, claro, muito amor. Na maior parte do dia sinto-me exausta, física e mentalmente, mas também tenho dentro de mim o maior amor que acredito ser possível sentir. O amor de uma mãe para seu filho é certamente imensurável e inexplicável, ousar dizer que o mais forte que existe; é assim extremamente complexo.

Mas a maternidade não é o que me define, na verdade não deveria ser o que define nenhuma mulher. Ser mãe ou não é apenas uma das tantas facetas que uma mulher pode ser, nunca a principal ou a que irá determinar seu papel den-

3 Texto escrito em maio de 2024, por ocasião da publicação do livro.

tro da sociedade, o que nem sempre é acolhido por todos. A mãe é observada e julgada, seja pelo seu vestir, falar ou agir. Além de precisar administrar todos os sentimentos que passam a habitar dentro de si, existe a pressão externa para um enquadramento do que deve ser o papel que a mãe deve assumir.

Ao pensar sobre a vivência de maternidade na pandemia é possível perceber o quanto se evidenciou o papel fundamental da mulher na sociedade, principalmente se ela for mãe. O trabalho não remunerado e muitas vezes invisibilizado, desempenhado pela mulher em prol da sua família traz à luz essa discussão tão pertinente que é a desigualdade de gênero nos vários setores da sociedade. Principalmente no que tange à sobrecarga de trabalho imposta às mulheres durante o período pandêmico causado pela Covid, que acentua ainda mais o acúmulo de trabalho dentro e fora de casa para as mulheres, em sua maioria mães. A elas couberam os cuidados com a família, os afazeres domésticos e ainda as demandas profissionais, pois o que era trabalho externo veio para dentro de suas casas. Tornou-se ainda mais difícil a distinção dos horários de trabalho, transformando a jornada dupla em tripla, e interferindo diretamente no rendimento profissional dessas mulheres, além da sua qualidade de vida, mental e física.

Para mim, que já trabalhava em casa, a pandemia causou poucas, mas significativas, mudanças na rotina, como, por exemplo, minha filha ter as aulas presenciais interrompidas e com isso a responsabilidade da educação escolar tornou-se ainda maior. Minhas aulas presenciais na Universidade Federal do Acre também foram interrompidas e, após um tempo e muita relutância por parte da maioria do corpo discente e docente, tornaram-se virtuais.

Com isso, as medidas de confinamento causadas pela pandemia me deram a sensação de uma volta aos primeiros meses de vida da minha filha. Pois esse início da maternidade é, acredito, um dos momentos mais intensos e solitários, em que a mãe precisa administrar toda a sua atenção para com a criança e os demais aspectos de sua vida. Então, o isolamento social e o confinamento, a meu ver, se assemelhavam aos meses de licença maternidade tão característicos na vivência como mãe. O não poder sair de casa sempre que se quer e da maneira que se quer, o medo de que algum familiar, amigo, ou conhecido possa se contaminar e vir a falecer, as notícias de tantas mortes diariamente e a incerteza do que esse vírus pode de fato causar trouxeram uma nova e diferente perspectiva para a vida como um todo. Mesmo com mudanças pontuais na rotina, foi inevitável a transformação causada na mãe, mulher e ser humano que sou. Saber administrar todas as informações que surgiam diariamente e repassá-las de forma acessível ao entendimento de uma criança, certamente tornou-se mais um dos tantos

desafios que a maternidade me ocasionou.

Diante disso, eu, uma mulher em constante transformação e, naquele momento, uma estudante de humanas, me vi envolvida nessa reflexão tão pertinente que é a maternidade e a vivência dela num dos maiores acontecimentos históricos da atual geração. Estimulada por uma das professoras que admiro e que futuramente me orientaria nas demais pesquisas que se seguiram, passei a buscar o conhecimento científico para aquilo que já fazia parte da minha vida por algum tempo e que é uma potencial área de pesquisa. Durante quatro meses integrei um grupo de pesquisa sobre maternidade na pandemia, na busca por ouvir as vozes de diferentes mães e visibilizar as diversas vivências que a maternidade poderia proporcionar. Para mim, tanto como pesquisadora, como mulher e mãe, foi enriquecedor ouvir as onze mães que se disponibilizaram a conversar comigo, abrindo seus corações e suas vidas ao compartilhar as experiências de maternidade. Mas foi preciso me despir de qualquer tipo de julgamento ou pensamento pré-concebido, e ouvir com atenção e paciência tudo o que essas mulheres tinham a dizer. Com realidades e escolaridades diferentes, cada uma com uma percepção distinta do que a maternidade representa em suas vidas. Para algumas mães, a maternidade foi desejada e planejada, como uma grande realização de vida, enquanto para outras aconteceu de forma abrupta e repentina, exigindo uma rápida adaptação diante da nova realidade que se configurava em suas vidas. Esta diferença interferiu significativamente na maneira como suas histórias foram sendo construídas até o momento e implicitamente se intensificando durante a pandemia.

Sejam elas conhecidas ou não, as mulheres e mães que me cederam seus relatos de maternidade contribuíram valiosamente para o projeto como um todo. Afinal, não seria possível pesquisar ou estudar sobre os impactos da pandemia causados pela Covid sem tantos relatos e visões diferentes, através da percepção particular dos desafios que se apresentaram no cotidiano de cada uma dessas diferentes mulheres e mães. Elas se sentiram ameaçadas por um vírus invisível e que poderia lhes causar muito mal, tiveram medo das incertezas e apreensão para que nada faltasse a elas e aos seus. Mulheres e mães que descobriram a força que poderiam ter em momentos de crise e que também se redescobriram como mães, crescendo e amadurecendo na relação com seus filhos.

Certamente, a coleta desses relatos e o contato com tantas mulheres fortes e intensas, cada uma à sua maneira, foi enriquecedor para mim, tanto como mulher e mãe, quanto como pesquisadora. A experiência me trouxe a oportunidade de aprimorar a observação e a escuta de indivíduos que, evidenciou-se, são um

dos alicerces na estrutura da sociedade. Isso pautou o caminho na conclusão da minha graduação: o que inicialmente parecia ser um atraso ou até mesmo um obstáculo na vida acadêmica, tornou-se uma interessante linha de pesquisa. Além disso, foi extremamente interessante poder me aprofundar na maternidade para além da minha própria vivência ao me deparar com os mesmos sentimentos e pensamentos de outras mães.

Ainda que com realidades, escolaridades, faixas etárias e classes sociais diferentes, observa-se que as experiências de maternidades podem ser atravessadas por desafios que se apresentam às mães de maneira geral. Sentimentos como angústias, aflições, preocupações, medos, dúvidas, exaustão, certezas, força e amor perpassam as vivências de maternidade da maioria das mães. Observou-se que há similaridades e singularidades apresentadas ao longo dos relatos coletados. Os relatos revelam a percepção que as mães entrevistadas e seus contextos vividos distintamente interferiram significativamente na maneira como suas histórias foram sendo construídas, o que pode ter afetado direta ou indiretamente as vivências de maternidade dessas mães durante a pandemia. Mulheres e mães que descobriram sua força em momentos de crise e que também se redescobriram como mães, crescendo e amadurecendo na relação com seus filhos. Assim, os relatos acolhem e visibilizam as mulheres que vivenciam suas maternidades, ainda que diante de inúmeros desafios e em momentos de crises como a pandemia da Covid, e trazem algumas evidências sobre a atuação fundamental das mulheres, no campo do cuidado – que frequentemente é desvalorizado ou ignorado. Conversar com as mães ouvidas no projeto criou uma oportunidade de diálogo, de comunicar o que fora sentido solitariamente. E possibilita que outras mulheres, mães ou não, ao lerem os relatos, sintam que também fazem parte dessa conversa.

Ana Keyla

Ana Keyla, nascida em Rio Branco, Acre, no dia 21 de julho de 1996, casada, cursando nível superior, se autodeclara parda e mora no bairro Sobral. No dia 15 de outubro de 2020, por meio do aplicativo WhatsApp, Ana Keyla relata a mim, Aline Paiva, os momentos iniciais da descoberta da gravidez e os desafios enfrentados até o momento da pandemia.

“Me chamo Ana, tenho 24 anos, nasci aqui mesmo em Rio Branco. Só tenho uma filha, a Sophia, ela vai fazer 2 anos de idade em novembro. Atualmente eu estou morando com o pai dela, e estou desempregada, só estudo”.

Perguntada como aconteceu a maternidade em sua vida e seus momentos iniciais, ela responde:

“Não foi uma gravidez planejada, meu plano era ser mãe só aos 30. Já formada e com um emprego, com uma boa estabilidade financeira. Mas aconteceu, no começo foi um choque, principalmente por causa dos meus estudos, eu estava iniciando meu terceiro período. Então fui muito prejudicada, não pude fazer todas as matérias do terceiro, e acabei não fazendo nenhuma do quarto. Quando foi para eu voltar, foi pior ainda, eu tive que deixar minha filha recém-nascida em casa, aos cuidados de uma estranha que eu sequer conhecia, eu passava a manhã toda preocupada, louca para voltar para casa, mal conseguia me concentrar”.

Em seguida explica como é a relação com a filha, mesmo a menina com pouca idade:

“Olha, eu considero que a gente tem uma boa relação, na maior parte do tempo eu não gosto de tratar ela como um bebê, eu gosto que ela seja independente, mesmo ela não gostando tanto assim. Mas eu tento dar espaço para que ela aproveite cada fase da vida dela, com o máximo de

liberdade possível, eu converso com ela como se ela tivesse uns 10 anos – palavras da minha mãe. Ela é muito inteligente e esperta: se ela me vê triste, trata de logo me abraçar e me encher de beijos; se ela acha que estou com medo de uma formiga, ela trata logo de pegar a sandália e ir lá matar. Ela é minha melhor amiga, mas, como amiga, de vez em quando ela até me desafia, quer sair na “peia” comigo; quando não, ela quer mandar em mim, eu deixo claro que não é assim, ela abaixa a cabeça, cruza os braços e sai de cabeça baixa chorando”.

Ana continua seu relato explicando se havia ou não uma rotina familiar e se algo mudou após a pandemia. Também fala sobre cuidados com a saúde mesmo antes da pandemia:

“Antes a gente tinha uma rotina, ela só ficava com a babá. Mas depois que começou a pandemia, isso não existe mais. Não temos hora para dormir, nem para acordar. Muito menos para comer. Ela [sua filha] acordava às 8 horas da manhã, tomava café, brincava e esperava o almoço às 11 horas, então depois do almoço ela dormia até às 3 horas da tarde e acordava para merendar e brincar comigo, que era o horário que eu chegava da faculdade. Então a gente ficava juntas até às 20 horas quando ela ia dormir e eu voltava a estudar. Mas hoje, ela acorda às 11 horas da manhã, toma café nesse horário, almoça às 3 horas da tarde, merenda às 5 horas e janta às 21 horas e vai dormir às vezes 1 hora da manhã. Tá muito bagunçada a nossa rotina. Estou tentando arrumar agora, por causa do retorno das aulas [referindo-se ao retorno das aulas de forma remota]. E sobre cuidados com a saúde, eu sempre tive com ela. Mas nada de mais”.

Com relação à divisão de tarefas em casa, como era antes da pandemia e como ficou, se mudou alguma coisa ou não e os cuidados com a filha, Ana relata:

“Quem ficava com ela era a babá para eu poder estudar, como não estou estudando, estou cuidando dela em tempo integral, não tenho folgas nem para ir ao banheiro. O pai dela passa o dia todo fora, quando chega é noite e mesmo estando em casa só me dá trabalho, às vezes mais do que ela. Para mim não mudou em nada. Sempre foi só eu e ela praticamente e continua assim”.

As primeiras impressões sobre a Covid e sua chegada ao Brasil, além das medidas de isolamento que foram tomadas ela diz:

“Eu fiquei indignada, porque eles demoraram muito para agir, muitas vidas foram perdidas por teimosia, achando que não era isso tudo. Desde o começo eu já comecei a ter cuidados, quando começou o isolamento, eu não visitava nem meus pais, não ia nem em mercado, enquanto as pessoas ficavam saindo, indo para resenhas e bares, isso me deixou muito chateada”.

Com relação à rotina de trabalho fora de casa, se alguém precisou trabalhar de casa mesmo, ou perdeu o emprego por causa da pandemia:

“Eu já estava desempregada antes da pandemia. Agora o meu marido não. Ele perdeu muito trabalho, passou um tempo em casa sem serviço”.

Ana explica que seu marido é autônomo, e depois relata sobre algum tipo de queda no rendimento financeiro da família e se conseguiram, ela e o marido, inclusão no auxílio emergencial oferecido pelo governo federal durante a crise sanitária ocasionada pela Covid:

“A gente chegou a passar necessidades por uns meses. E infelizmente não, nem eu nem ele ganhamos o auxílio, mas minha mãe ganhou e me ajudou”.

Sobre se algum familiar ou amigo teve Covid, ou faleceu, Ana fala:

“Só meu tio pegou Covid. E graças a Deus, apesar da diabetes, ele ficou bem, nem precisou ser internado”.

Por fim, Ana fala sobre um possível aprendizado através do momento de crise que se vive atualmente e planos para um futuro:

“Pra mim trouxe, aprendi que nem todo mundo é aquilo que aparenta ser. Essa pandemia mostrou quem realmente são as pessoas. Tanto afastando quanto aproximando elas. Às vezes você pensa que as pessoas se importam com você, mas elas só se importam com elas mesmo. Não sei ao certo, só de sobreviver esse ano pra mim já é uma vitória, após tantas mortes e perdas não fiz planos a longo prazo”.

Antônia

Aentrevistada prefere não se identificar, então optei por chamá-la de Antônia. Tem 37 anos, nasceu em Brasília no dia 17 de fevereiro de 1983, mas mora há muitos anos no Acre, atualmente reside no bairro Floresta Sul com as duas filhas. É engenheira florestal e nessa pandemia divide-se entre os cuidados com as filhas, o trabalho em home office e as aulas do doutorado que iniciou no ano de 2020. No início da noite do dia 09 de novembro de 2020, Antônia relata a mim, Aline Paiva, como a pandemia alterou o planejamento para o ano nas vidas dela e de suas filhas, como a possibilidade de cursar mais disciplinas no doutorado, por meio do ensino remoto e o distanciamento dos familiares que moram em outro estado, que não pode visitar devido ao momento delicado para uma viagem. Mas destaca que o confinamento proporcionou uma desaceleração no ritmo intenso de trabalho e uma aproximação das filhas.

“A partir do dia 23 de março começamos a ficar nessa condição de confinamento; as aulas das crianças foram suspensas inicialmente e depois retomadas de forma remota e nesse meio tempo eu também me vi dispensada do trabalho presencial, trabalho na Secretaria de Meio Ambiente do Estado do Acre e fomos incentivados a ficar em casa nos primeiros meses. Por conta de uma coincidência, consegui colocar uma internet de qualidade um mês antes da pandemia começar a tomar essa forma, então senti de alguma forma facilitada para continuar dando conta das atividades externas mesmo estando dentro de casa.

Sou uma mãe solteira, não moro com o pai das minhas filhas e então no dia a dia fico muito na função de estar fazendo os trabalhos com elas, tenho uma pessoa que me ajuda em casa e me dá uma super força, mas, no primeiro mês de pandemia, ainda naquela ausência de informações e um certo medo, cada uma ficou na sua casa, mas depois do segundo mês, em abril, começamos a retomar uma agenda mais interna de casa, quem me ajuda em casa voltou a vir e passou a ajudar nesse trabalho doméstico mais forte.

O que acho que mudou muito nesse ritmo da pandemia é que agora tenho acompanhado muito mais de perto a demanda de trabalho das minhas filhas, mas por outro lado o meu rendimento profissional caiu muito porque a qualidade do meu trabalho executado no meu escritório era muito maior.

Agora pela manhã eu me dedico à dinâmica da casa, de ir ao mercado e fazer o almoço, no período da tarde me dedico ao trabalho externo, que é o “ganha pão”.

Sinto uma dificuldade muito grande de sentar e concentrar para fazer as coisas sem interrupções, minhas filhas uma com dez e outra com oito anos, ainda me demandam bastante na questão da alimentação, na tarefa da escola. No final de setembro o Governo do Estado decretou que voltássemos para as atividades presenciais, mas abriu uma exceção: pais que estivessem acompanhando crianças poderiam permanecer em home office e assim eu estou, sem previsão de voltar ao trabalho presencial esse ano, as crianças também sem previsão de voltar às aulas presencialmente. E acho que para o bem ou para o mal sinto que meu rendimento caiu muito, sinto uma dificuldade de me concentrar muito maior para as minhas questões profissionais, mas sigo com fé de que ano que vem uma vacina saia e o vírus perca um pouco da força”.

“Sobre os planos para o futuro, o lance da pandemia bagunçou muito porque eu entrei num programa de doutorado no Rio de Janeiro e o ano que vem eu ia passar o ano lá para cumprir algumas disciplinas. Aí com a pandemia os meus planos que estavam previstos para acontecer com algumas atividades de campo agora em 2020 vão ficar para 2021, então afetou bastante o meu planejamento. Por outro lado, a pandemia me deu oportunidade de fazer mais disciplinas do doutorado esse ano do que eu estava prevendo, pois agora com a modalidade remota eu consegui, como ponto positivo, fazer muito mais do que o triplo de disciplinas que eu faria se tivesse que estar presencialmente esse ano. Eu estava com previsão de ir duas vezes ao ano para cumprir algumas disciplinas e sem a necessidade de me deslocar até o Rio eu consegui fazer várias disciplinas e isso foi bom.

Com relação à dinâmica com as minhas filhas, eu acho que nos aproximamos muito, porque eu estava vivendo uma dinâmica muito intensa de trabalho até o ano passado; neste ano várias coisas aconteceram no trabalho e isso me propiciou estar muito mais próxima e mais atenta à saúde e aos cuidados do bem estar delas e do meu em casa.

Acho que tenho tido essa oportunidade de continuar recebendo um salário, delas continuarem tendo aulas e mesmo assim a gente tem a possibilidade de se aproximar, de estar perto e de estarmos guardadas den-

tro de casa. A dinâmica social foi mais difícil: nos três e quatro primeiros meses ficamos bem confinadas mesmo, sem encontrar com pessoas de fora. Depois a gente foi lidando com a situação de que nossa família não mora aqui e que temos alguns amigos que vivem a mesma situação e essas pessoas são nossa família aqui no Acre, e que também estão tomando as medidas como a gente de se precaver de adoecer, então abrimos as exceções e hoje em dia está muito equilibrado e conseguimos manter uma vida social com as mesmas pessoas. Nos finais de semana com amigos e os filhos desses amigos, que eu considero como sobrinhos, então acabamos nos encontrando bastante na medida do possível aos finais de semana, um almoçando na casa do outro.

A maternidade na minha vida foi algo aos 27, 28 anos. Eu morava em Manaus, fazia mestrado e no segundo ano do mestrado engravidei da minha filha mais velha, que tem dez anos hoje. Acho que estava vivendo uma fase muito bonita de sentimentos profundos de amor com o pai delas e o que me trouxe para o Acre foi essa relação de família, de formamos uma família pra cá. Terminei meu mestrado e vim para o Acre grávida de oito meses e aqui tive minhas duas filhas. Com quatro anos de idade da mais velha e dois anos da mais nova, eu e o pai delas nos separamos, ele foi morar em Brasília. Na nossa família boa parte é de lá, ele foi a trabalho e está por lá, e a gente continuou por aqui. Eu tenho um companheiro, a gente não mora na mesma casa, mas temos uma vida com uma cumplicidade muito grande, nos apoiamos muito, isso é algo positivo. Mas a maternidade mudou meus planos, se eu não tivesse engravidado no final do mestrado provavelmente eu não estaria no Acre. Mas chegando ao Acre consegui um bom trabalho, fui muito feliz ao longo dos anos que trabalhei na secretaria; esse ano está um pouco diferente mas estou me reinventando com essa possibilidade de melhorar meus estudos e fazer um doutorado, então está tudo seguindo bem.

Com a saúde a gente sempre teve cuidados, temos plano de saúde, então anualmente fazemos check ups e sim, depois da pandemia fiquei um pouco neurótica do limão com própolis, então foi algo que até o mês passado era diário, sempre fazia limão com própolis e eu e minhas filhas tomávamos, agora só estamos só no própolis, algumas gotinhas por dia só pra reforçar a imunidade.

Com certeza tivemos muitas mudanças, no meio do ano minhas filhas não puderam ver o pai e isso afetou muito o estado psicológico delas, de não encontrar com a família, e eu mesma também sempre viajando muito, esse ano passei o ano inteiro em casa com elas, mas em dezembro vamos visitar a família para passar as festas de final de ano com eles.

Eu acho que o que vai vir é a torcida por uma vacina e aprender a conviver com esse vírus, não tenho mais tanto temor quanto eu já tive no

início, hoje em dia estou muito mais segura das coisas que a gente pode fazer para minimizar as possibilidades de contágio e fazendo isso o coração fica muito mais tranquilo”.

Catarina

No final da tarde do dia 09 de dezembro de 2020, Catarina relata a mim, Aline Paiva, como foi sua vivência de maternidade durante a pandemia da Covid no ano de 2020. Recém-separada do pai de sua única filha, Catarina faz uma reflexão sobre a maternidade e o quanto a experiência intensa de uma pandemia a transformou como mãe, além de reconhecer o privilégio de poder acompanhar de perto a evolução dos primeiros anos de vida de sua filha. Ela tem 34 anos, nasceu em Rio Branco, no Acre, é licenciada em biologia, possui mestrado e é servidora pública. Mora com sua filha em Rio Branco e se autodeclara branca.

Catarina inicia seu relato contando sobre como a maternidade aconteceu em sua vida, se foi uma experiência planejada ou não:

“A maternidade sempre foi algo assustador para mim. Eu nunca tive vontade de ser mãe, então não foi planejado. Mas a minha filha veio de uma forma que parece que foi planejada [risos]. Ela veio numa idade que considero boa (aos trinta e dois anos) e logo no fim do mestrado que eu estava fazendo em outra cidade. Além disso, eu estava em um relacionamento estável e financeiramente estável também. Estava numa fase muito bacana da minha vida. Foi um susto, mas eu levei numa boa, não foi algo que me impactou, foi tranquilo”.

A entrevistada também conta como é a relação com sua filha, mesmo diante dos desafios de uma separação recente. Catarina relata com tranquilidade essa experiência e todos os demais aspectos da vivência da maternidade na pandemia:

“Com a separação, minha filha mora comigo, mas dorme pelo menos

dois dias com o pai, além de passear com ele praticamente todo dia. Temos uma espécie de guarda compartilhada, ainda não fomos para a justiça porque nossa relação é muito boa. Separamos porque o amor acabou, mas a relação continua sendo boa.

Sobre a relação com a minha filha eu vejo como uma construção diária, como qualquer relacionamento na verdade. A cada dia eu percebo que fica um pouco melhor, ficamos mais cúmplices, mais próximas, nos conhecemos mais, nos entendemos mais. Temos uma relação muito boa e tranquila. Tenho muito orgulho de ser mãe dela, é uma menina maravilhosa”.

Sobre a rotina antes e depois da pandemia:

“Antes da pandemia ela ficava na creche até as quinze horas. Quando eu saía às treze ou quatorze horas do trabalho, resolvia alguma coisa e depois ia buscá-la. Levava ela para passear ou comer e depois íamos para casa. Com a pandemia eu e o pai dela ficamos em home office e tiramos ela da creche. Isso logo no início da pandemia. Eu me separei, acho que me separei no fim de março ou começo de abril. Então foi uma mudança bem brusca de rotina. Mas foi uma separação tranquila, como é até hoje. E aí teve a questão das atividades domésticas que eu não estava acostumada a fazer. Tive que dar conta de limpar a casa, fazer comida e cuidar da criança o dia inteiro. Então no início foi bem difícil, sentia tristeza e desespero e pensava “quero minha vida de volta!” Mas foi coisa de um mês isso”.

E com relação à separação do casal ter acontecido durante a pandemia, relata que foi uma coincidência:

“Foi uma coincidência, com certeza, a pandemia não tem nada a ver com a separação. Aconteceu antes de março até, mas quando eu falo separar, conto com ele ter saído efetivamente de casa, que foi no fim de março ou início de abril”.

Catarina relata o quanto a pandemia a transformou como mãe:

“A pandemia mudou completamente minha visão sobre a maternidade e a minha relação com a minha filha. No primeiro mês da pandemia eu pensei: “Sério que vou cuidar de uma criança o dia inteiro? Vou conseguir? O que vou fazer?” Precisava achar formas do que fazer com uma

criança, porque criança não é só cuidar, dar banho e dar comida, é preciso brincar, estimular, ensinar... E a minha filha estava só com um ano e três meses. E antes da pandemia eu estava numa zona de conforto porque ela estava a maior parte do tempo na creche. Então eu saí completamente de uma zona de conforto para cair mesmo na realidade de mãe vinte e quatro horas por dia. E eu tô adorando essa realidade!! É maravilhoso poder acompanhar o desenvolvimento da minha filha. Pra mim é um privilégio muito grande; porque muitas vezes, é preciso trabalhar e deixar com babá, ou com a avó, ou na escola e você perde muita coisa do desenvolvimento do seu filho. Estou vendo cada coisa legal, todos os dias é uma coisa diferente e estou podendo acompanhar tudo isso. Eu não tinha esse pensamento lá no início da pandemia. Meu pensamento no início era: “Meu Deus do céu, não vou conseguir! Eu não quero, prefiro trabalhar!”.

Sobre algum tipo de cuidado especial com a saúde antes da pandemia:

“Eu e minha filha tomamos polivitamínico. O álcool em gel utilizamos desde que ela nasceu. E os sapatos que foram utilizados na rua ficaram fora até serem higienizados”.

Ao se deparar com as primeiras notícias sobre a Covid e a chegada do vírus no Brasil e no Acre pensou:

“Lembro que fiquei fanática por jornal [risos]. Ficava o dia inteiro assistindo o jornal pra ver todas as informações, porque tinha dias que eu pensava se era sério tudo isso que estava acontecendo, meio incrédula. Mas eu ainda estava muito focada na maternidade, então não cheguei a me desesperar nem sentir medo ou algo assim. Tomei os cuidados básicos e só. Quando chegou aqui [Acre] em março, eu tinha feito viagem em fevereiro e fiquei pensando se já teria pegado e nem sabia. Confesso que nessa segunda onda estou muito mais receosa e cuidadosa”.

Em relação ao trabalho a entrevistada relata:

“Estou em home office desde o início da pandemia. Foram poucas vezes que precisei ir ao meu local de trabalho. Antes da pandemia eu precisava cumprir 30 horas semanais. E financeiramente não houve alteração”.

Sobre a ocorrência ou não de familiares e amigos contaminados com Covid,

e se houve falecimento:

“Em abril eu acompanhei uma tia que ficou internada durante 28 dias no hospital Santa Juliana com Covid. Tive que ficar isolada da minha filha, foi muito difícil. Minha tia é idosa, tem cinquenta e nove anos, mora sozinha, por isso precisou do meu apoio, mas não faleceu e deu tudo certo. Foi bem no início da pandemia aqui na cidade, percebi que até os médicos estavam bem perdidos”.

Pensando sobre o futuro e a vida pós-pandemia, a entrevistada fala:

“Eu planejo morar em outro estado, mas acredito que não seja um plano para o ano que vem. Quero passar em um concurso que tenha um salário maior, tenho planos para a minha filha que me exigem isso, que eu ganhe mais [risos]. Não quero que minha filha more aqui no Brasil, nem eu e nem o pai dela, mas isso é o que a gente quer, tem que ver o que ela irá querer. São planos. Mas para 2021 é isso, me organizar para que esses planos sejam concretizados pelo menos em 2022. Essa mudança de estado e aprovação em concurso.

E em relação à vida pós-pandemia já pensei sobre isso várias vezes. Eu não sei se a vida vai voltar ao normal. Eu não consigo ter uma resposta, pra mim tudo é um ponto de interrogação ainda, então não sei te dizer”.

E se consegue pensar em algum aprendizado que a pandemia trouxe para a vida pessoal, profissional ou até mesmo para a sociedade:

“Com a pandemia, aprendi a dar muito mais valor ao meu emprego. Me sinto muito privilegiada em ter um trabalho e por não ter tido nenhuma alteração de salário. Quando eu vi no início muita gente perdendo o emprego, toda noite ia dormir agradecendo muito a Deus por ter o meu emprego. E nunca me vi tão agradecida como me vi esse ano. E vi isso em muitos servidores públicos que conheço, acho que essa classe está bem agradecida, ninguém pode negar que está sendo uma classe privilegiada. Muitos estão em casa, praticamente sem fazer nada e recebendo seu salário. O privilégio de poder estar mais perto dos familiares ou de poder cuidar deles. Para mim isso tudo está sendo um grande aprendizado. As pessoas falam que 2020 deve ser um ano cancelado, mas acho que não, é um ano que vai ser para sempre lembrado. Eu sei que é muito fácil eu falar na situação que estou, com saúde, comida, emprego, é muito fácil falar isso. Mas eu com certeza me tornei uma pessoa

melhor com essa pandemia. Estou bem desacreditada da humanidade, então eu não sei se o mundo aprendeu alguma coisa. Mas vamos seguir tendo esperança!”.

Para finalizar o seu relato, Catarina faz a seguinte reflexão:

“Eu queria terminar com uma reflexão que lembro ter ouvido algumas vezes de mães durante esse ano pandêmico, que estavam loucas ou não sabiam mais o que fazer. E que eu tinha vontade de dizer, mas achava melhor ficar calada. Mas pensando aqui acho que deveria ter falado, pois foi uma coisa que me ajudou muito, que foi o seguinte: no início, quando eu comecei a me desesperar, querer pirar com o cansaço da maternidade, do trabalho doméstico, do lance de dar conta de tudo, do medo do coronavírus, da saudade do trabalho, da rotina, eu pensei... vou ter que usar essa pandemia a meu favor senão vou pirar mesmo e eu nem sei quanto tempo isso vai durar, pode ser um mês, dois meses, ou um ano. E olha onde estamos, em dezembro!! Quase um ano já!! E foi então que passei a me acalmar, a partir desse pensamento fui me acalmando e pensando no privilégio que é ficar em casa. Foi aí que comecei a pensar no que eu poderia fazer agora que antes o tempo não me permitia, porque eu estava sempre ocupada, sem tempo. Fiz a pandemia ficar a meu favor. E continuo aqui firme e forte sem Covid!”.

Cecília Monteiro é paraense e nasceu no dia 02 de abril de 1980. Ela se re-veza entre as aulas do mestrado, que iniciou recentemente, as aulas como professora de Hatha Yoga e o trabalho como consultora de marketing. É mãe solo: tem uma filha que já está na fase adulta e um filho ainda na pré-adolescência. Voltou a residir em Rio Branco em 2017 e atualmente mora no bairro Placas. Se autodeclara parda. No dia 10 de novembro, durante uma pausa em seu trabalho de home office, Cecília enviou áudios em aplicativo de mensagem com seu relato de vivência da maternidade na pandemia, que eu, Aline Paiva, transcrevo a seguir.

Cecília inicia seu relato contando como acontece a maternidade em sua vida e o desenvolvimento de sua relação com seus filhos:

“Vou iniciar respondendo como aconteceu a maternidade na minha vida. Fui mãe adolescente aos 17 anos de um namorado, meu primeiro relacionamento longo. Nós ficamos seis anos juntos, mas não tivemos maturidade para casar e tudo o mais, e aí depois desse tempo nossa filha estava com 10 anos quando a gente terminou o nosso relacionamento. Mesmo nessa fase com ele e nessa primeira fase da minha filha, eu tive o suporte financeiro dos meus pais, morei com a minha mãe e fui apoiada financeiramente pelo meu pai até terminar os estudos. Graduação e primeiros empregos eram simbólicos, essa coisa de estágios... Até que quando eu tinha 25 anos eu casei, não com o pai da primeira filha, mas com o meu primeiro marido, que foi o pai do meu segundo filho. Nós passamos dez anos juntos, que foi uma fase mais adulta e madura. Tornei-me adulta quando me tornei mãe, mas completamente imatura, e dos 25 anos para frente eu fui assumindo as responsabilidades de casa, filho, marido e profissional. Quando nós tivemos o nosso filho, eu tinha 30 anos e assim estou com dois filhos, uma de 21 para 22 e um menino que completou 11 anos em agosto.

Sobre relação com os meus filhos, são contextos que se entrelaçam; em relação à minha filha mais velha: eu era adolescente; não sei se foi problemático ou conflituoso, ou mais opressivo, porque foi uma gravi-

dez impositiva, não foi uma escolha minha, foi totalmente do acaso por conta da molecagem de adolescente com iniciação sexual e sem orientação adequada, ainda bem que era com o meu namorado da época. Mas, enfim, não foi uma escolha e foi numa fase em que eu não queria ter escolhas, eu queria ter uma escolha por dia. Aconteceu muito aos poucos essa entrega da mulher, aquela menina de 17 a 20 anos, aquela jovem mulher para essa passagem da maternidade. Demorei muito a me assumir como mãe, ainda que isso não diz respeito ao meu compromisso e a minha responsabilidade social com essa criança. Minha filha é uma maravilha de pessoa, uma mulher maravilhosa, inclusive ela já é mais velha do que eu quando a tive e bem responsável [risos]. Então eu acho que deu tudo certo, apesar do meu conflito inicial. Tive um conflito entre o que eu precisei abrir mão e o que eu precisei assumir – foram obrigações, não foram escolhas. Então foi uma construção demorada de se fazer, como me entender como mãe da minha filha.

Sobre o meu filho, novamente, não foi uma surpresa agradável, eu estava casada, mas não era uma opção engravidar. Eu não sei como é esse prazer de dizer: “Ah! Agora eu vou parar de tomar a pílula para ver o que acontece, nós queremos engravidar!”. Não sei o que é isso, aí nesse ponto, nesse início, é sempre um “baque”. As duas vezes foram “baques” me assumir mãe e dali pra frente me assumir como mãe dessas crianças [risos]. Esse projeto de curto, médio e longo prazo que é ter filhos.

Aí depois tudo se assimilou, porque eu acho que a cronologia das minhas fases foi sempre adequada para eles. Quando eu era adolescente, eu tinha uma filha e precisava estudar e começar minha vida profissional. Depois, quando eu estava casada e me estabelecendo nessa vida profissional, dando os primeiros passos para a conquista de um resultado financeiro, de uma boa condição material, engravidei. Aí é um passo atrás porque engravidar exige dedicação, exclusividade e não sei como que isso se dá satisfatoriamente em todas as áreas, é muito complicado. Eu não sei o que é essa experiência de ser uma boa mãe, ser uma boa aluna e ser uma boa profissional para essa primeira fase até os sete anos. Do nascimento até os sete anos dos meus filhos foi sempre assim: eu precisei abrir mão de muitas coisas por eles, para estar com eles. Não por eles, mas pela maternidade, então muita coisa que eu poderia ter ido adiante coloquei uma “marcha” lentíssima e um “freio de mão” puxadíssimo porque eu optei por me dedicar à maternidade”.

Sobre a distribuição das tarefas domésticas antes e depois da pandemia:

“Tem uma peculiaridade aí, porque eu voltei para o Acre em 2017 com

as crianças. Meu casamento acabou com o pai do meu filho e aí a gente estava nessa fase de adaptação ao Acre, ao retorno e eu estava muito atenta à condição emocional das crianças. A minha filha já era grandinha, mas rompeu com uma fase que ela estava curtindo viver em São Paulo. No final já não estava tanto, porque sofria com a nossa separação, apesar de ser o padrasto dela, a separação é da família e não do casal. E, especialmente, meu filho, que naquela época estava saindo da primeira fase da infância – sete e oito anos, acho que ele já tinha nove por aí, mas ele é muito apegado ao pai, então eu fiquei bastante contida de qualquer movimento, para ficar na empatia para com eles. A minha filha ficou bem instalada na casa da minha mãe, o meu filho não quis voltar para o apartamento que a gente morava antes de ir para São Paulo, pois remetia ao pai e eu entendo, então fiquei nessa fase um pouco sem saber, sem chão ou estrutura que fosse minha, ficamos hospedados na casa da minha mãe, de 2017 até o finalzinho do ano passado, que foi quando eu mudei para a casa em que estou. No final de 2018, comecei um novo relacionamento. A gente namorou 2019 todo e no ano seguinte resolvemos mudar, eu vim para a casa dele, que agora é nossa [risos]. Fui muito bem recebida, foi uma decisão que tomamos juntos e aí temos as nossas acomodações e as acomodações do meu filho. Eu e meu marido de agora, a gente se divide bem, não tem problema porque demos sorte de que na véspera da pandemia a gente estava nessa fase inicial dessa decisão que tomamos de morarmos juntos. A gente se dividia bem, cuidávamos da casa já que a casa era um símbolo da nossa união. Morar junto traz a casa como símbolo dessa aliança, então a gente cuidou bem da casa nessa véspera de pandemia e não tinha ainda esse peso das tarefas domésticas e das distribuições delas.

Na primeira fase da pandemia, [a gente] continuou em casa, se relacionando muito com a casa e pouco com o trabalho, não teve problema até que eu comecei a trabalhar. Somos autônomos, eu e meu marido, então a gente corre atrás de trabalho, aconteceu de ter trabalho antes para mim do que para ele, e fui ficando menos em casa do que ele. Então assumi menos as atividades domésticas do que ele e hoje em dia ainda é mais ou menos assim, apesar de que ele já está trabalhando também. Só que como conciliamos as agendas, uma coisa engraçada acontece, quando eu estou em casa ele não está, então eu assumo as atividades domésticas e quando ele está em casa revertermos isso. Não tem muita pressão, acontece naturalmente, sem pressão na distribuição das atividades domésticas e não é bem distinguido, por exemplo, o homem lava a varanda e a mulher lava a louça, pegamos no pesado e no leve juntos, conforme a necessidade.”

Com as notícias sobre a Covid e a chegada do vírus no Brasil, as primeiras impressões de Cecília foram preocupação e medo. Os cuidados com a saúde antes da pandemia eram os básicos preventivos e com a alimentação. Ela acredita que o convívio com a necessidade de isolamento e de confinamento da família os deixou mais unidos.

Com relação ao trabalho dela e de seu marido, a rotina de sair ou não para trabalhar, ou até mesmo se houve perda de trabalho ou queda no rendimento financeiro, ela fala:

“Para mim melhorou, para o meu marido foi ruim. Eu trabalhei de casa e as oportunidades surgiram a partir do home office”.

E sobre conciliar o home office com a rotina escolar do filho, ela conta que a experiência foi péssima, pois seu filho não se sente interessado pelas atividades remotas e relata que uma mudança de domicílio teve que ocorrer nesse período pandêmico:

“Então eu pedi ajuda para avó paterna dele, que é pedagoga e ele foi passar um tempo com ela, está lá desde setembro. Se não fosse ela, ele iria voltar para o mesmo ano em 2021. Mas lá está funcionando”.

Se teria mais alguma mudança na vivência de maternidade durante a pandemia Cecília relata:

“O que mais noto é que, por meus filhos já serem crescidos e com menos necessidade de atenção exclusiva, o isolamento permitiu que eu olhasse para eles e para a maternidade. Aquele início impositivo de aceitar a maternidade se desfez. E eu quero preservar essa nova sintonia que despertou sobre a maternidade e o vínculo com eles para depois da pandemia. Ao me tornar mãe, eu não tive escolha a não ser aceitar a maternidade. No isolamento a maternidade se tornou uma excelente escolha; é a solução para amenizar os efeitos emocionais do confinamento e do medo”.

E sobre o futuro, como planos e aprendizados para ela e para a sociedade:

“Estou com planos. Eu iniciei dois projetos profissionais na pandemia e um intelectual. Pretendo formar ano que vem a minha turma de instru-

tores em Hatha Yoga, avançar no programa de mestrado e minha amiga de São Paulo me convidou para trabalhar remotamente com ela. Acredito que a sociedade já se modificou em questões de modelo de trabalho e estudo. Acho que piorou no aspecto de relações humanas, me sinto a exceção, mas ouço relatos e economicamente a fase posterior à pandemia será de pós-guerra. Escassez de recursos, aumento da pobreza para a grande maioria. Mas não é possível generalizar em nenhum desses aspectos”.

Maria

Preferindo ficar no anonimato, Maria — como optei em chamá-la — tem 21 anos e nasceu em Rio Branco, no Acre, no dia 22 de novembro de 1998. Maria reside no bairro Apolônio Sales com seu marido e um filho que está às vésperas de completar um ano. Ficou desempregada logo que iniciou a pandemia e atualmente dedica-se integralmente aos cuidados com o filho e às aulas do curso superior que tenta dar continuidade. Se autodeclara amarela. No final da tarde do dia 17 de outubro, entre um choro e outro do pequeno filho, Maria relata seus desafios com a maternidade durante uma pandemia.

Mesmo em um relacionamento de oito anos Maria conta que sempre se preveniu com o uso de anticoncepcional, tentou a injeção, mas como o organismo não se adaptou passou a tomar a pílula. Devido à falta de informação e estar desligada, fez uso de antibiótico. [Uma das contraindicações com relação ao uso da pílula como contraceptivo é quanto à ingestão de antibióticos, pois o mesmo anula o efeito contraceptivo da pílula]. Como resultado dessa desinformação, Maria é surpreendida com uma gravidez não planejada aos 20 anos e sente-se desesperada, pois não desejava ser mãe e não se sentia preparada para esse momento em sua vida. Ela admite que pensou na possibilidade do aborto, questionando se poderia seguir adiante com a gravidez e assumir a responsabilidade de uma criança em sua vida. Os dois, ela e seu marido, discutiram as possibilidades, mas ele não queria que ela interrompesse a gravidez. Maria passa a encarar a ideia de que seria mãe, mas ainda sentindo-se atordoada com sua nova realidade e com a sensação de que “a ficha não caiu”. Tendo dificuldades de se identificar como mãe, porém diante do primeiro choro de seu filho constata que sim, agora ela é mãe! Ainda sentindo-se perdida sem saber ao certo o que fazer com aquela criança em seus braços, a única ação que conseguia fazer era chorar. Após o susto com a descoberta da gestação e ainda com dificuldades de aceitar a maternidade em sua vida Maria relata:

“Me sinto exausta, cansada, quero sair e não posso, me sinto presa, eu perdi minha liberdade, minha independência. Eu me sinto completamente presa e responsável por uma criança indefesa. Não me sinto mãe,

me sinto obrigada a cuidar de uma criança”.

Pelo fato de estar desempregada, Maria está sempre em casa cuidando integralmente de seu filho, o marido só a ajuda após muita insistência de sua parte. Ela sente que os trabalhos domésticos aumentaram, não conseguindo desempenhar nenhuma outra atividade como, por exemplo, estudar, ou ler, pois a criança solicita sua atenção e cuidados a todo momento. [Inclusive nossa conversa foi interrompida várias vezes pelo choro de seu filho, demonstrando a sua real dificuldade em não ter sua atenção totalmente voltada a ele].

Mas Maria explica que antes da pandemia, quando ainda trabalhava fora, as tarefas domésticas eram mais divididas e seu marido a ajudava mais com os cuidados com o filho; ela tem a impressão de que antes da pandemia e da perda de seu emprego ela e seu marido se ajudavam mais. Após a pandemia sente-se sobrecarregada com tudo, cuidados com a casa e com o filho, na verdade ela acha que tudo se agravou depois da pandemia, caso contrário as possibilidades de conseguir outro trabalho seriam maiores.

Ela relata sua busca na entrega de currículos no mercado de trabalho, porém sempre tem como resposta que as contratações só ocorrerão após o momento pandêmico passar. Até mesmo a perda de seu último emprego teve como justificativa que por ela ser do grupo de risco como lactante iriam encerrar seu contrato de trabalho.

Ao se deparar com as primeiras notícias sobre o vírus, Maria fala que logo pensou que em poucos meses a doença já estaria espalhada pelo Brasil com todos se contaminando rapidamente. Ela lembra que acredita que ela já se contaminou, pois conta que sentiu todos os sintomas, mas não quis procurar a confirmação se estaria ou não com a Covid, pelo medo de sair de casa e aí sim se contaminar no caso tenha sido apenas um alarme falso. E relata o que sentiu com as medidas de isolamento impostas:

“Eu já tinha saído de uma quarentena da cesárea que foram quarenta dias, depois tive a licença maternidade. Então eu estava praticamente num isolamento, quase saindo de um isolamento e aí entrei em outro. Eu chorava muito e me desesperava porque eu não conversava com ninguém, eu não tinha tempo, era limpando tudo a toda hora”.

Como seu marido não parou de trabalhar mesmo no que se acreditou ser

o pico de contaminação na cidade, ela relata que era trabalhoso sempre que ele chegava a casa, tendo que higienizar bem as roupas e tudo o que ele trazia de fora. Mas conta que o excesso de limpeza sempre foi uma constante em sua casa, mesmo antes de todas as recomendações feitas pela OMS, ela e o marido já tinham o hábito de sempre higienizar tudo, ainda mais após a chegada de um bebê em casa.

Com ela desempregada, seu marido agora acumula dois empregos fora de casa e com isso sua sobrecarga de atividades domésticas aumentou; ele, com medo de estar contaminado, alega ser melhor não cuidar da criança para não a contaminar. Além de ficar pouco tempo em casa, e nos momentos em que está em casa aproveita para dormir ou descansar, às vezes nem ao menos se veem devido ao conflito de horários em que ambos estão acordados. Ainda assim, ela acredita que o início foi mais complicado e que agora estão conseguindo se adaptar melhor ao momento vivido. Maria explica que tentou ser incluída no Auxílio Emergencial oferecido pelo Governo Federal, mas por motivo de sua recém-demissão do último emprego ter acontecido justamente nos primeiros meses de pandemia, ela passou a receber o seguro desemprego, o que a desqualificava nos critérios do auxílio. Após o término dos meses em que recebia o seguro desemprego, Maria conta que a renda da família caiu, pois seu salário ajudava muito com as despesas da casa e dela, limitando os gastos apenas para manter o necessário com a casa e as necessidades da criança.

Dividindo a atenção entre uma mamada e outra, o acalento do colo e nossa conversa, Maria fala que nenhum familiar seu foi contaminado pela Covid, mas que dois amigos de seus familiares se contaminaram com o vírus. Ela sabe de casos de mortes entre parentes de algumas amigas e conta que mesmo sua mãe sendo uma das mais resistentes em seguir as medidas de prevenção não se contaminou. Nesse momento da conversa Maria se lembra do susto que passou durante os meses de isolamento mais rigorosos, no dia em que precisou se encaminhar a uma UPA em busca de atendimento médico para seu filho, pois ele estava com uma febre que não cessava e como nos dias anteriores ela e o marido tinham se sentido mal, suspeitando de Covid, acreditaram na possibilidade de terem se contaminado e assim passado o vírus para a criança. Como um dos trabalhos de seu marido é durante a noite, ele precisou sair do trabalho para ajudá-la no deslocamento com a criança e mesmo com muito medo de uma possível contaminação no lugar do atendimento médico, relata que o local estava seguindo rigorosamente as medidas de higienização sendo muito bem atendida por todos, médicos, enfermeiros e equipe de apoio, mas após o bebê ser devidamente me-

dicado, houve melhora e puderam voltar para casa.

Por fim, Maria fala o que pensa sobre o futuro. Mesmo nas incertezas que a maternidade lhe apresenta e sem saber ao certo o que pode acontecer, ela fala:

“Eu quero muito que tenha logo a vacina, que eu consiga um emprego, que as pessoas consigam se manter novamente, que esse caos acabe. E mais futuramente quero terminar minha faculdade, um dos meus maiores sonhos”.

E sobre algum tipo de aprendizado para ela e para a sociedade nesse momento de crise sanitária que ainda está ocorrendo, ela fala:

“Percebi como as pessoas são burras, pois a gente poderia muito bem se prevenir e evitar que o número de contaminados aumentasse, mas ao contrário disso, as pessoas não se preocupam com os outros, com o próximo, para ajudar a diminuir a curva de contaminação. Até mesmo minha mãe não se preocupava comigo; [isso] era um choque e eu não quero ela entre em contato com meu filho. Eu queria que as pessoas acordassem mais e percebessem, até mesmo nosso presidente que não deu exemplo nenhum, a não ser fazer o que não era para fazer. Aprendi que não se deve ir pela cabeça dos outros, siga as instituições de saúde”.

Maria Emília

Maria Emília relata a mim, Aline Paiva, no início da noite de 04 de dezembro de 2020, sua experiência de maternidade na pandemia. Além de sua intensa e emocionante vivência como mãe, Maria Emília conta a angústia de estar longe de seu companheiro que se contaminou com a Covid e a apreensão por estar longe da família, sendo a única responsável por sua filha nos primeiros meses de pandemia. Além disso, ela tenta conciliar os compromissos profissionais e os cuidados com a sua filha. Nascida em São Paulo, no dia 19 de julho de 1978, atua como jornalista e indigenista. cursando uma pós-graduação, se autodeclara branca e reside no bairro Floresta Sul em Rio Branco, no Acre.

“Meu nome é Maria Emília e vou começar esse relato contando um pouco sobre como a maternidade aconteceu na minha vida. Ela aconteceu de forma muito forte e intensa, porque eu tive uma primeira experiência, um dia fui mãe e tive uma filha que faleceu com quatro dias. A minha experiência foi muito forte, porque fui para o hospital e depois fui embora sem a minha filha, isso marcou a minha vida, foi a minha primeira filha. Três meses depois eu engravidei novamente da minha filha, que hoje tem seis anos. Então essa minha primeira gravidez não foi planejada e tive esse acontecimento trágico, sem respostas, não soube exatamente qual foi o porquê. Tenho algumas suspeitas do que aconteceu, mas os médicos não deram um diagnóstico fechado e três meses depois engravidei novamente, não planejado também. Mas foi uma benção, mesmo sendo uma gravidez difícil, pois era de risco. A minha primeira gravidez não foi de risco, até então eu não havia identificado que era de risco, porque pode ter acontecido alguma coisa que eu não cuidei e por isso que a minha primeira filha veio a falecer.

A segunda gravidez que é da filha que tenho hoje, fiquei com diabetes gestacional, o que tornou de risco e foi muito difícil porque eu ainda estava com o luto da primeira filha. Foi quando também caiu a ficha de que a morte da minha primeira filha pode ter sido por uma diabetes gestacional não identificada. Então sem entrar muito em detalhes, a experi-

ência de ser mãe para mim foi muito forte desde o início por conta desse acontecimento. Que acredito na verdade a minha... [nesse momento a entrevistada se emociona ao lembrar de sua primeira filha. Pergunto a ela se gostaria de interromper a conversa e continuar num outro momento, mas ela afirma que tudo bem continuarmos.]

Mas é um pouco isso, de momentos muito difíceis, que foi entre os anos de 2013, quando tive a primeira filha, e o ano de 2014, quando eu tive a minha segunda filha. Então tive um parto natural — a minha primeira filha foi cesárea — e nesse parto natural eu sinto que renasci, porque essa experiência de ter perdido a minha primeira filha me fez envelhecer dez anos em um sentido metafórico. Senti que renasci depois que pari, dos primeiros meses que minha segunda filha ficou bem e está aqui conosco até hoje. Eu me descobri mãe de uma maneira muito forte e intensa, até mesmo visceral”.

“Bom, a relação com a minha filha é super intensa também, somos muito apegadas uma à outra. Acho que por conta de tudo isso que eu passei como mãe, essa experiência traumática também, sou muito preocupada, carrego um pouco esse trauma. Então estou sempre muito atenta e preocupada. E ela é muito parecida comigo, tem um jeito que parece comigo e temos essa relação muito forte e intensa. Ela [minha filha] está sempre querendo a minha atenção, é uma criança muito agitada e quer sempre brincar, o que demanda muito de mim. Mas temos essa relação muito forte, por conta de tudo isso que vivi de alguma maneira deixou essa relação mais intensa. E também teve um momento nesse ano que eu contei para ela o que tinha acontecido, então eu não sei se ela sente isso também, de ter tido essa irmã” [mais uma vez a entrevistada se emociona ao falar dessas lembranças e do momento delicado que viveu].

Sobre a rotina da família e tarefas domésticas Maria relata:

“Em relação às tarefas domésticas, sou casada e tenho uma relação estável com o meu marido, pai das duas filhas. Então temos uma ligação muito forte também, depois de tudo que a gente viveu, nesses anos todos. Eu tenho oito anos de relacionamento com meu companheiro, temos uma rotina, sempre procuramos estabelecer uma rotina com a nossa filha, com hábito de dormir cedo para acordar cedo e manter os horários das refeições, com todos juntos à mesa. Essa coisa de ter criança acaba levando os adultos para uma vida com rotina sistemática, porque isso é saudável para a criança, então sempre preservamos e cultivamos muito isso antes da pandemia.

Ano passado estava em Brasília, fui fazer mestrado e meu marido ficou em Rio Branco, fui sozinha com a minha filha e tinha que dar conta de tudo, do trabalho, do mestrado, das aulas que estava fazendo na universidade e do cuidado com a minha filha. Essa rotina era rigorosa, levar a criança na escola, pegar para o almoço, depois levar de volta para a escola e depois buscar novamente na escola, ficávamos um pouco juntas à noite e íamos dormir às oito e meia da noite. Mas eu ainda tinha um terceiro turno para ler algum texto e dormia de fato onze meia a meia noite. No outro dia, às seis e meia da manhã já estava de pé. Aqui em casa temos uma rotina de acordar cedo por conta da minha filha que sempre acorda cedo, pelo fato de nós sempre cultivarmos isso, dormir cedo e acordar cedo, almoçar nas horas corretas. E a escola e as atividades que tinham durante o presencial ajudavam muito a definir essa rotina familiar nossa, que sempre foi a hora que ela estava na escola era sempre quando tínhamos mais concentração para trabalhar. Eu há muitos anos sou consultora, jornalista, mas indigenista também, trabalho para organizações não governamentais e trabalho em casa; essa rotina de deixar o filho na escola e voltar para casa e se concentrar para trabalhar. Sempre contamos com alguma funcionária em casa para ajudar nessa questão de limpeza e cozinhar, durante a semana toda ou três vezes para ajudar nesses afazeres mais domésticos. Só no ano passado em Brasília que eu tinha apenas uma pessoa só por semana, porque o apartamento era menor e eu também estava tendo mais gastos e não podia ter uma pessoa muitas vezes na semana”.

E pontua as mudanças que ocorreram durante a pandemia:

“Durante a pandemia virou tudo um caos, a rotina em caos também. Acho que a pandemia teve várias fases, no começo dela foi aquele isolamento total e eu dispensei a moça que trabalhava aqui em casa, eu estava com duas faxineiras que se revezavam nos dias, dispensei as duas. Meu marido estava fora; ele é antropólogo e estava viajando, fazendo um trabalho que ficaria alguns meses fora de Rio Branco e a pandemia nos pegou nesse distanciamento. Então eu me vi sozinha numa casa enorme, porque moro numa casa grande com três quartos e vários outros cômodos, uma varanda grande e no meio do mato com cinco cachorros [risos]. Foi essa mudança na rotina, a criança parou de ir para a escola, eu estava num esquema de fazer um mestrado, mas como eu disse, trabalho com povos indígenas e a pandemia começou a afetar os povos indígenas, fui chamada por uma organização indígena da Amazônia que é a COLAB [Coordenação das Organizações Indígenas da Amazônia Brasileira] para trabalhar num plano emergencial de combate à Covid.

A partir desse momento eu comecei a ter que trabalhar em casa, já trabalhava em casa, mas esse trabalho se intensificou, pela própria questão da pandemia, pois estava atuando numa situação de emergência e mesmo sem precisar sair de casa o trabalho pela internet estava muito intenso. E a criança sem a escola! Então tive que dar conta de tudo, tanto da atenção para ela, fazer a comida, arrumar a casa e trabalhar, isso foram algumas semanas até que começou a ficar caótico demais e eu consegui que uma das pessoas que faziam faxina aqui em casa viesse para cá e ficasse comigo em isolamento. Foi quando deu uma força e conseguia trabalhar, ter alguém cuidando da casa e também ajudando, até mesmo com a filha que ela tem fazendo companhia para a minha filha. Esse esquema durou por pouco tempo, um mês aproximadamente, mas depois eu me vi novamente sozinha tendo que dar conta de tudo de uma casa, limpeza, arrumação, cozinhar. E o que dificultou na escola da criança foi que não só [estávamos] sem a aula presencial, mas a escola online exigiu mais uma demanda, um tempo meu para acompanhar as aulas e ensinar a ela. Porque sabemos que esse aproveitamento das crianças de ensino a distância não é o suficiente, então tem que acompanhar e ensinar, fazendo o papel também de professor dos filhos em casa. Depois consegui que uma amiga minha viesse ajudar, mora perto e é minha vizinha, abrimos um pouco a nossa bolha, com essa minha amiga vindo à minha casa com frequência para me dar uma força até meu marido conseguir voltar.

Foram quatro meses que ele não conseguia voltar, ficou em Roraima onde estava fazendo um trabalho, então nesse período de quatro meses tive que dar conta de tudo sozinha. Quando meu marido voltou as coisas melhoraram com certeza, porque conseguimos dividir as tarefas, mas vieram outras questões. Porque ele também tem que trabalhar, então sempre ficamos nessa tensão de tentar conciliar as agendas, porque ele tem os compromissos dele e eu tenho os meus. Ficamos sempre nessa negociação de quem vai fazer o quê. Também teve um momento depois, quando as coisas se flexibilizaram um pouco, já que há dois meses que a moça que trabalhava aqui voltou a vir três vezes na semana, dando uma aliviada. Mas a questão da rotina no começo foi muito difícil, porque começamos a dormir mais tarde, as refeições eram em horários diferentes. Foi difícil manter aqueles horários que tínhamos antes da pandemia, só pouco a pouco que conseguimos fazer uma nova rotina dentro da pandemia”.

Sobre a saúde antes da pandemia:

“[Não tenho] nenhum cuidado especial em relação à saúde de alguém, tenho minha mãe que é mais velha, mas que mora em São Paulo, mas ela não tem nenhum problema de saúde. Sou uma pessoa que tem uma tendência a ter diabetes por causa do meu pai, então já faz três anos que modifiquei a alimentação, [agora faço uma alimentação] monitorada. Mas ninguém tem um problema sério de saúde na família”.

As notícias sobre o vírus e chegada dele ao Brasil:

“As primeiras impressões foram terríveis, eu acho que essa questão da pandemia foi algo que nunca ninguém viveu da nossa geração. [Foi] um momento único para todo mundo e foram muito alarmantes as impressões. Teve um primeiro momento que fiquei muito preocupada, ficamos com muito medo, uma coisa muito nova e que eu tinha medo que acontecesse alguma coisa comigo sem minha família aqui, pois são de São Paulo. Meu marido também não estava aqui, então eu me cuidei muito porque se acontecesse alguma coisa comigo ou com a minha filha ia ser muito ruim. Principalmente porque se acontecesse alguma coisa comigo, [eu] estava sozinha com a minha filha. Mas, por outro lado, o que me confortava muito no começo era justamente eu estar na minha casa, que eu construí; um lugar que tem quintal, vegetação, animais. Teve essa sensação de que as escolhas que fizemos anteriormente de ter construído essa casa, de estar neste lugar e não num apartamento na cidade, [isso] fez com que víssemos que foram escolhas certas. Isso me deixou muito confortável. Num primeiro momento me deu muito medo, uma sensação muito ruim, mas ao mesmo tempo uma sensação de que eu estava protegida por estar nessa casa, nessa possibilidade de estar protegida e confortável na minha casa.

Outra coisa que aconteceu acho que foi a sensação de impotência, de ser algo que não pode ser controlado e também de ter a liberdade roubada. Não poder sair, não poder fazer aquilo que sempre fez, [você] passa a refletir e dá valor também para pequenas coisas que são cotidianas. Como encontrar os amigos, dar uma volta na cidade. Essa mudança da forma como se vive no dia a dia acho que foi mais impactante para mim. Sou uma pessoa que sempre trabalhou em casa, então isso não mudou muito, mas não ter essas outras coisas externas, não ter a escola da criança, não poder sair para encontrar amigos, não poder ir fazer uma compra no supermercado...

Ter essa sensação de que [você] está correndo risco simplesmente por você ir comprar alguma coisa é muito ruim. Eu tive alguns problemas burocráticos de banco e isso foi ruim também, lembro-me da primeira

vez que saí e fui ao banco, fiquei muito tensa. Tinha ficado um mês e meio em casa, sem sair do bairro, só dando umas voltas de bicicleta com a minha filha, o que eu também vejo como privilégio de estar morando numa zona mais afastada da cidade, com poucas casas. Quando fui ao banco, lembro que foi muito tenso e esse dia me marcou, estava muito apreensiva, mas eu tinha que resolver, não conseguia de outra forma. Ficava apreensiva com as pessoas que chegavam perto de mim e não estavam usando máscaras, então acho que esse foi um pouco do começo, depois as coisas foram mudando”.

Abaixo Maria relata como foi quando seu companheiro se contamina com Covid:

“Teve a parte que o meu marido se contaminou com a Covid lá em Roraima, ele não estava aqui, estava trabalhando. E eu comecei a ficar muito apreensiva porque eu estava aqui em isolamento e ele longe trabalhando, não estava em isolamento. Então eu o alertava que ele poderia se contaminar, fiquei angustiada, mas foi inevitável, ele se contaminou. Mas ainda bem que não foi grave, ele teve sintomas leves. Porém, foram as duas semanas mais difíceis também para mim, porque fiquei muito apreensiva”.

E sobre o trabalho:

“Com relação ao trabalho na verdade só aumentou, no meu caso como sou jornalista, essa questão da comunicação ficou muito evidente e mais estratégica do que já era, por conta do próprio isolamento. As pessoas terem que trabalhar de casa, as notícias dos fatos que estavam acontecendo, então no meu caso o trabalho aumentou como eu falei anteriormente. Acabei conseguindo um trabalho novo na pandemia e por conta da pandemia, para implementar todas as ações e atividades estratégicas de comunicação do movimento indígena da Amazônia de enfrentamento à Covid. Sinto que as outras pessoas que trabalham nesse meio da comunicação indigenista estavam trabalhando muito mais. Essa questão de ficar em casa e tudo junto, faz com que não se separe as horas do lazer com as do trabalho, dos afazeres domésticos. Tudo começou a se sobrepôr, acho que foi essa sensação de estar trabalhando mais, de estar fazendo mais reuniões e eventos, essa coisa de estar muito tempo no computador. Eu já trabalho no computador há muitos anos, mas eu acho que isso se intensificou. Não tive um prejuízo, mas sim mais trabalho”.

Maria faz uma reflexão sobre os aprendizados que a pandemia trouxe e o que pensa para o futuro:

“Eu acho que essa pandemia trouxe muitos aprendizados para todos nós, para mim e minha família e acho que para as crianças. Acompanhamos também como as crianças vêm lidando com isso, acho que as mães não têm só essa preocupação de estar bem, mas de manter seus filhos bem. Proporcionar e dar as condições para que eles fiquem bem e acho que o grande desafio é a gente conseguir resiliência nesse momento todo. Acho que a gente está adquirindo isso, eu vejo que as crianças são mais resilientes. Uma coisa que eu me preocupei muito, que acho interessante expor aqui, nessa relação da minha filha com a escola foi justamente de tentar entender o lado dela, no sentido dessa nova adaptação de uma educação online. Acho que isso foi um desafio para todos. Para professores, pais e crianças, nesse novo formato. E não gerarmos aquelas expectativas que geramos quando estávamos em outra situação, a presencial. Em termos de ensino e conteúdo, entendemos que os aprendizados desse período, nesse novo formato, estão além do conteúdo passado. O que eu tentei muito foi respeitar as vontades e esse processo de adaptação da criança não estar em convivência e não estar interagindo com os colegas, professores; a forma online é cansativa para a criança. Vejo a minha filha, que é uma menina muito brincalhona e com muita energia, muito ativa, [ela] essa dificuldade de se concentrar durante as aulas e querer aprender nessa situação e formato. Tivemos várias fases, teve a que era a da novidade da criança em [casa] estar assistindo as aulas pelo computador. Mas depois uma recusa e falta de vontade de estar cumprindo essa agenda de aulas online, ao invés de acordar e brincar e estar em casa com os pais.

Acho que as crianças ficaram muito nesse dilema, o que eles mais querem é estar com os pais e os pais agora [estão] o tempo todo com eles em casa. Então se gerou uma expectativa na própria criança de estar junto com eles brincando e fazendo atividades recreativas, ao mesmo tempo tiveram que lidar com a frustração porque os pais estavam em casa, mas não estavam disponíveis. Porque tinha todos esses outros afazeres domésticos e profissionais dos pais, então isso gerou certo conflito. E nessa relação e convivência de tentar explicar que precisávamos cada um respeitar o espaço do outro e a vontade do outro nessa situação, como [cada um] se sentia com essas mudanças.

Acho que o desafio é essa convivência, é lidar com os próprios sentimentos dessa perspectiva de não saber quando tudo isso vai acabar.

Mas acho que foi muito importante, pensando no pós-pandemia, continuarmos mantendo esses planos, minha filha ainda sonhar e planejar tudo o que ia e vai fazer. Muito resiliente da parte da minha filha de não deixar de sonhar e se planejar, querer fazer as coisas depois que o corona acabar. Estamos muito nessa perspectiva de continuar sonhando e planejando. Muitas pessoas acabam entrando numa depressão por conta dessa falta de perspectiva, de não poder se planejar por não saber quando tudo isso vai acabar e agora que vivemos essa segunda onda, por mais que exista um horizonte de vacina, não temos ao certo definições de como isso vai acontecer de fato e se poderemos voltar à normalidade. Até porque entramos na discussão de uma nova normalidade que algumas pessoas vêm falando, na verdade essa pandemia pode ser simplesmente o início de várias outras pandemias que podem surgir das mudanças climáticas, da própria ação do homem sobre o meio ambiente e as consequências disso.

Para concluir, acho que o aprendizado é cultivarmos a paciência, saber lidar com essa situação de estresse e [que] busquemos atividades onde tenhamos um desenvolvimento pessoal. Que em cada momento possamos gerar gentileza, mais consciência e controlar as próprias ansiedades e preocupações exacerbadas com o futuro incerto que ainda temos que lidar. Com certeza, sairemos mais fortalecidos, a nossa família, desse momento pós-pandemia, temos algumas situações de pessoas que tiveram uma ruptura com as relações que chegaram ao extremo. E o aprendizado é isso também, lidar com as novas situações que a própria pandemia causou, em trazer questões em relações que não estavam saudáveis e que a pandemia possibilitou que isso ficasse mais evidente, mais forte e intenso. Lidar com essa intensidade de emoções, acho que é um aprendizado pessoal e familiar. Acho que como mãe aprendi a valorizar a própria convivência com a família, no sentido de aproveitar melhor esses momentos juntos. Por exemplo, eu aprendi a fazer bolo [risos], que era uma coisa que eu nunca tinha feito e foi muito legal porque fiz alguns bolos junto com a minha filha, isso com certeza foram momentos importantes para estarmos juntos. Compartilhar amor e coisas simples que são importantes”.

Nattércia

Eu, Aline Paiva, conversei com Nattércia no dia 29 de outubro de 2020, uma quinta-feira. Nattércia trocou áudios comigo durante a tarde, enquanto dava expediente em home office como jornalista. Ela mora no bairro Alto Alegre, em Rio Branco; tem ensino superior completo, é casada e se identifica como parda. Nasceu em 13 de junho de 1985. Em seu relato, Nattércia, que contraiu Covid, conta das dificuldades da pandemia, mas também do sentimento de maior aproximação com a família em tempos de confinamento.

“Engravidei aos 31 anos. Já vinha tentando há dois anos e usei um remédio de ovulação para conseguir. Foi um momento bem feliz.

Minha filha é uma criança de creche. Passou a ir pra creche a partir dos seis meses, em tempo integral, então só tive muito tempo com ela na época da licença maternidade. Depois passava o dia trabalhando e só a via às 18h. Esse ano ela foi para a escola, também integral, e a rotina continuava a mesma.

Com a pandemia, esse foi o maior impacto que senti. Ficar em casa em tempo integral com ela. Foi como se eu estivesse vivendo a licença maternidade novamente, mas com uma criança de quatro anos, com demandas diferentes.

Eu fiquei em home office, mas meu esposo trabalhava duas vezes por semana.

As tarefas domésticas e [as tarefas] com a criança são bem divididas. Acho até que ele faz mais que eu, porque não tenho tanto apego a uma casa limpa, já o companheiro é mais ligado nisso.

Em compensação, a criança fortalece o laço comigo. Quer ficar comigo o tempo inteiro. Não gosta quando o pai chega do trabalho”.

Suas primeiras impressões com as notícias sobre a Covid e sua chegada ao Brasil foram:

“Primeiro: “não deve ser algo tão grande”. Depois: “vai todo mundo morrer, as pessoas estão sem trabalho e não posso ajudar”.

Com relação aos cuidados com a saúde da família antes da pandemia:

“Apenas com a criança, sempre houve uso de álcool em gel com ela porque pegava muito nas coisas e não faltava na bolsa”.

Sobre o isolamento social e as medidas de confinamento:

“[Foi] difícil, porque tínhamos uma rotina de passeios e a criança ficava entediada, não entendia porque não podia sair, não podia ver os avós. Os primeiros meses foram bem difíceis.

Como servidores públicos, os rendimentos se mantiveram estáveis. Podemos dizer até que economizamos em algumas áreas, como combustível, e revertemos em outros benefícios para a casa”.

Perguntada se teve contato com o vírus ou algum familiar que se infectou ou faleceu:

Pegamos eu e meu esposo. Marina [a filha] não sentiu nada, mas deve ter tido contato com o vírus. Tivemos sintomas leves e mantivemos a calma, então os sintomas psicológicos foram mais controlados. Minha sogra faleceu de Covid. Foi algo muito rápido. Questão de 20 dias. Ela começou com uma tontura e foi ao hospital particular (não tinha plano de saúde). A partir dali, foram várias idas a especialistas: cardiologistas, nefrologistas, mas ninguém descobria, e piorava. Foi a vários hospitais públicos, mas não conseguia internação, e na UPA; o teste havia dado negativo. Quando piorou mesmo, levaram ao INTO e de lá não saiu. Ela só ficava em casa, mas na casa morava o irmão do Ralph [esposo] com a família de crianças pequenas que brincavam na rua”.

Se a pandemia trouxe algum tipo de aprendizado:

“Acho que valorizamos mais a presença das pessoas e o momento presente, porque agora sabemos que não conseguimos fazer planos pra nada”.

E ela falou sobre planos para o futuro:

The page is decorated with puzzle pieces. At the top, there are several pieces, some of which are solid grey and others are white with grey outlines. These pieces are arranged in a way that they appear to be part of a larger puzzle. The text is placed in the white space between these pieces.

“Em longo prazo, não. Tenho tentado valorizar cada vez mais o agora”.

Sobre como ela acredita que será a sociedade após a pandemia:

“Talvez com mais cuidado”.



II

Relatos

coletados por Jéssica Matias:

*Gerciani, Joyce Ramos, Silvana
Ramos, Simone Dimas*



Da coleta de relatos⁴

O ano de 2020 representou um grande desafio para todo mundo, considerando o contexto social, político e econômico vivenciado em decorrência da Covid-19. Essa nova conjuntura nos obrigou a reconfigurar nossas relações sociais, assim fomos obrigados a nos adaptar a muitas restrições.

A maternidade iniciou-se em minha vida há sete anos. Desde o primeiro ano da criança eu possuo sua guarda unilateral, pois o pai reside em outro Estado. No decorrer dos anos pude sentir o impacto das dificuldades que uma mãe solo enfrenta para criar um filho, exercendo múltiplas jornadas, muitas vezes despercebidas e desvalorizadas pela sociedade.

No final do ano de 2019, veio a minha segunda gestação, e o parto aconteceu em meio a pandemia do coronavírus no mês de maio de 2020, exatamente no pico de elevação da Covid-19. Sinto uma angústia até hoje quando lembro do dia do nascimento da minha filha. Quando começaram os sinais de que o parto se aproximava, me dirigi à maternidade Bárbara Heliodora com o meu noivo. Ao chegarmos lá, tinha um segurança na porta informando que apenas as gestantes poderiam entrar, e que não seria permitido acompanhante na hora do parto e sequer após o parto – com exceção para o parto cesáreo, no qual, mesmo assim, o acompanhante deveria esperar do lado de fora até o horário do procedimento. Após a avaliação da médica, fui encaminhada para ficar em uma sala para evolução do parto para, após três horas, ser avaliada novamente. Foi horrível ter que ficar sozinha naquele momento, sem contar que a sensação de usar máscara sentido dor é a pior possível.

Após uma hora, resolvi sair e falar com o meu noivo e decidimos ir ao Hospital Santa Juliana, e lá nos informaram que ele poderia me acompanhar. O parto evoluiu e lembro que o que mais escutei dentro da sala foi: “Não tira a máscara”. No momento do parto já é complicado controlar a respiração, imagine com o uso de máscara, sensação horrível. Por medidas de prevenção eram realizados todos os exames no recém-nascido e se estivesse tudo certo já estavam liberando para irem para as suas casas evitando uma possível exposição ao coronavírus. Durante a quarentena, me mantive em isolamento social com as minhas filhas e foi complicado conciliar a jornada de mãe com a rotina acadêmica, mesmo que online.

4 Texto escrito em janeiro de 2021, e adaptado para a publicação do livro.

A minha filha mais nova não podia me ver com o fone de ouvido que já começava a chorar querendo colo, com a intenção de puxar o fone de ouvido, toda vez, chega a ser engraçado. Tenho a impressão de que nas horas em que precisava me conectar ao Google Meet elas ativavam a bateria no 220, por este motivo foi bastante desafiador participar deste projeto de extensão.

O projeto *As margens da Pandemia: Relatos de maternidades* nasceu a partir de debates de se pensar a vida das mulheres, mães, acadêmicas, que travam suas batalhas “visíveis” e “invisíveis” em meio a pandemia.

Essa ação de extensão online é de extrema importância para se pensar como a Universidade Federal do Acre vem desenvolvendo seus trabalhos, trazendo reflexões de como suas atividades podem ser flexibilizadas para atender as mulheres que compõem esse espaço.

O método do trabalho do projeto se constituiu de encontros deliberativos via Google Meet. Utilizamos este método em respeito às recomendações de distanciamento social, assim os encontros foram para a apresentação de materiais teóricos, para uma melhor reflexão sobre a proposta do projeto, e assim podermos adotar uma metodologia para usarmos na evolução e coleta das entrevistas.

Uma dessas metodologias foi a entrevista via WhatsApp. Optou-se por usar essa rede social por ser de fácil manuseio e ser uma ferramenta flexível, tendo em vista as várias responsabilidades do dia a dia das entrevistadas e da entrevistadora. Com esse aplicativo, poderíamos ter a entrevista escrita ou em áudio. Durante as entrevistas e leituras dos relatos coletados pela equipe do projeto, pude observar que, com a pandemia, as mães passaram a ter suas funções mais que dobradas, pois passaram a ter que cuidar da casa, cuidar dos filhos, mediar os estudos das crianças, em alguns casos, cuidar dos estudos da faculdade. Para as mães solo, a situação se tornou mais difícil, por serem provedoras da casa não podem “se dar ao luxo de ficarem doentes”, pois a necessidades dos filhos vem antes das suas e ao mesmo tempo que se cuidam, elas tendem a enfrentar os seus medos com a única prioridade de sustentar os seus filhos.

Segundo Eliane Comoli e Karen Canto (2020), com a repentina mudança no modo de vida, as famílias tiveram que adequar os espaços privativos (casa) para trabalho e estudo, o chamado home office. Nesse sentido as mulheres precisaram criar uma logística de produtividade a qualquer custo, onde muitas das vezes as horas de trabalho excedem o normal em decorrência da “facilidade” de contato.

O contexto pandêmico trouxe outros embates e discussões, percebeu-se que as atividades realizadas pelas mulheres mais que triplicaram. A ONG Gê-

nero e Número e a SOF – Sempre Viva Organização Feminista realizaram uma pesquisa com mais de 2.641 mulheres, denominada SEM PARAR: o trabalho e a vida das mulheres na pandemia⁵, nos revelou alguns dados alarmantes: 50% das mulheres brasileiras passaram a cuidar de alguém durante a pandemia; 72% afirmaram que aumentou a necessidade de monitoramento e companhia; 40% das mulheres afirmaram que a pandemia e a situação de isolamento social colocaram a sustentação da casa em risco; 58% das mulheres desempregadas são negras; 61% das mulheres que estão na economia solidária são negras; 8,4% das mulheres afirmaram ter sofrido alguma forma de violência no período de isolamento. Esses dados nos possibilitam ter uma dimensão da situação enfrentada pelas mulheres nesse contexto de pandemia, e temos uma noção da intensificação da desigualdade social gerada nesse cenário.

Nossas entrevistas não fogem à regra, pois uma das dificuldades encontradas foi receber respostas diretas, sem muito desenrolar, das entrevistadas, como se tivessem medo de expressar a sua situação; percebeu-se também uma tentativa de nos persuadir sobre a participação dos maridos nas atividades domésticas.

As entrevistas tiveram como suporte o aplicativo whatsapp, apesar de ser uma ferramenta de uso diário, o retorno das entrevistadas acontecia de forma gradual, levando dias ou até semanas, mas quando encontraram um tempinho em suas rotinas, retornaram as entrevistas e explicaram a correria em suas residências, que eu entendia muito bem, pois eu como mãe estava passando o mesmo com uma bebê que não me deixava nem pegar no celular para responder as mensagens, que estava quase sempre em busca de mamar e que não aceitava ficar nos braços de ninguém se não fossem os meus.

Para realizar as transcrições das entrevistas, tive a madrugada como o melhor horário disponível, em algumas noites o cansaço me consumia ao ponto que não tinha forças para me manter acordada e tinha que levantar ao raiar do dia, antes das crianças acordarem para dar continuidade às transcrições. Vale ressaltar que as mães alegaram que preferiam seguir com a entrevista em forma escrita, pois em áudio corria o risco de interromper o sono das crianças. Durante o período da coleta e transcrição dos relatos ainda tive um problema técnico com o meu equipamento, que teve que ser levado para a assistência técnica. Tive que esperar o reparo por algumas semanas, ocasionando atraso e dificuldades nas

5 GÊNERO E NÚMERO; SOF SEMPREVIVA ORGANIZAÇÃO FEMINISTA. SEM PARAR: o trabalho e a vida das mulheres na pandemia. Disponível em: https://mulheresnapanemia.sof.org.br/wp-content/uploads/2020/08/Relatorio_Pesquisa_SemParar.pdf. Acesso em: 12 ago. 2024.

transcrições, então compreendo a luta diária de cada uma dessas mães. Por outro lado, algumas mulheres relatam a sua vida de acordo com o que é “bem visto” pelo senso comum, e não de acordo com um contexto social e histórico da exploração do trabalho do cuidado.

Este projeto de extensão nos possibilitou um contato mais direto com essas mulheres, dando-nos um olhar mais compreensivo e ao mesmo tempo mais crítico sobre o que estamos enfrentando. Ficou evidente que há mais vozes que necessitam serem ouvidas, e suas histórias compartilhadas com o público em geral, e este projeto foi uma porta para essas vozes saírem do esquecimento e conseguirem uma maior visibilidade sobre as suas lutas diárias. Com os depoimentos esperamos que haja um maior conhecimento sobre as dificuldades que uma mulher-mãe enfrenta em nossa sociedade. E que isso possa levar a conscientização para a redução da romantização da maternidade.

O contato com a Gerciani ocorreu no dia 27 de novembro e finalizamos no dia 29 de novembro de 2020. A entrevistada consentiu seguir com a entrevista pelo aplicativo whatsapp no período da noite, após as crianças dormirem. Para não interromper o sono das filhas, ela concedeu a entrevista de forma escrita. Gerciani nasceu em Rio Branco no dia 08 de dezembro de 1997. Casada e mãe de três meninas, está gestante pela quarta vez, na espera de um menino. Ela permitiu que eu, Jessica Matias, colhesse e transcrevesse o seu relato, e essa é a sua história.

Me chamo Gerciani, me considero parda, tenho vinte e dois anos, sou casada há oito anos e tenho três filhas: Nicolly de nove anos, Heloísa, de cinco anos, e Laísa, de um ano, e no momento estou com seis meses de gestação, estou esperando um menino. Nasci em Rio Branco, resido em uma casa alugada no bairro Rui Lino III, e não cheguei a concluir o Ensino Médio. Meu esposo é borracheiro e atualmente eu sou autônoma, vendo roupas para complementar na renda da família e também sou beneficiária do programa Bolsa Família.

Sou uma pessoa bem família, tenho uma relação bem próxima com os meus pais, e sempre estamos juntos, mesmo morando em casas diferentes. A figura paterna que tenho na minha vida não é o meu pai biológico, mas é o melhor pai que alguém poderia ter. Ele me criou praticamente desde o meu nascimento, ele é simplesmente um ótimo pai e um ótimo avô, minhas filhas amam ele.

Tornei-me mãe ainda na adolescência e abdiquei de muitas coisas, o mais importante a ser citado foi o abandono dos meus estudos. Não consegui conciliar a responsabilidade de ser mãe e dona de casa com a rotina de estudos. Quando engravidei da minha primeira filha, eu tinha treze anos; então, não foi uma gestação planejada, eu era muito nova e mal sabia me cuidar, só descobri que estava grávida quando estava com uns quatro meses, porque minha mãe desconfiou e me levou para realizar o exame. Mesmo com o meu consentimento, a gestação foi consi-

derada um crime, por eu ser menor de idade e o pai da criança ter completado a maioridade naquele mesmo ano, então o hospital acionou o conselho tutelar.

Eu, ele e a minha mãe tivemos que passar por várias audiências para tentar solucionar a situação, pois não queríamos que ele fosse preso. No final do processo ele teve que assinar um termo em que se responsabilizaria por mim até a minha maioridade, e, mesmo que não estivéssemos mais juntos, ele seria o principal responsável por mim e teríamos que comparecer nas audiências mensalmente. Nós nos separamos um tempo depois que a Nicolly nasceu, mas ele continuou a dar todo o suporte a ela.

Alguns meses depois, conheci o meu atual esposo. Nossa relação foi bem intensa e em algumas semanas já fui morar com ele. Naquele tempo ele ainda morava na casa da minha sogra, com as irmãs e sobrinhas dele, e só o que eu posso dizer nesse momento é que, graças a Deus, não moramos mais lá. Foram anos de brigas e desentendimentos com a família dele, e até hoje não falo com uma das irmãs dele, nem em comemorações e reuniões da família eu compareço se ela estiver presente. Hoje em dia tenho uma relação boa com a minha sogra, mas tipo assim de longe nos damos bem, mas para conviver todo dia eu não quero nunca mais.

Quando me mudei, meus pais não permitiram que eu levasse a minha filha. Como eu era muito nova naquele tempo eles não acreditavam que eu teria responsabilidade para cuidar dela. E até hoje a Nicolly mora com eles. O pai dela foi morar em outro estado há um ano. No início ela queria ter ido com ele, mas sempre falava que não queria ir para morar, só queria ir passar uns dias e depois voltar para a casa dos avós. Já pensei em trazer ela para morar comigo, mas meus pais são bem apegados a ela e vice versa, quando ela vem passar o fim de semana na minha casa, constato que ela não se adaptaria a morar definitivamente comigo, acredito que seja melhor ela continuar morando com os avós mesmo.

Estava casada há alguns anos quando engravidei da minha segunda filha, também não foi uma gestação planejada. Acredito que engravidei devido à troca de anticoncepcional, meu organismo não se dava bem com eles e tive que trocar de medicamento diversas vezes. A gestação foi bem difícil, tive um quadro de infecção urinária grave e foi necessário ficar um longo período internada na maternidade, até que os médicos decidiram por uma cesárea. A Heloísa nasceu quando eu estava com oito meses de gestação. Nesse tempo me dei conta que meu círculo de amizades tinha diminuído, por eu não ter mais tempo para sair e conversar, algumas pessoas foram se afastando de mim, tem umas que

nunca mais voltaram a falar comigo, mas é assim mesmo, nossas prioridades mudam e as amizades também.

Quando descobri que estava grávida da minha terceira filha, entrei em choque, não queria acreditar de maneira nenhuma. Eu tomava o anticoncepcional, mas por causa de alguns problemas de saúde tive que tomar antibióticos por algumas semanas e, de acordo com o médico, um dos antibióticos cortou a eficácia do anticoncepcional. Naquele tempo só o meu esposo trabalhava e estávamos em uma situação financeira bem difícil. Não tivemos condições de comprar ao menos o enxoval da neném, mas graças a Deus, as pessoas doaram tudo para auxiliar na chegada dela. Tivemos que ir morar na casa dos meus pais por alguns meses, para tentar juntar dinheiro para quitar algumas dívidas. Foi uma gestação tranquila, não tive nenhuma complicação, mas a bolsa estourou antes do tempo e minha filha Laísa nasceu quando me encontrava com oito meses de gestação por meio de uma cesárea.

Agora estou gestante novamente, talvez seja por culpa minha mesmo, por confiar na pílula do dia seguinte. Cheguei a comprar e tomar a pílula, mas não teve eficácia. Ainda me lembro quando fiz o exame de Beta HCG e confirmou a gravidez, bateu um desespero, ainda estava com uma criança de colo, fiquei pensando no que as pessoas iriam falar e pensar a meu respeito. Pensei até em tomar um chá que dizem ser abortivo, chorava tanto, fiquei extremamente abalada, mas meu esposo conseguiu me acalmar e aceitar melhor essa gestação.

Bom, com esta gravidez decidi que será a última, não quero mais surpresas, não pretendo ter mais nenhum filho. Iniciei o pré-natal e já dei entrada no processo de laqueadura, só estou aguardando o bebê nascer para realizar o procedimento.

Antes da pandemia, aluguei uma casa no conjunto habitacional, e estava trabalhando como garçonne em uma pizzaria. As primeiras semanas foram difíceis para a minha filha Laísa, ela era muito novinha e mamava exclusivamente no peito, mas por necessidade de trabalhar tive que oferecer fórmulas para ela. Minha mãe cuidava das minhas filhas até praticamente meia noite, horário em que eu passava na casa dela para buscar as meninas. Elas ficavam até esse horário com a minha mãe, porque meu esposo precisava ir me buscar no emprego e não teria como levar elas tarde da noite, então ele esperava até a hora em que eu saía do trabalho para juntos irmos buscar as meninas.

Sempre tive uma rotina bem corrida porque as meninas eram bem agitadas, acordava cedo para preparar o café e arrumar a menina para sair junto com o pai dela, e no caminho para o trabalho ele a deixava na escola. Eu ficava em casa cuidando da minha filha mais nova e me dedican-

do aos cuidados da casa e ao preparo do almoço, pois às onze horas eu ia buscar a Heloísa na escola. No período da tarde preparava uma comida para meu esposo jantar quando ele chegasse do trabalho, arrumava as meninas e ia deixar elas na casa da minha mãe. De lá eu seguia para o trabalho, trabalhava das quatro horas da tarde às onze e meia da noite, e tinha folga às segundas-feiras. Assim era a minha rotina.

Com o isolamento social, o restaurante teve que fechar, ocasionando a minha dispensa do serviço; minha filha parou de estudar e meu esposo passou uns dias sem trabalhar. Mas logo a oficina voltou a funcionar como serviço essencial e ele retornou ao trabalho. Com a pandemia, tive que me adaptar a uma nova rotina, na verdade talvez eu nem tenha conseguido estabelecer uma rotina ainda, com as crianças em casa o trabalho se intensificou, toda hora tenho que arrumar, limpar, lavar, fazer comida, tenho sempre que estar de olho nelas para não brigarem, não se machucarem, elas não param nenhum segundo. Quando meu esposo chega a noite do trabalho elas vão assistir vídeos no celular com ele, enquanto eu faço a janta. Aqui em casa sou a única responsável por cuidar das crianças e também sou responsável por todos os afazeres domésticos. Meu esposo vai para o trabalho às seis e trinta da manhã e volta para casa umas oito horas da noite, então não tem como ele me ajudar. A parte dele é trabalhar para sustentar a família e principalmente pagar o aluguel e a luz.

Desde que entramos em isolamento social percebi que as meninas ficaram bem estressadas, e com dificuldades para dormir. Elas estão com bastante energia e não têm opção para extravasar, estão enjoadas e irritadas dentro de casa. Meu esposo sempre gostou de levar elas para fazer as compras no supermercado e elas adoravam, mas agora ele vai sozinho, e toda vez é um momento de estresse porque elas ficam chorando e fazendo birras querendo ir junto.

A minha família é cadastrada no Bolsa Família e automaticamente fomos aprovados para receber o auxílio emergencial. Mesmo assim enfrentamos algumas dificuldades, com a elevação dos preços dos alimentos, as compras acabam sendo insuficientes para o consumo mensal da família, e por passarmos mais tempo em casa a conta de energia sofreu um grande aumento. Damos prioridade ao pagamento em dia do aluguel e da luz, e só depois fazemos as compras para a casa, com o que sobra da nossa renda.

Está sendo bem difícil manter a quarentena com as crianças: elas precisam passear, se distrair um pouco, descarregar um pouco as energias, elas estão sempre irritadas e inquietas e acabam me deixando estressada, mas eu tenho bastante medo de flexibilizar o isolamento social e

a gente contrair a Covid-19, principalmente por elas terem problemas respiratórios (asma e bronquite). Meu esposo, por ter que trabalhar e voltar para casa com a possibilidade de estar trazendo o vírus, ficou bem neurótico. Quando ele chega do trabalho não permite que elas cheguem no portão para vê-lo, ele já toma banho do lado de fora da casa para só depois ter contato com elas. Qualquer mudança no comportamento delas ele já pensa que as meninas estão com coronavírus, mas é compreensível, todo cuidado é pouco principalmente com elas que pertencem ao grupo de risco. Temos uma boa relação com as nossas filhas, na verdade ele é mais tranquilo com elas, e elas são bem apegadas a ele, já eu sou mais estressada, acho que pelo fato de estar sempre carregada de tarefas e sem tempo para descansar e cuidar de mim.

Com o decorrer da quarentena tratamos logo de cuidar da nossa imunidade, tomamos vitamina C, chá de limão com mel e alho, chá de laranja e bastante suco, bastava um espirro e já estávamos tomando chás e mais chás. Quando soube que estava gestante parei de fazer consumo dos chás, só estou ingerindo os remédios receitados no pré-natal. Aliás, só comecei a tomar os remédios recentemente, pois no início da gestação encontrei dificuldades para encontrar um módulo de saúde que estivesse realizando o pré-natal devido à quarentena. Mas, graças a Deus, agora o módulo de saúde aqui do bairro já voltou a funcionar e estou fazendo o acompanhamento direitinho.

Nos dias em que eu tenho pré-natal marcado, a minha mãe vem para minha casa ficar com as meninas até eu chegar. Para falar a verdade, nessas últimas semanas ela tem vindo me ajudar com as meninas constantemente, além do mal estar ocasionado pela gravidez, me sinto muito sobrecarregada, estou sempre cansada e estressada e ela tem me ajudado. Tenho consciência que essa nova gestação irá dificultar ainda mais as coisas, mas estou tentando não pensar muito nisso. Há um mês resolvi investir em ser uma revendedora de roupas, preciso de uma renda para comprar o enxoval do neném, meu esposo é do tipo que deixa tudo para a última hora, só fica repetindo que vamos dar um jeito, mas eu não quero confiar nisso. Estou contando com a venda das roupas para providenciar o enxoval do neném o mais rápido possível, tenho medo de ter mais um parto antes do tempo e ele nascer sem nada.

Mesmo com o cansaço que a maternidade exige, ser mãe é algo maravilhoso, só não esperava ser mãe de quatro, sempre me imaginei mãe apenas de uma criança, um menino. Não foi como planejei, mas agora vou ter o príncipe da família.

A pandemia me fez parar e dar mais atenção às minhas filhas, agora posso acompanhar e me fazer presente no desenvolvimento de cada

uma. Gostaria de dizer às mães que aproveitem esse momento para intensificar o vínculo com seus filhos, as crianças precisam sentir o quanto são amadas.

Quando penso no futuro pós-pandemia me sinto insegura, pois não sei como vai ser a minha rotina com um recém-nascido e uma criança ainda muito pequena, não sei se conseguirei me adaptar e se conseguirei voltar a trabalhar fora de casa. São tempos difíceis, mas só tenho a agradecer a Deus, por estar livrando a minha família desse vírus e por estar me dando forças para suportar todas as dificuldades até aqui.

Tags: Gravidez na adolescência, Conselho tutelar, Cesárea, Anticoncepcional, parto prematuro, Antibióticos, Laqueadura, Covid-19, Problemas respiratórios, Autônoma, Bolsa Família.

Joyce Ramos

Eu, Jéssica Matias, iniciei a entrevista com a Joyce Ramos no dia 19 de outubro de 2020 por meio do aplicativo WhatsApp. Joyce nasceu no dia 17 de maio de 1995. Ela vive em uma união estável e tem uma filha. Recentemente se graduou em Letras Libras, reside no bairro da Paz e trabalha como auxiliar de limpeza no IntoAcre. Devido à sua rotina corrida, a entrevista só foi finalizada no dia 29 de outubro. Em alguns momentos houve uma interferência externa com o choro da criança que estava precisando da atenção da mãe. No decorrer da entrevista, Joyce disse que preferia dar continuidade quando estivesse no seu emprego, pois lá teria mais tranquilidade para responder. Então a entrevista seguiu-se nos dias em que ela estava trabalhando.

Me chamo Joyce Ramos Pereira, me autodeclaro parda, tenho vinte e cinco anos, nasci em Rio Branco, terminei minha graduação em Letras Libras no final do ano passado, 2019. Juridicamente falando sou solteira, mas vivo em uma união estável com o pai da minha filha e moro no Bairro da Paz. Tenho uma filha que se chama Ana Flor e ela tem dois anos. Minha família é cadastrada no CadÚnico (programa do governo para identificar as famílias brasileiras de baixa renda). O meu companheiro é estagiário na área de TI e atualmente trabalho como Auxiliar de limpeza no Instituto Nacional de Traumatologia e Ortopedia (IntoAcre).

Antes da pandemia me encontrava desempregada, recebi a proposta de trabalho durante a quarentena. No início, foi bem assustador pensar em trabalhar em um local que atendia os pacientes com coronavírus, mas ao refletir melhor considerei uma proposta viável, não só pela parte financeira que eu precisava, pois eu e o meu companheiro só conseguimos receber uma parcela do auxílio emergencial, não sabemos o motivo. Tentamos contestar mas ficamos em análise até hoje. Então, por eu ser uma pessoa jovem, saudável e que pratica esporte, me senti segura em poder contribuir nessa missão de prevenção. Trabalhar na limpeza é algo de suma importância nesse período pandêmico, e me sinto feliz por poder contribuir na higienização e prevenção dos médicos que

estão na linha de frente no tratamento das pessoas infectadas pela Covid-19.

A rotina da minha família antes do isolamento social seguia dentro da normalidade, costumávamos sair com grande frequência e sempre íamos visitar amigos e familiares. Meu esposo estudava e estagiava, e eu estava finalizando os últimos detalhes para a minha colação de grau. Então veio a notícia que teríamos que entrar em isolamento social devido à pandemia. Entramos em quarentena uma semana antes da minha colação de grau; me senti frustrada, pois era um marco importante na minha vida, tinha muitas expectativas, era o momento de celebrar a conclusão de uma jornada de muita luta e superação, tanto como mulher, quanto como mãe, e tive que adiar esse sonho. Também tive que adiar meus planos de fazer concursos públicos. Mas, eu entendo e tenho consciência que foi a melhor medida adotada para todos.

Fiquei totalmente em isolamento com a minha família, pelo menos nos primeiros meses, só saía para realizar algo de extrema necessidade. Em seguida recebi a proposta de trabalhar, aceitei e tive que quebrar a quarentena.

Trabalho um dia sim, o outro não, das seis da manhã às seis da noite; o meu companheiro vai para o estágio no período da tarde. A Ana Flor fica em casa com o pai, pelo menos metade do dia, pois a tarde, quando ele vai para o estágio, ela fica na casa da minha sogra até eu chegar. Moramos em casas distintas, mas no mesmo terreno. Tenho uma relação boa com a minha sogra então é bem mais prático deixar a Ana Flor com ela.

Minha filha tem uma rotina bem ativa, é uma criança com bastante energia. Ela gosta muito de brinquedos de montar, de desenhar, pular, dançar, passear, gosta de subir nas árvores... Com o passar da quarentena não saímos de casa, no máximo levamos ela para caminhar aqui na rua de casa, é uma rua um pouco deserta, então não temos contato com ninguém. Quando ela está com a minha sogra acredito que a rotina dela é um pouco devagar, minha sogra já é idosa e não tem como estar sempre ativa com a Ana Flor, então quando elas estão juntas assistem desenhos para passar o tempo.

Consegui um emprego durante a pandemia em um hospital que foi readaptado para atender casos graves de coronavírus. Mesmo tomando todos os cuidados, a exposição ao vírus era frequente e acabei contraindo a Covid-19 e transmitindo para o meu companheiro e para a minha filha. De certa forma, para nós foi tranquilo, não podemos dizer isso de todos os infectados, porque muita gente perdeu a vida, mas graças à nossa idade, a uma boa alimentação, e por não termos nenhum problema de saúde, o vírus não nos atacou agressivamente. Fizemos o tratamento em

casa e após conseguirmos nos recuperar, não apresentamos nenhuma sequela evidente. Mesmo por já ter contraído a Covid-19, sempre tomo bastante cuidado, com a higienização, uso de máscara e distanciamento social, por trabalhar em um local de risco ainda há chances de carregar o vírus e contaminar as pessoas, então continuo a adotar todas as medidas de prevenção.

Reflito muito quando escuto falarem em gravidez planejada. No meu ponto de vista planejar uma gestação requer vários fatores favoráveis, dentre os principais estão estabilidade financeira, rede de apoio e organização de tempo.

No meu entendimento, as mães de baixa renda não contam com esses fatores favoráveis, tornando o planejamento da gestação impossível. A romantização da maternidade é algo que atrapalha a experiência materna, criam-se expectativas e na prática descobrem que o universo materno é bem maior e complexo. As mulheres acabam não estando preparadas psicologicamente para enfrentar os desafios que acompanham o nascimento de uma criança, e isso se intensifica quando elas não têm uma rede de apoio, quando são obrigadas a fazer o desmame da criança para voltar ao trabalho, quando é necessário ficarem por um longo período distante da criança, quando os genitores não assumem o papel na vida da criança e etc... Sendo a mulher a principal responsável pela criação do filho, como se já não fosse o bastante, ainda tem que enfrentar uma sociedade patriarcal que dificulta a empregabilidade de uma mãe.

Em relação à minha gestação, eu demorei um tempo para aceitar, pois não queria estar grávida, pelo menos não naquele momento. Foi em um período em que minha vida estava uma correria, eu estava na metade da minha graduação, praticava esportes, e com a gestação tive que desacelerar. Foi uma gestação com muitos enjoos do início ao fim, mas com o desenvolvimento da gestação fui aceitando e me sentindo mãe. Depois que a neném nasceu tive que dar um jeito para conciliar a maternidade com a vida acadêmica, e foi bem difícil. A maternidade aos poucos transforma a nossa vida, permitindo um entendimento melhor sobre como é ser mulher e mãe ao mesmo tempo, alterando nossas responsabilidades e prioridades e nos redirecionando para novos rumos na vida.

Posso dizer que me sinto realizada com a maternidade, porque consigo me fazer presente na vida da minha filha e dou bastante prioridade para isso, apesar de querer passar mais tempo com ela e não poder por conta do trabalho.

Em relação às atividades domésticas e cuidados com a Ana Flor, é bem dividido. No início meu companheiro tinha um pensamento bem ma-

chista em relação a isso, mas era um pensamento enraizado da sua criação. Na sua perspectiva as tarefas domésticas não eram coisas que ele, homem, teria que fazer, mas com diálogo o fiz entender que teríamos que dividir as atividades e não sobrecarregar nem um e nem o outro. Hoje em dia ele se adaptou e melhorou bastante, e tentamos manter um equilíbrio na divisão das tarefas e nos cuidados da nossa filha. Tem coisas que ele realiza com mais frequência como: fazer as compras, fazer a comida, e em relação a Ana é ele que dá banho, leva para passear, ele cuida dela. Eu fico mais com a parte da limpeza e organização da casa e lavagem da roupa. E o que ele puder me ajudar, ele ajuda.

Neste período de pandemia me preocupo muito com as pessoas, principalmente com as de baixa renda, se elas têm o que comer, como elas estão, fico refletindo se as pessoas têm consciência da gravidade do período que estamos vivendo...

Entendo que é um momento complicado mas temos que olhar a vida de uma forma diferente, é momento de ficarmos unidos. Com o isolamento social devemos parar e refletir sobre como estamos conduzindo a nossa vida e principalmente como estamos tratando as pessoas ao nosso redor. Fico preocupada com a forma que está sendo tratada a questão do racismo, das queimadas, a falta de compromisso com a população, mas faço o que eu posso para poder melhorar a minha vida e a vida do próximo.

Apesar de ser um momento difícil, a pandemia trouxe um aspecto positivo para a minha família: desde que entramos em quarentena a minha filha pôde ter uma relação mais próxima com o pai, pois antes ele não tinha muito tempo para ficar com ela, saía cedo para estudar e depois ia para o estágio e só voltava à noite, os dois quase não tinham contato, e agora a relação entre pai e filha é bem próxima e para mim isso é algo relevante.

Ao refletir sobre o futuro pós-pandemia, a primeira coisa que pretendo fazer é levar a minha filha à Biblioteca Pública. Lá existe um espaço para crianças, já levei ela algumas vezes e sei que ela sente falta, então ela irá adorar retornar ao local. Também faz parte dos meus planos para o futuro ir morar em uma colônia bem distante da cidade. Quero ter um lugar para plantação, com todo tipo de frutas, eu quero poder plantar e colher a minha própria comida, quero ter o máximo de contato possível com a natureza.

Gostaria de poder dizer a todas as mães que aproveitem bastante os seus filhos, aproveitem cada segundo, cada risada, que guardem na memória todo o sentimento bom, que tentem criar um ambiente familiar agradável. Isso é algo extremamente importante para eles; não deixem os seus

filhos de lado! São momentos únicos, então deem prioridade a eles para que no futuro não sintam arrependimento por não terem dado o devido valor a esses momentos.

Para finalizar gostaria de dizer que fiquei feliz em poder compartilhar um pouco da minha rotina como mãe durante este período de pandemia. Gostaria de agradecer às professoras organizadoras do projeto e também à entrevistadora, que teve bastante compreensão e paciência para coletar o meu relato, muito obrigada.

Silvana Ramos

No dia 01 de dezembro de 2020, Silvana Ramos da Silva, nascida em Rio Branco, no dia 22 de dezembro de 1996, permitiu que eu, Jessica Matias, coletasse o seu relato. Silvana conta como o seu sonho de menina se transformou em uma desilusão e como está sendo a sua rotina de mãe solo durante a quarentena. Ela também relata a sua experiência de ter trabalhado em uma unidade de atendimento a pessoas com o coronavírus.

Bom, me chamo Silvana Ramos da Silva, tenho 24 anos e me considero par-da. Me casei ainda na adolescência e fui morar na zona rural e acabei desistindo de estudar, não cheguei a concluir nem o ensino fundamental. Durante alguns anos tentei engravidar, mas nunca deu certo, e eu me sentia frustrada, pois eu queria muito ser mãe. Após alguns exames e consultas, descobri que tinha dificuldades para engravidar e teria que fazer um tratamento para poder ter filhos. Como eu morava na zona rural, não tinha como ficar indo e voltando constantemente, então acabei não realizando o tratamento.

Passados alguns anos veio uma gestação, ela não foi planejada, para falar a verdade, ela foi uma grande surpresa. Eu já tinha desistido e imaginava que nunca iria ser mãe, então quando veio o positivo foi um misto de sentimentos, fiquei radiante de alegria e ao mesmo tempo uma preocupação me consumia por completo: não sabia se iria conseguir ser uma boa mãe, se teria condições de criar uma criança, comecei a sentir medo do futuro.

Mas aos poucos fui deixando o medo para trás e só imaginava a chegada do meu bebê; desde muito nova eu pensava em casar e ter filhos, pensava em formar uma família grande, envelhecer ao lado do meu esposo, era um sonho de menina mesmo, e parecia que o meu sonho estava finalmente se concretizando com a chegada do meu filho.

Mas a vida não ocorre exatamente como imaginamos; após o nascimento do meu filho me separei e fui morar na casa da minha mãe durante um tempo. O homem com quem imaginei construir uma família me abandonou, e também

abandonou o seu papel de pai.

Passei um longo período com uma tristeza profunda, pensei muitas vezes em desistir de tudo, mas quando olhava para um ser que dependia exclusivamente de mim, eu tirava forças para seguir, e graças a Deus segui, o meu filho é o maior motivador da minha vida, não importa o quanto as coisas estejam difíceis eu sei que irei conseguir pelo meu filho.

Assim que o meu filho começou a tomar mingau, eu fui em busca de trabalho, já trabalhei em diversas coisas: babá, garçonne, atendente, diarista, auxiliar de limpeza... O serviço que aparece estou fazendo, não reclamo de trabalhar, dando para sustentar o meu filho está bom.

Até hoje não tenho uma relação amigável com o meu ex-marido e ele não procura saber do nosso filho e nem ajuda na criação, simplesmente vive como se a criança não existisse. Mas assim, eu amo ser mãe, eu nem sei explicar como é maravilhoso ser mãe, mesmo com todas as dificuldades que enfrento. Eu me sinto realizada com a maternidade, sou uma mãe bem carinhosa, me considero uma mãe coruja. Ele é uma benção em minha vida e nem faço questão da presença do pai na vida dele, aliás o meu filho está bem melhor sem ele.

O meu filho é uma criança muito extrovertida e super agitada, então tá sendo muito difícil mantê-lo em isolamento social, ele sente falta dos coleguinhas da escola, dos primos, dos avós, sempre pede para levá-lo para passear, mas não dá, sabe? É muito complicado fazer uma criança seguir todas as orientações de higienização. Então ele vive inquieto, sempre de um lado para outro dentro de casa, brinca, desenha, assiste, mas nada parece satisfazê-lo. Mesmo em casa, sinto-me exausta, não tenho tempo para descansar, pois estou sempre arrumando e cuidando do meu filho que, aliás, está sempre com bastante energia para gastar. Também não tenho como sair para espalhar a mente devido à pandemia, a única coisa que faço é conversar com os meus familiares através das redes sociais. No início isso parecia até animador, imaginava que seria algo temporário e logo estaríamos juntos novamente, mas agora está tudo tão desanimado, só quero que tudo isso acabe e eu possa voltar a me reunir com a minha família e com os meus amigos.

Quando penso no antes da pandemia, só posso dizer que a vida não era fácil, mas eu vivia sem esse sentimento de medo 24 horas por dia. Podia conviver com os meus amigos e familiares sem nenhuma restrição; o meu filho tinha iniciado os estudos em uma escola infantil aqui próximo de casa e estava bem empolgado e eu podia ir em busca de emprego com mais frequência, tudo seguia dentro da normalidade. Sei que pode soar estranho o que vou dizer, mas espero que en-

tendam, para mim a pandemia teve o seu lado bom, eu estava desempregada há meses, só fazendo umas diárias aqui outra ali, mal dava para o sustento básico de casa. Quando começou a pandemia, o IntoAcre (Instituto Nacional de Traumatologia e Ortopedia do Acre) foi readaptado para atender as pessoas infectadas pelo coronavírus e precisou ampliar o quadro de funcionários da unidade, foi então que recebi a proposta para trabalhar como auxiliar de limpeza, e após muitos meses desempregada finalmente tive a oportunidade de emprego. Eu trabalhei durante seis meses até que o meu contrato expirou. Trabalhar naquele local era exaustivo, além de correr o risco de contrair a Covid-19, tínhamos que estar sempre intensificando os cuidados na higienização e alertando os familiares dos internados que se encontravam angustiados, alguns até desesperados, e acabavam esquecendo das medidas de prevenção.

O mais difícil era ver tanta gente indo a óbito; uma coisa era ver as notícias na televisão, outra era estar ali próximo àquelas vítimas do coronavírus, era uma pressão psicológica enorme. Apesar de ter trabalhado em um local com exposição à Covid-19, graças a Deus, eu não cheguei a contrair-la, e sempre estou tomando os devidos cuidados e tenho ingerido bastante chá de limão com alho para ajudar nos cuidados da minha imunidade.

Tenho consciência que o isolamento social é para o bem de todos, mas tem sido tão difícil passar esse tempo todo sem poder me reunir com os familiares... Na minha família tem bastante idosos e é por este motivo que tenho procurado tomar todos os cuidados necessários, não quero perder ninguém, não estou preparada para perder ninguém. Só quero que tudo volte ao normal, quero poder estar perto da minha família; tenho uma avó de 94 anos e desde que começou a pandemia que não a visito, apesar de ela não morar muito longe da minha casa, prefiro não arriscar, quero todos vivos quando essa pandemia acabar.

Atualmente moro só com meu filho (de quatro anos) e resido no bairro Calafate em um apartamento alugado. Estou desempregada e a fonte de renda para o sustento da minha família tem sido o programa social Bolsa Família. Por ser beneficiária deste programa, recebi o auxílio emergencial automaticamente, e graças a isso tenho conseguido pagar o aluguel, luz e manter a alimentação do meu filho. Agora, com o fim do auxílio emergencial receberei apenas R\$117,00 do Bolsa Família e não terei condições de seguir com a quarentena. Precisarei ir em busca de emprego para pagar ao menos o local em que moro. Tenho passado noites em claro pensando nessa situação, mas é necessário, terei que dar um jeito e que Deus me guie e me proteja.

Simone Dimas

No dia 21 de dezembro de 2020, eu, Jéssica Matias, iniciei uma conversa com Simone Dimas. Nascida em Rio Branco no dia 03 de dezembro de 1983, ela relata como tem conciliado a maternidade e o trabalho durante a pandemia.

Meu nome é Simone Dimas, eu me considero morena e tenho 37 anos. Sou casada há dezenove anos, e dessa união tenho dois filhos (um de 18 anos e outro de 2 anos). Resido no bairro Novo Horizonte. Sou formada em segurança do trabalho e atualmente trabalho como técnica de saúde bucal. Meu esposo tem o ensino médio completo, e passou a sua vida inteira trabalhando como vendedor, mas atualmente está desempregado. Na verdade, está com mais de um ano desempregado, ele sempre busca emprego, mas o que encontra é apenas temporário, e agora, devido à pandemia, está impossível arrumar qualquer coisa na área. Antes da pandemia ele podia sair para deixar currículos com mais frequência e tínhamos bastante contato com os nossos amigos e familiares... Meu esposo sempre recebia indicações de lugares que estavam recebendo currículos, hoje em dia raramente isso acontece, o emprego tá difícil e quem sabe de algo guarda para si; o meu filho estudava e por ser jovem sempre estava circulando pela cidade com os amigos, acredito que tínhamos uma rotina familiar normal.

Em relação à maternidade na minha vida, lembro-me que tinha acabado de concluir o ensino médio quando descobri que esperava o meu primeiro filho. Na época eu ainda não era casada, só após o nascimento dele que me casei. No início foi bem difícil de adaptar com a chegada de uma criança, era um mundo desconhecido, cheio de incertezas, mas com o passar do tempo eu amadureci e compreendi que para ser mãe temos que abrir mão de muita coisa, mas no final tudo vale a pena.

Na minha primeira gestação eu tive que deixar de lado a formação de um curso superior para me dedicar somente aos cuidados do meu filho, e só quando ele começou a frequentar a escola de ensino infantil que

comecei a trabalhar e voltei a estudar. Já na segunda gestação, eu tive que parar de trabalhar após o nascimento dele, e quando ele completou o seu primeiro ano, eu voltei a trabalhar. Como ele já era maior, podia ficar aos cuidados de seu irmão em casa.

O meu esposo sempre trabalhou com vendas e conseguia manter o nosso sustento, mas de uns tempo para cá, ele não conseguiu mais nenhum emprego, e a nossa renda está sendo bem limitada para não passarmos por muitas necessidades.

Simone comenta sobre o seu emprego e como a família tem dividido as funções domésticas em sua residência. Como principal responsável pelo sustento da família, ela conta como se sentiu quando soube que teria que parar de trabalhar devido à pandemia do coronavírus.

Com o decorrer da quarentena, fiquei dois meses sem trabalhar, e foi um verdadeiro sufoco, eu tive que vender alguns bens materiais para poder nos manter, pois a minha família não conseguiu receber o auxílio emergencial. Graças a Deus, já voltei a trabalhar, porque não sei o que estaríamos fazendo para nos manter. Como passo o dia no trabalho, as tarefas domésticas do dia a dia ficam por conta do meu esposo e filho. Eles dividem os serviços domésticos, já os cuidados com o meu filho menor, apenas o pai é responsável em cuidar dele, nos finais de semana eu lavo as nossas roupas, porque é a única coisa que eles não conseguem fazer de jeito nenhum, pelo menos não do jeito que deveriam. Como trabalho em contato com outras pessoas, intensifico os cuidados com a higienização e sigo todas as medidas de prevenção, pois há sempre a possibilidade de atender um paciente com a Covid-19.

Até hoje tem dado tudo certo, eu e os meus familiares não contraímos o vírus e se Deus quiser vamos ser imunizados sem pegar o coronavírus. Há um grande risco em trabalhar em meio a pandemia, mas é necessário, pois é o único modo da minha família ter o que comer.

Quando soube que iríamos entrar em quarentena fiquei bastante preocupada, principalmente pelo fato de ter que ficar sem trabalhar, como o meu esposo está desempregado, sou eu que estou sustentando a família, então bateu um certo desespero pela possibilidade de ser dispensada do serviço; o consultório odontológico no qual eu trabalho ficou fechado durante dois meses, mas depois reabriu e eu voltei a trabalhar.

Neste trecho da entrevista, Simone relata como se sente distante dos seus filhos, transparecendo a sua tristeza através da utilização de vários emoticons

tristes.

Sabe, eu sinto falta de passar mais tempo com a minha família, muitas vezes chego em casa do trabalho e os meus filhos já encontram-se dormindo e quando saio para trabalhar eles ainda encontram-se dormindo, praticamente eu não tenho tempo com eles. Percebi que o meu filho menor está mais apegado ao pai e ao irmão, às vezes me sinto como uma estranha para ele, queria poder ter um período maior para me dedicar aos meus filhos; com a quarentena passei um período sem trabalhar e pude me fazer presente na vida deles, pude ver o meu filho descobrindo novas coisas, aprendendo a falar e muitas outras coisas, percebi que estava perdendo uma fase muito especial.

Queria ter uma boa condição financeira para estar sempre presente e acompanhá-los em tudo, mas infelizmente as condições da nossa família não permitem, eu necessito de trabalhar. Não vejo a hora de estarmos imunizados e poder sair para passear com a minha família, eu preciso de um tempo de lazer com eles, respirar mais aliviada. Acredito que eles também estão ansiosos para passear, pois estão dentro de casa desde o início da quarentena, estão todos estressados e entediados, no máximo ficam na rua em frente de casa e já estão saturados desta situação. Quando pudermos socializar com segurança e tranquilidade quero levá-los para um piquenique no Parque Chico Mendes, precisamos respirar um ar mais puro.

A minha família já está cansada de ficar em casa, eles veem as pessoas deslocando-se por aí normalmente e ficam reclamando o porquê de continuar dentro de casa. O mais trabalhoso é manter o meu filho adolescente dentro de casa, ele é o mais estressado no momento, vive se queixando que queria dar uma volta com os amigos, que não pertence ao grupo de risco e etc...

De uns tempos para cá, ele tem ficado bem rebelde, gosta de estar sempre rebatendo as coisas que eu falo, mas o meu esposo tem controlado a situação, ele tem pulso forte e o nosso filho o escuta mais. O fator importante para o meu filho seguir a quarentena tem sido o meu esposo, ele me compreende e me apoia em relação ao isolamento social e controla tudo enquanto estou no trabalho. Eu não concordo com a flexibilização da quarentena, as pessoas não estão ligando para a própria vida, imagina se vão se preocupar com o próximo... É capaz de estarem com a Covid-19 e continuarem saindo por aí como se nada estivesse acontecendo. Eu perdi um grande amigo há três meses, e ele era adepto à ideia de flexibilização do isolamento social, acabou contraindo a Covid-19 e não resistiu, e devido a isso fiquei bastante rigorosa com o meu filho.

Não permito e não concordo que a minha família saia de casa sem uma extrema necessidade.

Se eu pudesse estaria em casa também, mas alguém tem que trabalhar para podermos sobreviver. Eu sigo todas as medidas de prevenção. A minha família toma vitamina c e zinco diariamente. Eu tenho muito medo dos meus filhos contraírem o coronavírus, estou fazendo o possível para que eles permaneçam livres desse vírus, prefiro pecar pelo excesso do que chorar no leito de um hospital ou algo pior. Quero todos saudáveis e seguros em casa, o meu futuro é junto à minha família, nem quero pensar em perdê-los. Só digo para termos paciência e fé, que isso irá acabar e vai dar tudo certo no final, e que vamos realizar muitos sonhos juntos.



III

Relatos coletados

por Keyth Pinheiro:

*Adriana Quintanna, Andréa
Paula, Damiana de Souza, Lis
Fernandes, Máisa Melo, Maria
Antonieta, Maria Freitas*

O carrossel nunca para de girar...⁶

A proposta deste projeto é colher relatos de mães sobre suas experiências durante essa pandemia que nos assola. O exercício da maternidade, ao meu ver, foi o mais desafiador e cansativo durante este período. A rotina da minha casa mudou.

Eu acompanhava as notícias da evolução da Covid-19 na China e até imaginava que chegasse ao país, porém, quando chegou, eu não acreditei até o decreto da quarentena. Primeiro, tenho uma filha de 5 anos, 4 anos na época da quarentena. Ela estudava, tinha uma rotina, eu tinha minha rotina na faculdade, meu ex-esposo também. Então tudo mudou. Eu tinha muito medo pela minha filha. Medo dela adoecer e eu não poder estar com ela, ou se eu adoecesse como seria a vida dela, de nunca mais vê-la. Exercer a maternidade nesse período foi mais difícil, porque eu ainda tinha que lidar com meus medos. Eu tinha ajuda daqueles que moravam comigo. Ajudavam cuidando da casa, fazendo comida, lavando a roupa. Então, esse fardo eu não carreguei só. Creio que diferente das mães que entrevistei, que os esposos e pessoal da casa pareciam ser muito solícitos, aqui meio que rolava umas chantagens para o negócio fluir. Com minha filha foi difícil, porque não sou a pessoa mais paciente do mundo, mas para eles era mais fácil.

De fato, eu não tinha tanta energia. Brincávamos, fazíamos atividades da escola – e é estressante demais essa fase de alfabetização. Perdemos pessoas próximas para doença, contudo, não fomos acometidos pela doença. Zelamos muitos pela higienização das coisas. Precisei de apoio psicológico por causa das crises de ansiedade, mas não procurei ninguém. Só conversava em casa mesmo e expunha o que me incomodava. A pandemia nos ensinou a nos cuidar, a valorizar mais a família, o tempo, os afazeres fora de casa. É bem possível que eu veja a vida com outros olhos, entretanto, serão olhos ainda mais assustados com a sociedade e a mania de acharem que são inatingíveis.

6 Texto escrito em julho de 2024, por ocasião da publicação do livro.

Consigo pensar que meu relato, acima descrito, não difere em muitas partes dos relatos que colhi para o projeto. Primeiramente, buscar relacionar as mulheres que conhecia com as especificidades que o projeto requeria não foi tão fácil como imaginava. O processo de pesquisa é cansativo, mas o resultado é prazeroso. Encontrei mãos dispostas, envergonhadas, com necessidades relacionais extremas. Foram momentos de aprendizado. De aprender a ver o outro e pensar nele, no que ele sentiria quando lesse sobre si em um site.

A jornada de trabalho em meio à pandemia é deveras estressante. Home office não torna o processo mais ágil. A conversa por meio de aplicativos de conversa, ora em áudio, ora em texto, demanda muito mais tempo e paciência. É um tempo que realmente não depende do entrevistador, mas do entrevistado. Quando a entrevistada aceita os termos do projeto começam a aparecer empecilhos. São os horários que não batem, quando batem, a conversa não flui tão bem quanto fluiria se estivéssemos em uma entrevista presencial. Foi preciso romper com as cadeias da timidez para tornar a conversa mais real.

Certas vezes, sentia a carga da situação que muitas mães enfrentaram durante essa quarentena. A apatia dos esposos nas atividades domésticas era perceptível. O esforço que algumas delas faziam para encobrir que estavam sozinhas numa casa cheia de gente, é de tirar o fôlego. E ainda as que tinham ajuda, em algumas situações, sentiam-se em falta com os seus por não fazer tudo sozinha.

Rer ler esses relatos, revisitá-los, traz de volta as angústias que senti naquele tempo. O contato com as entrevistadas foi perdido, depois de um tempo. Porém, até onde eu acompanhei, muitas delas agradeceram por poderem voltar ao trabalho e mandar os filhos para escola. O retorno da antiga rotina domiciliar foi bem mais apreciado. Não sei hoje. A gente esquece das tribulações que passamos, por dados momentos. Acredito que muitas delas sentirão o mesmo que senti, com nuances diferentes, quando revisitarem seus relatos. Algumas sentiram, quando leram a prévia para poder autorizar a publicação. Muita coisa permanece igual. Muitos comportamentos se tornaram parte da rotina, como o aumento do uso das redes sociais tanto para relacionamento, quanto para trabalho. Como seriam os relatos hoje? Com quais olhos elas estão vendo o agora? Não sei. Mas fico curiosa por saber.

Participar deste projeto foi enriquecedor. Enriquecedor como mãe, como pessoa, como aluna. Pude participar de alguns lares, através dessas entrevistas, durante a pandemia. Senti também que não estava sozinha com minhas angústias e lamentações. Cabe agradecer a oportunidade de fazer parte deste projeto, as orientadoras que foram pacientes e sempre muito solícitas e a equipe de

bolsistas que se empenharam ao máximo para cumprir prazos estabelecidos. E fica registrado o desejo de dias melhores e ensolarados para todos nós. Afinal, o carrossel nunca para de girar.

Adriana Quintanna

Adriana Quintanna nasceu em 13 de abril de 1991, em Barbosa Ferraz, no Paraná. Possui nível superior completo, é professora, casada e tem dois filhos (um menino de 12 anos e uma menina de um mês). Considera-se parda e é moradora do bairro Bahia Velha. No dia quatro de novembro de 2020, por meio do aplicativo WhatsApp, Adriana conversou comigo, Keyth Melo.

Grávida do segundo filho logo que decretou-se a quarentena, Adriana afirma que o período foi permeado pelo sentimento de “culpa e dúvida”. Com um filho de doze anos super ativo, viu-se sem meios para entretê-lo em casa com atividades que fossem do agrado dele, já que não queria que o filho ficasse no celular e apontava a falta de atividades como um ponto negativo. Ao mesmo tempo, vivia um outro momento da maternidade, estando grávida do seu segundo filho no início da quarentena e gerando muita expectativa na família e nos amigos com a gestação de uma menina — descobriram o gênero do bebê uma semana antes do decreto do governo — sentiu-se envolta de um sentimento de tristeza, pois podiam viver, mas não dividir, tudo isso.

O medo e o desespero a tomaram quando viu uma reportagem que relatava a angústia de uma mãe que foi separada do recém-nascido por ter contraído a Covid-19. O nascimento de sua filha trouxe os mais confusos sentimentos, pois queria externar a alegria de ter sua filha em seus braços com parentes e amigos. Diante do cenário pandêmico que vivia, permitiu as visitas à recém-nascida, mesmo que assombrada pelo medo. Obviamente, com todos os cuidados devidos.

Vivendo uma gravidez em meio a uma pandemia, contou com o apoio emocional do esposo e do filho nos momentos de ansiedade. Desfrutaram da chamada “musicoterapia” dentro da casa, além de muitas conversas, dentre outros momentos fundamentais que a ampararam emocional e psicologicamente. Os afazeres domésticos foram e são divididos entre ela, o esposo e o filho, o que a torna privilegiada por ter essa partilha. Sobre isso assumiu um sentimento de culpa por, segundo ela, “não cumprir a atividade doméstica”, mesmo sendo “dis-

suadida” disse pelo esposo.

Acerca do trabalho, não realizou o home office, pois as atividades do ensino infantil haviam sido suspensas, e quando retornaram ela já estava em licença maternidade. O esposo ficou à disposição e nas poucas vezes que ia ao local de trabalho era uma preocupação, ao ponto dele não tocar em nada, e nem em ninguém, quando chegava em casa. Ia direto para o banho. As atividades escolares do filho mais velho foram bem difíceis. Tornaram-se cansativas, já que buscavam redirecionar com outros conteúdos; o intuito era cumprir o currículo. Confessa que chegou a liberar o filho de uma aula ou outra, para que o garoto não perdesse o interesse total pela “escola”. Com o passar do tempo, tudo se alinhou, mas o foco da escola ainda é cumprir o currículo, ou seja, não há novidades nem no ensino remoto.

Sobre o futuro, Adriana afirma que é difícil pensar sobre, pois quando começa a fazer planos, tudo se interrompe pelas novidades da pandemia, ou seja, não há perspectivas, ainda não se pode enxergar tão longe. Também não existe a esperança de que tudo volte ao *antigo normal*. O aprendizado que ficou foi o cuidado focado na higiene pessoal, “cuidados que a gente deveria ter com os alimentos, com a nossa mão, com a nossa família”, por mais que não existisse esse vírus, existem tantos outros. Todos podem se adaptar a qualquer situação, por mais difícil que seja. Acerca da família fica a importância do contato, do afeto, do estar presente fisicamente na vida do outro, finalizando com a observação que “a gente não sabe viver sem isso [sem contato, sem afeto...]”, ainda que digamos o contrário.

Andréa Paula

Eu, Keyth Melo, fiz o primeiro contato com Andréa em 27 de novembro e devido à correria, fizemos a entrevista no dia 30 de novembro de 2020. Andréa Paula nasceu em Rio Branco, no Acre, no dia 21 de maio de 1992. Tem ensino superior, é empreendedora, solteira, mãe de uma filha, preta, e moradora do bairro Santa Inês, no segundo distrito da capital. Andréa preferiu responder-me por mensagens e foi bem sucinta em suas respostas.

Quando perguntei sobre o exercício da maternidade nesse período pandêmico, ela respondeu:

“Exercer o papel de mãe neste momento não está sendo nada fácil, pois houve uma mudança brusca na rotina diária”. É ainda mais sucinta quando pergunto se tem ajuda com as atividades domésticas e cuidados com sua filha de dois anos, respondendo somente: “Sim”. Em tempos de pandemia, a relação familiar de algumas pessoas foi se desgastando. Não foi o caso da Andréa.

Ela afirma que sua relação familiar está bem. No entanto, a profissional ainda está “dentro dos limites”. Quanto ao estado psicológico, Andréa diz que vem “tentando se adaptar às mudanças que surgiram”. Sobre seu maior desafio, responde: “é não poder frequentar os lugares que eu gosto”.

Perguntei o que a pandemia/quarentena havia trazido de novo, quanto à maternidade. Experiências que ela ainda não havia vivido, de sorte que ela responde: “Esta pandemia me trouxe o distanciamento e o isolamento social e com isso tenho que me reinventar a cada dia”.

Seus planos para o futuro incluem viagens, e pontua que é “algo que se tornou um tanto complicado em meio a essa pandemia”.

Acerca dos aprendizados nesse período, ela diz: “Me trouxe como aprendizado o quanto é importante nos colocarmos no lugar do próximo”.

A respeito do futuro da sua comunidade num mundo pós-pandemia, Andréa se limita a dizer que será: “Muito difícil!”

Damiana de Souza

Eu, Keyth Melo, comecei a entrevista com Damiana no dia 27 de novembro de 2020 e, apesar da correria, encerramos no mesmo dia. Damiana tem ensino superior e é empreendedora. Nasceu em Sena Madureira, no Acre, e se autodeclara parda. Moradora do conjunto Belo Jardim, é casada e mãe de uma filha de dez anos.

Damiana exerce a maternidade há quase dois anos, quando a filha de seu esposo veio morar com eles. A criança tinha oito anos na época da mudança, sendo assim, a maternidade é uma novidade para Damiana. Sobre essa nova fase de sua vida durante a pandemia, Damiana diz:

“Nesse período de pandemia, [ser mãe] tornou-se uma função muito delicada, uma função nova, porque é uma tarefa que precisamos conciliar, tendo em vista que a tarefa das mães, elas triplicaram porque as crianças não estão tendo aula presencialmente, fazendo com que [a relação] se desenvolva mais, podendo dar mais atenção para a criança. E com isso você tem os seus trabalhos particulares. Sendo que quando seu filho está na escola, você mantém aquela rotina de trabalho cotidiano. Nesse período de pandemia houve um excesso de responsabilidades, acúmulos de serviços porque você tem que criar novos hábitos e rotinas para a criança não se estressar, já que a criança fica presa e não pode ter contato com outras pessoas, justamente por conta desse vírus. Então, nós precisamos nos desenvolver e nos capacitar a cada dia em meio a essa situação. E para nós, como mulheres, isso se torna uma rotina bem cansativa, bem estressante, porque nós precisamos contornar a situação, visto que a criança quer brincar, não entende muito o que está acontecendo, tem suas cobranças e... nesse período a gente precisa ter paciência, como é o meu caso, ter paciência para lidar com essa circunstância que tem se tornado muito difícil para nós. Tendo em vista que as atividades infantis mudaram também, então, você tem que fazer toda uma adaptação para que a criança se sinta melhor e confortável no seu lar. Sem contar que isso afeta o psicológico tanto nosso quanto o da

criança, por que a criança fica longe de amigos, da escola; isso é muito difícil para ela compreender. Então isso para mim tem se tornado uma tarefa bem complicada porque ela tem uma cobrança maior”.

Sobre a ajuda nos afazeres domésticos e ajuda com a criança, Damiana diz que procura envolver a criança tentando fazer receitas novas na cozinha, fazendo trabalhos em equipe, conversando, e mantém uma boa comunicação. Mesmo assim julga não ser tão fácil:

“Ser uma mãe jovem, uma mãe com pouca experiência, a minha filha convive comigo há um ano e seis meses, então ainda é uma fase de adaptação também. Foi bem no período que chegou a pandemia e eu tento ao máximo estar envolvida e compreender essa situação e tento fazer com que ela se sinta o mais confortável possível nesse período. Eu criei uma rotina para que ela possa ter mais responsabilidade nesse período, para ela não ficar tão estressada como: hora para acordar, organizar o quarto, momento em família, de brincar, de fazer seus exercícios”.

Sobre a relação familiar e psicológica nesse período, Damiana alega que sente falta dos amigos, da família e de pessoas que eram próximas. O distanciamento torna mais necessário o afeto e aumenta a preocupação. Em seu lar, especificamente, afirma que estão mais próximos. Quanto ao trabalho, relata o seguinte:

“Na minha área profissional mudou bastante, porque eu trabalho com mais de 500 pessoas e não podemos ter contato direto com elas e isso gera tristeza. Houve um enfraquecimento no mercado, devido aos fechamentos causados pela pandemia. Algumas pessoas que trabalham comigo estão passando por problemas psicológicos bem graves. De repente, tudo muda e afeta o nosso psicológico causando insegurança. Porém, devemos respeitar esse período de isolamento e distanciamento. Lidar com essa situação é um processo delicado. Mas confiamos em Deus e que Ele possa nos abençoar e ter misericórdia de nossas vidas, nesse período tão delicado no qual perdemos familiares, pessoas, trabalho e o nosso psicológico entra em colapso. Isso gera um impacto muito grande na nossa vida”.

Seu maior desafio nessa pandemia é o isolamento social e ver como os efeitos desse isolamento atingem as pessoas. Como ela trabalha com muitas pesso-

as, considera ser mais difícil manter o foco no trabalho. Entretanto, afirma que está sendo um momento de aprendizado e procura manter a mente saudável, buscando atingir suas próprias metas. Contudo, considera difícil ver as pessoas que você gosta desistirem de seus sonhos, por conta da pandemia. Além disso, o desafio se estende ao manter a mente saudável e não ter tantas preocupações com o futuro. Acerca do que a pandemia trouxe de novo em relação à maternidade, Damiana afirma que a pandemia teve seu lado positivo por poder conhecer melhor sua filha, agora com dez anos de idade, conversar, compartilhar dos momentos juntos e aprender mais com a criança. Tem sido um ano de aprendizado e conhecimento para ambas.

Quando perguntada sobre seus planos para o futuro, Damiana diz que pretende:

“Concluir mais um curso superior, finalizar minha pós graduação... Abrir a minha própria loja”.

Sobre como será o futuro da sua comunidade no mundo pós-pandemia, afirma que:

“Apesar da relutância de alguns líderes políticos, especialmente nos Estados Unidos e no Brasil, a pandemia da Covid-19 é, infelizmente, uma realidade dura e devastadora como indicavam as advertências de tanta gente séria. No fim da pandemia, com certeza, o Estado brasileiro estará superendividado e com déficits enormes. Será preciso retornar a níveis mais normais de equilíbrio, ou seja, menos emprego público, salários congelados e oferta crítica de serviços. A não ser que a sociedade venha a aceitar um Estado muito maior, com mais impostos e menos espaço para o setor privado”.

Lis Fernandes

Eu, Keyth Pinheiro, iniciei a entrevista com a Lis Fernandes no dia 08 de outubro de 2020. Por causa da rotina com um recém-nascido e um filho de três anos, pudemos finalizá-la somente no dia 04 de novembro.

“Uma experiência única na minha vida!”, diz Lis Fernandes, 31 anos, casada, psicóloga e mãe de dois filhos, Luiz Felipe, de três anos e cinco meses, e Pedro Gabriel, de cinco dias, sobre o exercício da maternidade na pandemia.

Alegando ser “bem família”, Lis considera “tranquilo” o fato de não precisar se locomover ou receber visitas durante esse período pandêmico. Estando gestante à época do início da quarentena, coube aos pais inventarem brincadeiras e jogos lúdicos para o filho mais velho, bem como explicar sobre a importância de estar em casa em dias bem atípicos. Na data desta entrevista, Lis desfrutava do puerpério.

Seu esposo assumiu todas as atividades do lar; o tempo com o primogênito foi dividido e houve necessidade de adaptações na rotina familiar. Acerca dessa divisão de tarefas do lar e cuidados com os filhos, considera-se uma mulher de sorte por ter um esposo dedicado:

“Eu tenho ajuda do meu esposo, né? Graças a Deus, o meu esposo, ele é fora de série, né? Ele me ajuda muito dentro de casa em relação a fazer comida, lavar roupa, dar banho nos meninos, dar de comer e brincar com o mais velho e explicar sobre a condição de resguardo da mãe e suas limitações”.

Ainda sobre o convívio familiar, afirma que sua relação melhorou muito, porém não menciona em qual aspecto; mas ressalta o amadurecimento do filho mais velho, sem pormenores. Quando questionada sobre o trabalho — Lis é psicóloga educacional —, alega que a relação profissional ficou abalada e indagava como daria assistência psicológica em casa. Entretanto, a instituição onde exerce seu ofício tomou medidas para que seu trabalho fosse transformado em home office, para que os alunos, e pais, fossem amparados psicologicamente, ainda que

com a inconstância do serviço de internet.

Olhando para si, argumenta que seu psicológico, nesse momento, “tá bem tranquilo”. Isso porque, como sendo uma pessoa apegada à família, estar em casa e cuidar exclusivamente do filho tem sido “gratificante” e “tranquilizante”. Outra sorte, seu esposo precisa trabalhar fora e, sendo assim, se expõe aos riscos da contaminação por Covid-19. Ressalta que ela e toda sua família fazem parte do grupo de risco, portanto, o medo é uma constante na vida deles.

A pandemia trouxe de novo para a sua vida como mãe o desfrutar da vida no lar, com sua família, dedicando tempo aos cuidados do filho mais velho, o que sempre foi seu sonho. Declara que foi/é “uma experiência única na minha vida”, e não desanima apesar de considerar que há mais trabalho a ser feito. A contrapartida, sente saudade da rotina corriqueira dos dias de trabalho e ressalta que a pandemia a ensinou a valorizar aquilo que Deus lhe deu — sua família — e a tornar o lar um lugar verdadeiramente aconchegante. Olhando para o futuro, diz que seus planos consistem em investir na educação dos seus filhos e poder ser uma mãe presente na vida deles. Profissionalmente, sente-se realizada e a nova vida a ensinou que “nosso tempo é valiosíssimo, e deve ser gasto com quem a gente mais ama” e espera que as pessoas tornem-se mais conscientes e desenvolvam o respeito ao próximo.

Maísa Melo

No dia nove de novembro de 2020, eu, Keyth Melo, entrevistei, por meio de aplicativo de mensagens, Maísa Melo. Nascida em 14 de julho de 1995, em Ji-Paraná, Rondônia, ela tem ensino superior completo, mas está desempregada. Ela tem um filho, é casada e mora no bairro Santa Inês. Ele se auto-declara parda.

Maísa é sucinta em suas palavras quando indagada sobre o exercício da maternidade em meio à pandemia:

“Novo e desafiador, exige mais do que o normal causando certo estresse, porém é bom poder participar de uma forma maior no desenvolvimento da criança”.

Quando perguntada se tem ajuda com os afazeres domésticos e cuidados com a filha, responde somente: “Sim e sim”.

A pandemia trouxe benefícios e malefícios para todos e com Maísa não foi diferente. Como auxiliar nas finanças da casa, Maísa foi demitida no final de setembro e seu esposo ficou como principal mantenedor do lar. Doutra sorte, Maísa considera que “a pandemia não trouxe somente coisas ruins... poder estar em casa é ótimo”.

Agora ela tem mais tempo para a filha de três anos e, como seu esposo trabalha em horários alternados, pode ficar mais tempo com ele também. Nesse sentido, a relação familiar melhorou muito, bem como seu psicológico. Maísa, fazendo parte do grupo de risco, diagnosticada com miocardiopatia hipertrófica, precisava sair para trabalho, quando solicitado, portanto, havia aumento nas preocupações e cuidados, o que deixava seu psicológico sobrecarregado.

Acerca dos desafios impostos pela pandemia e pela quarentena, afirma que manter a rotina está sendo o mais difícil. Pontua que a oportunidade de ser mãe em tempo integral foi um de seus benefícios. Sobre os planos para o futuro, Maísa diz que pretende “mudar de profissão”, e busca novas oportunidades profissionais; que a pandemia lhe ensinou a aproveitar melhor o tempo com as pessoas

e a fazê-lo com qualidade. Ao imaginar a vida de sua comunidade daqui para a frente, diz acreditar que “tudo voltará ao normal”, com um pouco mais de cuidados, porém, Maísa acredita também que não haverá grandes mudanças. Bom, é o que veremos.

Maria Antonieta

Eu, Keyth Melo, iniciei essa entrevista com Maria Antonieta em um fim de tarde do dia 04 de novembro de 2020. Maria nasceu em 20 de junho de 1989, em Xapuri, no Acre. Tem nível médio completo, é técnica em saúde bucal, divorciada, e tem um filho. Considera-se branca e é moradora do loteamento praia do Amapá.

Maria inicia a conversa fazendo um resumo sobre a maternidade antes da pandemia:

“A relação com meu filho sempre foi uma relação de aproveitar os momentos que estamos juntos, porque desde pequeno, desde dos quatro meses de idade, eu já tive que voltar a trabalhar, então eu aproveitava e aproveitava sempre os finais de semana para fazer alguma coisa diferente com ele... chegar em casa do jeito que eu chegava e já saía correndo para abraçar, para beijar, dar um carinho pegar no colo” ...

Apesar de não ter planejado a gravidez, Maria diz sobre a aceitação da maternidade:

“Nunca tive problema em relação a isso porque, graças a Deus, foi algo que eu quis, não foi planejado, mas foi desejado. Então eu sempre tive meu filho como minha força, minha referência, meu porto seguro, entendeu? De seguir, de buscar, de sempre correr atrás de algo melhor para sempre poder dar o que ele necessita, não tudo o que ele quer, mas o que ele precisava”.

Maria fala de momentos difíceis que passou juntamente com seu filho anos antes da pandemia e que fizeram com que ela tivesse uma visão mais ampla da maternidade:

“Foi quando me separei do pai dele, mas isso só fortaleceu minha rela-

ção com meu filho. Na época ele tinha cinco anos, hoje ele tem oito anos e hoje eu tenho um parceiro, um companheiro para todas as horas e todos os momentos. Como dizia meu pastor Maurilenio, eu tinha perdido um marido, mas eu sempre teria o amor da minha vida do meu lado, que é o meu filho. Quando eu fico triste, eu lembro disso, dessa palavra que ele falou”.

Maria alterna seu relato entre momentos pré e pós-pandemia e, falando dos dias atuais, explica um pouco como é a rotina da casa nesse momento:

“A questão da atividade doméstica, a divisão não mudou muito aqui em casa. Só “é” eu, meu filho e meu atual esposo, então, em questão de atividades, eu chego em casa, organizo o que tem que organizar tudo, faço as tarefas domésticas. Na verdade é mais eu do que eles. E a questão de nossa rotina mudou muito, mudou muito mesmo, porque no fim de semana “nós” sai, “nós” ia para pizzaria, “nós” fazia almoço em família, se reunia... hoje, com essa situação, a gente não consegue isso então, foi uma mudança para nós, radical”.

Em relação aos cuidados com algum familiar antes da pandemia:

“A preocupação com alguém da nossa casa, antes da pandemia, não tinha, assim, de saúde, Graças a Deus! Temos a preocupação normal de evitar certas coisas, mas não de dizer que a gente tem que ter todo o cuidado que a gente está tendo hoje. A gente tá tendo que se adaptar com a pandemia”.

Maria me conta como foi sua reação quando soube da pandemia e descreve seus medos de se contaminar com a Covid-19 e quais decisões tomou para resguardar a saúde de seu filho:

“Quando eu descobri a pandemia eu fiquei, assim, em pânico. Primeiro, eu trabalho em um local que é “foco” do vírus, que tem aglomeração, que é laboratório e consultório odontológico. Tem pessoas que vão com Covid, com o vírus, então eu fiquei com muito medo de pegar e de passar para meu filho, porque meu filho teve na infância, quando menorzinho, ele teve crise asmática. Então eu fiquei com muito medo por conta dessa doença afetar, principalmente, a questão respiratória “né”, tudo isso... e na minha casa só quem pegou fui eu, mesmo com todos os cuidados, com todas as precauções, infelizmente, eu fui contaminada com

a Covid. Quando eu descobri, eu fiquei desesperada, eu fiquei morrendo de medo de passar para o meu filho. Minha tranquilidade foi que ele foi para a colônia com os avós e aí eu fiquei mais tranquila e eu pensei: vou deixar ele lá na colônia com os avós e vou ficar em casa isolada como pede, como é para ser. Só que eu fiquei muito abalada por ser um vírus perigoso, de ser uma doença que tem levado muitas pessoas a óbito e isso me deixou muito abalada, desesperada, porque eu não podia trazer o meu filho para casa e ele não tinha costume de ficar muito tempo longe de mim e nem eu dele e poder piorar de uma hora para outra e não ver meu filho nunca mais. O que abalou foi a questão psicológica. Eu me recuperei e ele pôde voltar para casa. Meu organismo reagiu bem, não internei, meus sintomas foram leves”.

Sobre como é sua visão da Covid-19 atualmente, ela diz:

“Hoje eu não tenho tanto medo, porque procuro me cuidar mais do que me cuidava. Depois de pegar a gente relaxa um pouco”.

E aproveita para fazer um alerta:

“Se cuide o máximo que você puder. Se puder fique em casa, se não puder saia com todos os cuidados; o vírus não é um brinquedo, não é gripezinha, ele mata. Se você não se cuidar, você vai pegar e pode ser que você não tenha o mesmo organismo que o meu, que ele desenvolva mais do que ele desenvolveu em mim e, mesmo quando você se recuperar, ele traz algumas consequências, por exemplo se você sofria com dor na coluna antes de pegar Covid-19, esse problema vai se agravar”.

Os cuidados mudaram durante a pandemia e ela fala um pouco mais sobre isso:

“Com o Arthur, meu filho, né?! Mudou a questão de chegar em casa, não ter aquele contato logo que a gente tinha. Na vó dele a gente tem essa preocupação de se cuidar mais. Digo para ele ficar sempre mais na parte de trás do que na frente, porque lá é oficina e tem entra e sai de gente toda hora. Sempre peço para ele higienizar as mãos, né, essas coisas. E no consultório, sim, os cuidados aumentaram mais ainda, sempre que um paciente sai e no intervalo de um e outro a gente tem que higienizar a cadeira com álcool 70. Essa questão de esterilizar sempre teve, mas agora a gente sempre tem que estar passando álcool em tudo na cadeira,

no mocho, quando o paciente sai, na maçaneta do consultório”.

Acerca da ajuda com a educação da criança, Maria destaca a atuação de sua ex-cunhada:

“Escola, tenho ajuda da tia dele, em fazer as atividades, que ela fica mais tempo em casa e ela se disponibilizou a ajudar ele nas tarefas. Aí, as aulas estão sendo on-line e tem apostilas”.

Sobre a rotina diária que mudou e ficou mais reduzida, ela comenta:

“É de casa para o trabalho e do trabalho para casa, vou ainda na casa da minha sogra mas com todo o cuidado por ela ser idosa”.

Quanto aos desafios trazidos pela pandemia, Maria diz que:

“O maior desafio é ficar em casa e não poder compartilhar os momentos com os amigos, ir para a igreja, ter aquele momento de comemoração com os colegas”.

E sobre o quê a maternidade trouxe de novo, segundo a percepção de Maria:

“Quanto à maternidade... você tem que aproveitar os momentos que você tem com seu filho, porque agora é família, é família. É você, seu filho, seu marido e seus familiares mais próximos que você pode ir lá e visitar, levar alguma coisa, algo do tipo, só”.

Encerrando essa entrevista, perguntei para Maria o que ela achava que a pandemia trouxe de aprendizado e como achava que seria a vida da sua comunidade no pós – pandemia. Sobre isso, ela responde:

“A pandemia trouxe de aprendizado para todos nós que é valorizar os momentos em família. E, mana, eu não tenho ideia de como vai ser, porque a gente não tem noção de quando essa pandemia vai acabar. Então, é viver um dia de cada vez”.

Maria Freitas

No dia 19 de outubro de 2020, eu, Keyth Melo, iniciei uma entrevista com Maria Freitas. A entrevista foi bem espaçada devido ao tempo disposto pela entrevistada. Após ler e aceitar os termos que regem este projeto e pontuar o que entrevista seria por mensagens no aplicativo WhatsApp, iniciamos.

Maria é casada e mora com o esposo e a filha numa casa/sítio na Vila Acre. No início da quarentena passou por momentos atribulados. Ao pensar sobre a maternidade, nesse contexto, considerou “tranquilo” exercê-la e ressalta que foi um momento de “aproximação”. Somente sentiu-se angustiada quando sua filha precisava sair de casa para resolver algo: “Foi angustiante!”.

Quando questionada sobre ajuda nas atividades rotineiras da casa, diz que sua filha, de 18 anos, é seu braço direito e ajuda muito, além de ser bastante responsável. Ao falarmos sobre relação familiar, profissional e psicológica, diz sentir falta da prima e do irmão, que eram suas visitas constantes. Acerca do trabalho, que já era home office, sendo contadora, afirma ter recebido novos clientes e que: “graças a Deus, estamos conseguindo desempenhar um bom trabalho”.

Ela diz que o difícil é manter o distanciamento, segurar a vontade de cumprimentar as pessoas, que aos poucos vão tendo contato, calorosamente, como fazia outrora. A cobrança interna que extrapola os próprios limites e, segundo sua experiência, “adoece, mas tenho trabalhado bastante neste sentido”, faz com que o psicológico vire uma montanha russa. A meta é controlar a ansiedade. Em tudo o que a pandemia trouxe de novo para Maria, seu aprendizado maior na maternidade foi ter empatia pelas causas da filha. Colocar-se no lugar dela, “sentir a dor, compreender, ouvir e conversar”.

Houve momentos bem escuros, em seu dizer. Acerca do futuro, Maria diz que pretende cursar psicologia. A pandemia a ensinou a valorizar cada momento, contudo não pensou como será a vida da sua comunidade daqui para a frente. Enfim, diz que “os novos dias trarão novas experiências e não cabe, ainda, focá-los”.



IV

**Relatos coletados
por Robenylson
de Oliveira Mota: *Edna de
Oliveira Batista de Medeiros,
Karollyne Oliveira da Costa,
Lilian de Lima Oliveira***

A hora perigosa⁷

O processo de pesquisa que envolve histórias reais, vivências e relatos não é uma tarefa que eu considere fácil, afinal, não podemos perder de vista que o objeto de nossa coleta envolve a experiência materna num contexto pandêmico. Antes mesmo de iniciarmos as reuniões para debater teorias, textos literários e melhores formas de abordagem em nossas entrevistas, sentíamos que tínhamos nas mãos o que poderia ser um material documentado de grande relevância para registrar uma experiência que, em teoria é celebrada pelo coletivo, na prática é individual e desvalorizada. Por isso, queríamos ouvir das mães o que sentiram diante de um momento de crise de saúde, em que tanto suas vidas quanto a de seus filhos estavam em risco, principalmente por entender que, se tratando de uma experiência individual, contaríamos com as mais variadas sensações, sentimentos e perspectivas.

Torno a dizer que não é um trabalho fácil, pois, uma vez tendo a oportunidade de entrevistar essas mães, estaríamos numa posição de escuta e possibilidade de desabafo delas, por este motivo, enquanto discutíamos formas de abordagem no contato com as mães, construímos juntos um entendimento sobre a importância de ouvir, ou melhor, de dar espaço para que as mães pudessem acessar seus sentimentos e externalizar a sua visão da maternidade durante a pandemia, principalmente em um momento em que os contextos de interações estavam limitadas, isto é, idas para o trabalho, encontros com amigos ou parentes e momentos de lazer ficaram restritos a quatro paredes durante vários meses.

Em nossas discussões, o texto que mais ficou marcado em mim foi o conto *Amor* (1960), de Clarice Lispector (1920–1977). O conto narra a história da personagem Ana, que está na maioria do tempo ocupada cuidando da casa e da família. Todas as tardes quando a casa não precisava mais dela e todos os membros estavam em suas respectivas funções, a protagonista tem o seu momento, isto é, a “hora perigosa” que servia para ele refletir sobre si e sobre os caminhos que a trouxeram até ali. De certa forma, o nosso projeto se propôs a ser a hora perigosa para nossas entrevistadas, por permitir um espaço de desabafo e reflexão da maternidade durante o período tão incerto de isolamento social.

Com a nossa coleta de relatos buscamos a possibilidade de registrar um recorte de vivência durante a pandemia, ao passo que tentamos proporcionar um

7 Texto escrito em maio de 2024, por ocasião da publicação do livro.

lugar de escuta para essas mulheres, mesmo que por WhatsApp, Instagram, Telegram e Skype. A nossa ideia a princípio seria registrar os relatos apenas no site, mas por que limitar os relatos ao site? Será que não poderíamos expandir o registro e tornar possível a concepção deles em um livro? O livro significa a materialização dos meses de trabalho, pesquisa e debate da equipe e uma ferramenta de reconhecimento para as mães que, mesmo que não tenham cedido o relato para o nosso projeto, poderiam ler os relatos e se reconhecer, questionar e relembrar (com alívio ou não) dos momentos sombrios do período pandêmico, isto é, ter a sua hora perigosa.

Edna de Oliveira Batista Medeiros

Eu, Robenylson de Oliveira, entre os dias 11 e 30 de dezembro de 2020, entrevistei Edna de Oliveira Batista Medeiros. Ela tem 22 anos, se autodeclara negra e é nascida em Rio Branco – AC. Ela trabalha como assistente educacional, tem uma filha de cinco anos chamada Rebeca e mora com a filha e o esposo. Nos cedeu a entrevista por meio do WhatsApp. No seu relato nos conta que teve momentos de estresse e sobrecarga durante a pandemia, além de enfatizar que a maternidade não é uma missão de fácil execução.

Apresento o projeto e pergunto se a entrevistada concorda em ter o seu relato publicado no site. Além disso, explico que, assim que o site estiver finalizado, mandaremos o link para que todas as mães possam conferir.

Como foi a sua experiência de maternidade? Foi algo planejado?

“Eu não planejei engravidar. Eu era muito nova. Tinha em torno de dezessete anos, eu acho, não me recordo bem agora. Foi muito complicado. Foi uma fase muito difícil da minha vida, porque até eu relacionar tudo que ‘tava’ acontecendo... a gente passa por um misto de sensações, de sentimento. Também foi mais complicado porque, quando eu fui contar para minha mãe, ela não aceitou e ficava até sem falar comigo dentro de casa. Ela não direcionava a palavra a mim. Nesse período, eu passei por um processo de depressão, que não foi fácil e afetou a gravidez, entre outras coisas”.

“Quando a minha filha nasceu, eu nem sei explicar o que eu senti, porque é um amor muito grande, sabe? É a tua vida ali. Junto com esses sentimentos vieram as dúvidas, né? Como eu falei, estava terminando o ensino médio e eu me vi questionando: ‘será que vou conseguir terminar o ensino médio? Será que eu vou conseguir entrar na universidade?’

Entre outras questões, né? Porque eu fui morar com o pai da neném e eu fiquei: ‘poxa eu dependo dele. Eu e ela dependemos dele, mas enfim... a gente vai superando, né? Cada etapa a gente vai superando. Só que ao mesmo tempo que existe esse amor, essa felicidade, existem esses momentos em que você surta, vamos dizer assim... porque não é fácil, maternidade não é fácil”.

“Maternidade não é fácil, porque uma vida está sob a tua responsabilidade... agora, tudo está nas tuas mãos, além das outras coisas você também tem um bebê para você cuidar. Não é fácil você cuidar das coisas do dia a dia, dos teus afazeres e ao mesmo tempo cuidar de uma vida. A gente acaba esquecendo de si... no meu caso: eu não acreditava de jeito nenhum que ia entrar em uma universidade, né? Eu sou muito grata por ter conseguido entrar em uma universidade pública. Eu não acreditava nisso, quem acreditou em mim foi a minha tia que cursava história na UFAC. Eu tirava notas boas no Enem e ela dizia: ‘vai, mulher, se inscreve em algum curso’. Eu não me inscrevia porque dizia: ‘não, não dá, não tenho capacidade de estar lá dentro’, entende? Tipo, até os estudos ficam de lado, né? A tua vida é centrada no filho”.

Como é a relação com a sua filha?

“Em meio a tantas dúvidas, tantas coisas e dificuldade... a Rebeca foi a minha força diversas vezes, a minha alegria, ela que sempre renova minhas forças, sabe? Tudo que eu faço é por ela, sabe? É por ela que eu escolho isso ou aquilo. Todas as decisões são em volta dela. Falar na minha relação com ela: ‘meu Deus!’ Ela é minha companheira, minha amiga, porque eu lembro que, como eu falei, eu dependia do pai dela, a gente dependia dele. A maior parte do tempo ela ficava comigo, só depois ela passou a ser cuidada pela avó e bisavó paternas para eu poder estudar, correr atrás de um emprego, mas a relação que se criou entre a gente eu não consigo nem explicar aqui. A gente é muito amiga. Ela só tem 5 anos, mas ela é minha companheira em tudo, ela me pergunta tudo. Ela até me elogia. Aquele abraço inesperado, aquele ‘eu te amo’ inesperado é tudo na vida. Não sei nem explicar”.

Como funciona a divisão de tarefas na casa?

“Essa questão era sempre mais voltada para mim. Na verdade, ainda é assim. Tipo: lavar a roupa, limpar a casa, fazer comida, cuidar da neném... tudo era mais voltado para mim... porque eu passava o dia em

casa e ele trabalhando. Então, tudo ficava sobrecarregado para mim, né? Quando ele chegava a noite me ajudava em uma coisinha ali, ficava com a neném, lavava uma louça, passava um pano na casa, alguma coisa... mas sempre ficou mais voltado para mim”.

“Atualmente, ele passou a ser um pouco mais parceiro nessa questão, ele me ajuda mais. Porém, sempre fica para mim essa parte de cozinhar, lavar roupa, de tudo”.

“Esse ano parece que o mundo desabou na minha cabeça, sabe? Eu tive uns surtos e até chorei, tá? Porque ele trabalha em empresa privada, então ele continuou trabalhando e eu não. Como eu trabalho em escola, a gente passou a trabalhar de casa. Trabalho em casa, fazendo tudo ao mesmo tempo: meu Deus! É uma loucura dar conta de tudo. A minha mãe teve um bebê recentemente, o Heitor. E, como ela trabalha em empresa privada, ela perguntou se eu podia cuidar do Heitor. Eu aceitei. Eu cuido do meu irmãozinho que tem 9 meses agora e vai fazer 10. Ele nasceu em fevereiro, então, foi o ano inteiro cuidando dele. Ele chegava aqui às 6h30 da manhã e minha mãe só chegava às 5h da tarde. Então, eu tinha que dar conta dele, da Rebeca, do trabalho, da faculdade – agora que começou. Eu dei umas surtadas, sabe? Foi por isso que ele se tornou mais parceiro, né? Porque ele viu que estava muito complicado. E eu até imaginei: meu Deus, e quem tem mais de um filho? E se eu tivesse mais de um filho? Sei não... não consigo nem explicar”.

Acha que a perda do trabalho tem a ver com a pandemia?

“Acredito que em parte, sim. Acho que muitas pessoas desistiram ou não procuraram mais estudar durante esse período de pandemia, talvez por isso o meu chefe não deu continuidade. Estou supondo isso, porque o meu chefe não falou o porquê de termos parado, mas acredito que tenha sido por conta da pandemia mesmo”.

Há alguém na casa que precise de cuidados específicos?

“Na minha casa não tem ninguém que precise de cuidados especiais ou constantes”.

Qual foi a sua reação e da sua família ao saberem que enfrentariam uma pandemia?

“No primeiro momento foi um susto, porque eu fui trabalhar e, quando eu voltei e olhei o celular nos grupos da escola já estava a notícia que nós precisávamos ficar isolados, que a pandemia estava tomando conta de tudo. Foi um susto. Foi mais complicado em relação a Rebeca, porque ela não aceitava e chorava todos os dias de manhã para ir à escola, porque era a primeira vez dela no pré-escolar. Antes ela ficava na creche. Ela estava conhecendo os amiguinhos, aquela ansiedade. Ela não entendia”.

“Eu tinha sempre o pensamento de que ia passar logo, que a gente ia passar dois meses em casa e a gente ia voltar, mas quem disse que foi assim, né? A gente não tinha noção do que é passar por uma pandemia”.

“Eu fiquei preocupada, acho que toda a minha família, quando os casos começaram a aumentar e, também porque eu adoeci, só não sei se era Covid, porque eu não fui fazer o exame. Eu tive dor de garganta, dor de cabeça e tive muita febre, febre constante. Teve um dia, dois na verdade, que chegou a 39°C. Eu ia ao hospital e a minha prima que é enfermeira me disse: ‘não vai, se tu não tiver é arriscado pegar, porque eles só vão fazer exame se tu estiver com falta de ar’. Naquele tempo o índice estava lá em cima e eu não fui, fiquei em casa, mas eu me arrependo, porque não sei se peguei. Logo quando eu fiquei boa, meu marido ficou ruim. Ele sentiu dor de cabeça e febre e a gente ficou com suspeita se era Covid. A gente não foi fazer exame. Só sei que depois dele, a minha irmã ficou ruim também”.

E as mudanças provocadas pela pandemia?

“Nessa questão dos cuidados, eu procurei fazer tudo certinho. Eu não saía de casa. Em relação às compras, pagar as contas etc. quem fazia era meu era meu esposo e ainda faz, né? Porque ele não parou de trabalhar, então ele fazia essa parte, já que ele estava fora de casa. A gente ficou com medo quando eu adoeci. Eu perguntei se ele estava tomando cuidado quando ele ia trabalhar, porque eu não saía para nenhum lugar”.

Kerollayne Oliveira da Costa

No dia 28 de outubro de 2020, entrevistei Kerollayne Oliveira da Costa, nascida no dia 15 de janeiro de 1992, em Rio Branco, no Acre. Ela tem 28 anos de idade, é mãe de uma menina, mora atualmente com a filha e com o marido no bairro Vila Acre. Ela é bacharel em direito, mas está desempregada. Ela se autodeclara branca.

Quando questionada sobre a escolha e a relação com a maternidade, respondeu:

“Não foi uma gravidez planejada, porque estava no primeiro ano de faculdade, foi um susto, mas depois foi a melhor coisa que aconteceu em minha vida, minha filha é minha vida, não imagino a minha vida sem ela”.

Após isso, foi importante falar sobre a estrutura da entrevista para a entrevistada: momentos pré, durante e pós pandemia. A entrevistada concordou e demos seguimento à entrevista.

Perguntada sobre a divisão do trabalho doméstico em seu lar, ela respondeu que tem secretária que vem três vezes na semana, no restante dos dias ela faz as coisas. E, mesmo tendo secretária, a parte de preparo do alimento fica sob responsabilidade dela. Antes da pandemia, ela resolvia algumas coisas pela manhã, ia à academia e voltava para preparar o almoço e arrumar a filha para levá-la à escola.

Em seguida, relata que antes da pandemia não havia tanta preocupação com a saúde dos membros da casa, que regravava o consumo de açúcar e refrigerante da casa, mas liberava aos finais de semana.

Ela disse que ficou sabendo da pandemia por intermédio dos jornais. A princípio imaginava que o vírus fosse ser controlado antes que chegasse ao Brasil,

mas quando se deu conta, rapidamente o vírus já tinha se espalhado pelo mundo todo (enquanto falávamos o barulho da obra do vizinho tomou o áudio). Além disso, falou que a rotina foi modificada, a família teve que parar (ficar mais tempo em casa), adotar a limpeza dos alimentos ao chegar do supermercado, usar máscara e álcool em gel. E, por conta da pandemia, a secretária teve que ficar em casa e o trabalho doméstico, o cuidado com a filha, etc. ficou exclusivamente sob responsabilidade da entrevistada.

Sobre a convivência com os membros da casa, e os momentos de distração durante a quarentena, ela respondeu que eles estavam em três, eles conversavam, oravam, a entrevistada tentou fazer alguns exercícios “meia boca” em casa, como ela mesmo colocou, só para tentar passar o tempo. Além disso, ela disse que os moradores da casa ficaram bem pensativos e reflexivos sobre o momento, e se apegaram à fé na esperança de dias melhores.

A respeito dos estudos da filha, ela relatou que não houve grandes mudanças e que a filha não foi tão prejudicada. A filha continuou os estudos pela internet. A escola deu todo suporte para que as aulas pudessem continuar. A criança tem aula todos os dias das 14h às 18h. Os professores passam atividades complementares, que a mãe busca na escola e devolve as atividades resolvidas para que possam lançar as notas. Os professores passam trabalhos e gravam as aulas.

A entrevistada revelou que ela e seu marido pegaram coronavírus. O marido foi o primeiro a ter sintomas, porque não pôde parar de trabalhar e ela, por dormir junto e conviver, acabou pegando o vírus também. Ela deduz que sua filha não pegou, por não ter desenvolvido quaisquer sintomas, além disso, ela mandou a filha para ficar com a avó enquanto eles estavam doentes.

Quando questionada se teve medo de que acontecesse o pior, ela disse que não sentiu tanto medo, porque os sintomas se manifestaram de forma mais branda nela. Quanto ao marido, ela disse que ele ficou apreensivo, porque os sintomas foram mais fortes quando ele pegou. Ele ficou com muito medo de morrer, porque a respiração ficou muito prejudicada.

Mesmo sem saber quais medicamentos ao certo tomar, ela expôs que fez uso de alguns medicamentos, foram eles: ivermectina, azitromicina e complementaram com chá de boldo e mais alguns chás que ela não soube especificar ao certo. Eles fizeram uso intercalado dos itens citados.

Sobre a indicação dos medicamentos, ela revelou que os medicamentos eles viram nos jornais e em pesquisas na internet. Sobre os chás, a mãe dela indicou e eles fizeram pesquisas na internet também. Apesar de ter casos em sua casa, não houve perda de nenhum parente ou amigo.

Após isso, a entrevistada disse que não houve alterações na relação com seu marido, mas que eles tiveram algumas brigas por medo que ele pegasse o vírus (tendo em vista que ele não pode deixar de trabalhar).

Inquirida sobre os planos para o futuro, Karollayne respondeu:

“Tentar retomar as coisas como a gente era acostumado. Porque como diz na constituição: todo cidadão tem o direito de ir e vir e isso meio que foi tirado da gente por um vírus que não é palpável, a gente não consegue ver. É isso. Tentar começar a enxergar as coisas de outra forma, né? É isso, querendo ou não, foi uma lição pra gente. Pra gente ver que não temos o controle de absolutamente nada. A gente precisa viver um dia de cada vez, se apegar com Deus e acreditar que a tendência seja melhorar, não dá pra piorar não (a entrevistada riu)”.

Quando perguntada sobre o que espera da sociedade, acredita em um retorno reflexivo após a pandemia, ao mesmo tempo se preocupa com outras questões:

“Eu espero que as pessoas tenham tirado uma lição de tudo isso, tenham se espiritualizado mais. Entendido que o rico e o pobre numa situação dessas não faz a mínima diferença. Com relação a isso eu espero que melhore. Com relação à economia, a tudo que está acontecendo, as coisas cada dia mais caras... É notório que já tem uma piora, e isso me preocupa bastante, com relação às pessoas de baixa renda, porque a maioria delas estão em casa, não com um ou dois filhos, mas tem quatro, cinco, sete e está tudo muito caro: arroz, carne, feijão, o básico, então isso tem me preocupado. Todas as vezes que vou ao supermercado eu vejo e é isso que eu imagino: como deve ser pra uma pessoa, que às vezes tem só um provedor na casa e ele tem que alimentar a família inteira? Com relação a isso tenho me preocupado. Com relação a espiritualidade, eu espero que as pessoas tenham tirado uma lição de tudo isso”.

Lilian de Lima Oliveira



Eu, Robenylson de Oliveira, entrevistei Lilian de Lima Oliveira no dia 14 de dezembro de 2020 pelo WhatsApp. Ela nasceu no dia 19 de dezembro de 1984, na cidade de Rio Branco, no Acre. Ela tem 3 filhos (uma menina de 8 anos e dois meninos de 14 e 18 anos), atualmente vive com os dois filhos, trabalha como funcionária pública e se autodeclara preta. Por meio do seu relato – concedido enquanto estava confraternizando com algumas amigas – conta que perdeu uma pessoa querida para a Covid-19, mas não perdeu a esperança em dias melhores depois que tudo isso passar.

Lilian começa contando como foi o processo da maternidade, se houve planejamento e como é a sua relação com os filhos:

“É que eu casei quando tinha 15 anos. Eu era muito boba e não escolhi uma maternidade, entendeu? Engravidei, né? Mas eu gostei muito, fiquei muito feliz e tudo... E o relacionamento com os meus filhos é muito bom, graças a Deus. Eles me ouvem muito e eu acho isso muito importante”.

“O filho que foi planejado foi a Ester, né? Porque eu queria muito engravidar de uma menina e eu só tinha uma chance, já que eu já tinha tido duas cesarianas e, eu sabia que a terceira seria a última. Então, foi bingo, graças a Deus deu tudo certo”.

Pergunto se há divisão do trabalho em casa. Lilian responde:

“Sempre existiu a divisão do trabalho doméstico. Lá em casa é assim: sentou no vaso e colocou o pé no chão, já pode lavar uma louça [ela ri no final do áudio]. Funciona assim: a Ester sempre lava o banheiro, coloca o lixo para fora e arruma as camas; o Gabriel lava a louça e limpa a casa. Sempre foi assim e permanece na pandemia, só que durante a pandemia eles ficaram muito preguiçosos por estarem muito dentro de casa,

né? Então... a enrolação é maior, mas eu distribuo as tarefas antes de sair de casa”.

Peço para ela me contar como era a rotina da família antes da pandemia e se havia algum membro da casa precisa de cuidados constantes. Ela responde:

“Os meninos iam para o trabalho comigo, essa era a rotina. Acordavam, iam para o trabalho comigo, iam para a escola deles, almoçavam comigo onde eu trabalho, né? A gente sempre providenciou o almoço... aí eles iam para a escolinha deles. Na hora da saída da escola, eu saía do meu trabalho, passava para buscar eles e ia para casa”.

“Quanto a preocupação de saúde, sempre foi comigo, né? Devido à minha imunidade baixa e tal, mas não é aquela preocupação [risos], mas eu tenho meus cuidados porque tomo meus remédios”.

Pergunto como foi a reação quando ela soube que o mundo estava enfrentando uma pandemia? Como ela ficou sabendo? Quais eram as expectativas? De que forma ela se preparou?

“A primeira vez que eu ouvi falar sobre pandemia foi no Jornal Nacional. Eu não entendi bem... eu não liguei a palavra à situação, a grandiosidade da situação. Quando ouvi falar o nome pandemia e que os governos não queriam aceitar isso, por uma questão econômica e isso era no mundo inteiro... ninguém queria aceitar que era uma pandemia. Então eu fiquei assim... até comentei com a minha amiga, que se tratava de uma pandemia e tal. Assim, eu não quis acreditar, quis ignorar e acreditei que não chegaria aqui no Acre, né? Mas chegou e não houve uma preparação, porque eu não acreditei que chegaria, sabe? Todos os dias eu acordo com aquela sensação de: meu Deus, como pode uma situação dessa ter nos afetado da forma que afetou?”

Ao ser indagada sobre as mudanças advindas da Covid-19 na rotina doméstica, nos responde o seguinte:

“A pandemia trouxe o álcool em gel. As compras são higienizadas com álcool e as sacolas também. Isso é regra! Quanto às visitas, passaram a usar álcool em gel na entrada de casa e tirar os sapatos”.

Então você não deixou de receber visitas ou deixou de receber durante um tempo e já voltou a receber?

“Durante um tempo, sim. Depois de um tempo... quando mudou de faixa, passamos a nos reencontrar”.

O que eles faziam para se entreter durante o isolamento social?

“Sim, eu e os meninos inventamos umas brincadeiras. Sempre conversamos muito, eles reclamam, mas tentamos ser felizes”.

Como anda a situação escolar das crianças?

“Assim: os professores fizeram um grupo. Como ela está no segundo ano, eu tenho que acompanhar mais a rotina dela de atividades do que a do Gabriel que está no nono ano. O Gabriel, que está no nono ano, dá conta do recado, graças a Deus. Eu só dou uma acompanhada, vejo se ele está precisando de alguma coisa ou alguma ajuda, se ele fez mesmo. Eu tenho o controle pelo meu celular. Com a Ester eu tenho um pouquinho mais de dificuldade, porque eu tenho que sentar com ela e ensinar, porque a professora dá a apostila, eu vou lá e busco, tem que fazer as atividades nos dias programados e às vezes eu não consigo, então, eu acumulo duas ou três atividades. Aí eu que lute ‘pra’ resolver, né? Eu acho isso horrível, para mim é horrível, eu tenho um terceiro turno sem querer ter, porque às vezes eu trabalho o dia inteiro... assim... então é bem difícil pra mim, porque sou eu mesmo. O meu filho de quatorze anos ajuda, só que ele não domina tudo. A obrigação é minha, então eu que lute”.

Alguém da residência contraiu a Covid-19?

“Da minha casa não, graças a Deus... mas a minha amiga que faleceu em julho, nós estivemos juntas dez dias antes dela contrair o vírus... então quando ela disse que estava com o vírus e ela começou a ficar ruim, causei na minha mente uma preocupação muito grande, porque eu estive com ela dez dias antes e eu pensava: meu Deus, será que eu também? [pausa] Mas, de qualquer forma, eu nunca imaginei que seria o motivo para o falecimento dela, não pensava isso... pensava que ela fosse sair dessa. Aí ela foi internada, entubada e faleceu. Ela era uma amiga de estar comigo aos finais de semana, gostávamos de nos reunir para as-

sar uma carinha, conversar bobagens, ouvir uma música, tomar uma cerveja. A gente era muito próxima... Da minha família, eu não conheço ninguém que teve... tem uma prima minha que teve, mas eu não tenho contato com ela, mas foi leve o que ela teve, entendeu? Teve, foi confirmado, deu positivo e tudo... só essa que eu sei, dos demais eu não ouvi falar. A minha avó tem 88 anos, é super saudável, a gente tem super cuidado com ela. Quando vou visitá-la, fico da grade olhando pra ela, ela conversa comigo pela grade da casa deles e eu não entro porque tenho medo. Minhas tias tomam todo cuidado com ela”.

Devido à apreensão de ter tido contato com a amiga que faleceu, houve uso de algum medicamento ou chá por ela ou membro da casa?

“Eu não fiz uso de chá, fiz um tratamento recentemente, porque outra amiga minha testou positivo para Covid, estivemos juntas uns três dias antes, antes do teste dela sair, o que significa que ela já tinha quando nos vimos. Eu senti umas dores de cabeça, fiquei nervosa... fui no INTO, fiz exame e iniciei o tratamento, mesmo dando negativo”.

O tratamento foi feito por conta própria ou os medicamentos foram dados pelo INTO?

“Foi pelo INTO. Fui lá, fiz o teste e iniciei o tratamento. Quando eu fui lá estava sem febre, mas estava com falta de ar, o negócio da respiração estava tudo muito [pausa]. Mas acho que muito de nervoso, porque essa doença tem o poder de mexer com o psicológico da gente. A gente fica bem preocupado, com muito medo de morrer, porque você não sabe como que o seu organismo vai lidar com esse vírus... então... é muito complicado... a minha amiga que faleceu tinha 32 anos, super ativa, jovem, muito saudável... a gente nunca sabe como ele vai agir no corpo, né?”

Alguém da família ficou grávida ou teve bebê?

“Da família não, ninguém ficou grávida, mas sei de algumas pessoas que eu conheço, como: a professora lá da escola que eu trabalho, a moça que cuidava da minha filha...acho que foram essas que eu conheço”.

Você sofreu alguma alteração no vínculo empregatício ou conhece alguém que sofreu?

“Eu me mantive no emprego. Conheço algumas pessoas que perderam o emprego em loja, porque foi fechada e os comerciantes ficaram sem pagar, sem ter como pagar... tenho amigos comerciantes que tiveram que diminuir o pessoal”.

Precisou ou conhece alguém que precisou fazer uso do auxílio emergencial?

“Sobre o auxílio emergencial: a minha mãe é autônoma e conseguiu. Já recebeu sete parcelas, porque ela não recebeu desde o início”.

Lilian conta como funcionou o isolamento das crianças e idosos na sua família:

“As crianças ficaram isoladas em casa... o que mudou foi que deixaram de ir à escola, pracinha, deixei de levá-los ao meu trabalho. Elas ficam em casa. Sobre os idosos: eu tenho a minha avó, que tem 88 anos e eu vou vê-la às vezes pela grade. Agora, ela está na casa da minha tia. Quando ela me vê, ela quer me abraçar, né? Aí eu não gosto de ir lá porque é muito difícil essa parte de não poder abraçar, não poder beijar, sentir o calor... a gente gosta muito disso. A minha avó diz que eu sou uma das preferidas dela [risos]. Dizem que não tem netos preferidos, mas tem sim. Eu sou uma das que ela mais tem afinidade, então quando ela me vê, quer muito me abraçar”.

Como foi o trabalho em home office?

“Fiquei por um tempinho, mas já estou indo para o trabalho físico, né? Mas está sendo tranquilo o home office. A dificuldade era a internet, mas deu bem certo, porque eu consegui colocar internet aqui e atender as demandas da secretaria”.

E os planos para o futuro, quais são?

“Amigo, a meta é sobreviver, né? [risos] Meus planos para o futuro são cuidar da minha família, ver meus filhos bem, ficar bem psicologicamente, manter a fé e ir adiante. Não tenho muitos planos traçados... eu planejo ver minha família bem, assim como meus amigos, minhas amigas que eu gosto muito, quero ver todo mundo bem e com saúde”.

Quais os aprendizados deixados pela pandemia?

“Ai, amigo... o tanto que a gente é frágil, né? A gente aprendeu bastante como somos muito frágeis. Não temos estrutura, conhecimento suficiente. Eu digo de primeira... quando acontece uma coisa dessa, ninguém está preparado. Eu acredito que aprendemos muito sobre a vida. Questão de não poder abraçar quem a gente ama ou abraçar se arriscando. Sobre as perdas que a gente teve, né? A gente perdeu muita gente. Se você não perdeu alguém, conhece alguém que perdeu. Sempre tem a presença de morte muito mais comum do que o normal. Eu aprendi o quanto a vida é frágil, o quanto estamos despreparados”.

Há algum agradecimento ou consideração que gostaria de fazer?

“Eu agradeço você por ter me dado a oportunidade de falar sobre esse assunto tão importante. Agradeço a Deus pelos cuidados com minha família e amigos”.



V

**Relatos coletados
por Zima Nzinga:
*Márcia Carmos de Lima, Marta
Carmos de Lima Viana, Rosângela
de Miranda Martins Galdino***

As minhas mães⁸

Minhas primeiras memórias de maternidades partilho com minha maior ancestral. Aquela que me gerou no seu interior, deu-me ao mundo e ensinou-me a caminhar, assistindo à transfiguração e crescimento de meu corpo travesti. Minha mãe mostrou-me desde cedo o poder da verdade, da decisão para bons caminhos, e da esperança por dias tranquilos. Segurou minha mão quando não pude andar, sendo capaz de me direcionar e, atenciosamente, olhar com carinho, firmeza e força para si mesma: *Desistir não é uma opção quando se tem pertencimento, amor e lar*. Nessas reminiscências do materno partilhei a criação com outros dois irmãos: o cuidado de ser a irmã mais velha, em cenários, enredos e tempos distintos. Houve uma época em que era somente ela e a minha avó redesenhando e reconfigurando a estrutura de família, proteção, cuidado, providência. O tempo era curto, o trabalho tanto, os enredos fincavam-se na pele como uma tatuagem feita pela vida. E em um quarto com duas camas havia espaço para o cuidado, amor, afeto, materno. A reinvenção e o poder da criação de afetos/cenários/caminhos tomei como parte da minha feminilidade. E o que saberei sobre meu materno descobrirei nesta encruzilhada.

A realidade de muitas mulheres pretas e pardas no Brasil repete-se em diferentes corpos, nomes e endereços. A experiência do materno, ainda que seja singular, subjetiva, única, é atravessada por sintomas sociais que impactam majoritariamente estas mães, perseguidas pela crueldade do sistema capitalista, pela frieza das instituições, pela ausência e pela omissão masculinas. O que torna este trabalho tão singular: ouvir o que a feminilidade-mãe diz sobre si, enunciando para o mundo o que sente, o que professa, o que escolhe também não enunciar. Há algo muito poderoso quando unimos diferentes olhares para coletar tais relatos da feminilidade em um cenário pandêmico. As narrativas sentiram o transfigurar, transformar, transicionar: Novos enredos, novas possibilidades, encruzilhadas outras para histórias refeitas. Este é o poder da vida, brevemente congelado em textos datados neste período frágil da história da humanidade. Na época dos registros parte de mim ainda gerava minha transição de gênero como um desejo oculto, rabiscando meu nome em blocos de notas, identificando tra-

8 Texto escrito em agosto de 2024 por ocasião da publicação do livro

ços de uma corporeidade nos relatos que ouvia e transcrevia. Neste percurso me fiz, me ouvi, me senti. E espero que todos aqueles e aquelas que também os lerem sejam capazes de enxergar a imensidão-mãe que nos cerca e atravessa um mundo que se proclama masculino, mas subterraneamente é suspenso pela feminilidade.

Rosângela de Miranda Martins Galdino

No dia 08 de dezembro de 2020 foi realizada a entrevista e coleta de Rosângela de Miranda Martins Galdino. Mãe de três filhos, Rosângela tem 39 anos e mora com seu esposo e filhos. Nascida em Rio Branco, atualmente trabalha com serviços gerais.

Quando questionada sobre sua vivência de maternidade antes da pandemia, ela relatou que:

“A relação com meus filhos... é boa. Não vou dizer excelente, pois excelente não é. Porque entre família sempre há alguns conflitos, há sempre alguma coisa que a gente não concorda. E um sempre acaba discutindo com o outro. Mas no fim de tudo, tudo dá certo. Minha aceitação da maternidade foi boa, muito boa. Ser mãe é uma coisa que sempre quis e Deus me deu a dádiva. Antes da pandemia o trabalho aqui em casa se dividia em cada um tinha sua tarefa, cada um tinha o que fazer aqui dentro de casa. Era tudo dividido. Antes da pandemia nossa rotina era: meu marido trabalhava, eu trabalhava fora, meus filhos estudavam, a menorzinha ficava em casa com minha mãe. Isso era tudo antes da pandemia”.

O cuidado com a alimentação sempre foi necessário, Rosângela revelou ainda que era uma preocupação que antecede a pandemia:

“Há nove anos atrás eu soube que sou hipertensa, então isso era uma coisa que sempre me preocupava aqui dentro de casa em relação a alimentação, em relação a exercício físico. Falo eu, meus filhos não são

muito de fazer exercício físico, nem de cuidar muito. Mas eu quando estou em casa procuro seguir as regras não só pra mim, mas para toda a minha família”.

As primeiras impressões sobre o coronavírus:

“A minha reação foi medo. Muito medo mesmo. Medo desse vírus. A gente não sabia como ele agia no nosso corpo. Medo por mim, pela minha família, por todos. Eu fiquei sabendo dessa situação de pandemia através das redes sociais. Assim como todos, né. A expectativa durante essa pandemia era que passasse logo, né. A gente não sabia que ia durar tantos meses como está acontecendo. E a gente procura se cuidar da melhor maneira possível. Tendo as precauções, os cuidados, a higiene, os cuidados diários. Eu mesma trabalho fora em limpeza, e é um local que a gente tem que ter o ambiente sempre limpo e os cuidados possíveis. Uso máscara direto, uso álcool em gel e procuro fazer a higiene da melhor maneira possível”.

Sobre as mudanças causadas pela pandemia:

“Antes a gente vivia de um jeito e agora durante a pandemia a gente passa a ter mais cuidado, mais atenção. Tudo mudou. A gente passa a ser tão pequeno diante de um vírus que hoje a gente já tem uma noção. Mas quando começou a gente não tinha noção de como ele era tão perigoso. Na nossa família a gente passou a ter muito cuidado. Ao sair, ao chegar, a ter mais higiene, a fazer higienização das mãos, a ter mais zelo dentro de casa, a desinfetar as coisas quando chega do mercado, ter cuidado ao sair usando máscara, ter cuidado para não tocar nas coisas. Tudo isso é uma mudança radical. Uma mudança que a gente não esperava acontecer e de repente de uma hora pra outra tudo muda na nossa vida. E não só na nossa, mas na vida de todo mundo. Porque isso foi uma coisa que abalou o mundo todo. Antes a gente tinha um ritmo de vida e agora durante a pandemia a gente passa a ter outra rotina. Porque envolve não só a nossa família, mas outras pessoas. E o cuidado é geral, não só com a gente, mas com o nosso próximo”.

Sobre a vida durante a pandemia:

“Assim que começou a pandemia o meu esposo ficou desempregado, no mês de fevereiro, e eu já tinha saído do meu trabalho. E aqui em casa

são cinco pessoas e todos não tinham trabalho. Então ficou uma situação financeira muito crítica”.

“Nesse fim de ano, no começo de outubro, eu fui contratada numa cooperativa de serviços gerais. Graças a Deus. Mas até então estávamos todos desempregados, somos cinco pessoas. Eu estou recebendo o auxílio emergencial. E tá com dois meses que comecei a trabalhar e as coisas estão melhorando a cada dia. Espero melhorar mais. Espero que essa pandemia acabe logo. Espero que tudo mude, porque tem sido um ano muito difícil pra todos nós”.

“Em relação às crianças aqui em casa: eu tenho uma criança de oito anos. Ela estudou até no início do mês de março, as aulas pararam devido ao começo da pandemia e até então as aulas não retornaram. As aulas estão sendo online. Os outros dois já tinham terminado os estudos”.

“Aqui em casa a nossa família não pegou coronavírus. Mas o meu pai veio se tratar, ele morava em Porto Acre, e veio com uma enfermidade e ficou internado durante uns dias... E a gente soube que ele pegou coronavírus, e em decorrência disso ele veio a óbito seis meses atrás”.

“Aqui em casa a gente procura sempre estar tomando vitamina C e eu, um tempo atrás aí, uns três meses atrás, eu tive uma gripe forte. Achava até que estava com coronavírus, mas creio eu que não. Porque os sintomas só vieram a acontecer durante quatro dias, depois fiquei bem. Mas não cheguei a fazer nenhum exame para saber se era ou se não era”.

Sobre o isolamento:

“O isolamento social foi uma parte muito difícil dessa pandemia. Tínhamos que ficar confinados por 24 horas um com o outro e conviver com diferenças, conviver com muitas situações. Então o isolamento não foi fácil. Não foi nada fácil. Aqui em casa tem criança, e adulto entende, mas criança não. Às vezes minha filha mais nova de oito anos queria sair e a gente explicar a situação e ela entender era muito difícil. Assim como era difícil pra nós que tínhamos uma rotina de vida, de ir e vir, e de repente a gente passa a não ter direitos de ir a muitos lugares. E se fosse, a gente tinha que ter os devidos cuidados, atenção. Então assim, o isolamento pra família foi muito difícil, muito difícil mesmo. Creio eu que

não foi fácil pra ninguém”.

Sobre o futuro:

“Meus planos para o futuro é viver. Viver e viver. O que eu tirei de aprendizado nessa situação, nesse ano que foi tão difícil para todos nós, é que a gente tem que ter mais amor ao próximo. Que a gente tem que ter mais cuidado, que a gente tem que agradecer cada dia a Deus por estarmos vivos. Quem pegou agradecer a Deus que resistiu a esse vírus. E quem não pegou agradecer a Deus por não ter pegado. Porque a gente viu situações de muitas famílias que perderam seus entes queridos, eu mesma perdi meu pai pra esse vírus. É fácil não foi fácil pra ninguém. Eu até me emociono porque chegamos no mês de dezembro e estamos aqui. Eu estou aqui contando esse relato e com saúde. E isso é motivo de agradecer a Deus. Durante todos esses meses que não foi fácil, difícil financeiramente, a gente vê aí que o Brasil tá em crise, as coisas aumentaram de preço, ou seja, cada dia mais difícil. Mas graças a Deus estamos vivos”.

“Depois da pandemia... Só Deus sabe como será a situação do nosso Brasil, como será nosso futuro, nosso dia de amanhã. O meu desejo é que seja um futuro melhor. O meu desejo para o futuro é que chegue uma vacina eficaz para todos nós. E que possamos ter a nossa vida de volta. Que possamos viver com mais dignidade, cada dia uns com os outros, e que as pessoas possam ter aprendido nesse ano de 2020 com toda essa situação. Quem falar que não teve desse vírus que matou muita gente, muita gente, quem falar que não teve medo está mentindo. Eu acho que quando surgiu em todos foi um só sentimento: sentimento de medo. O que eu desejo, não só pra mim, não só pra minha família, mas para todos nós. Todos. Que tenhamos um Brasil melhor, que tenhamos dias melhores e que possamos ser melhores no dia de amanhã”.

Rosângela finalizou seu relato agradecendo a Deus por ter guardado ela e sua família durante este período pandêmico. Foi grata também pela oportunidade de ceder este relato.

Márcia de Lima

Eu, Zima Nzinga, entrevistei Márcia de Lima, de 37 anos, no dia 8 de outubro de 2020. Nascida na capital Rio Branco, reside no bairro João Eduardo com sua mãe e seus dois filhos. Trabalha informalmente como vendedora, e como muitas mulheres no Acre, dedica-se à vida doméstica.

Márcia relatou que sua relação com a maternidade sempre foi excelente. Ainda que não tenha planejado, ser mãe sempre foi uma tarefa que desempenhou com amor. Em sua casa, recebe ajuda de sua filha mais velha para os trabalhos domésticos. Relatou que em um primeiro momento encarou a pandemia como algo temporário. Achava que o novo coronavírus não chegaria sequer à cidade, sendo surpreendida com as medidas de quarentena e isolamento social. Em suas palavras: “devemos aceitar que o uso de máscaras e álcool em gel fazem parte de nossas rotinas”.

Sua vivência na pandemia não vem sendo fácil. Márcia relatou que a rotina de limpeza e higiene contra o vírus é cansativa. Todas as vezes que sai de casa, ao retornar, toma banho inúmeras vezes por medo de contaminação. Relatou que a situação lhe causa várias neuras, tendo em vista que perdeu diversos amigos e entes queridos.

Durante a pandemia seu filho mais novo apresentou várias crises respiratórias e problemas pulmonares. Não soube dizer ao certo se foram causados pelo novo coronavírus, contudo, buscou ter todos os cuidados com a criança através de remédios caseiros e uso de nebulizador. Diz que o filho apresentou dificuldade de socialização depois do isolamento. A criança tornou-se menos comunicativa e falante, mesmo em ambientes com outras crianças de sua idade.

Quando questionada sobre suas expectativas para o futuro Márcia confessa que não tem planos. Ela diz que a pandemia lhe ensinou a viver um dia de cada vez: “A pandemia ensinou ao pobre e ao rico o valor de um abraço. Que o dinheiro, o carro, a casa boa, no meio de tudo isso não serve de nada. Devemos aproveitar o hoje. Viver no presente” concluiu.

Marta Carmos Viana

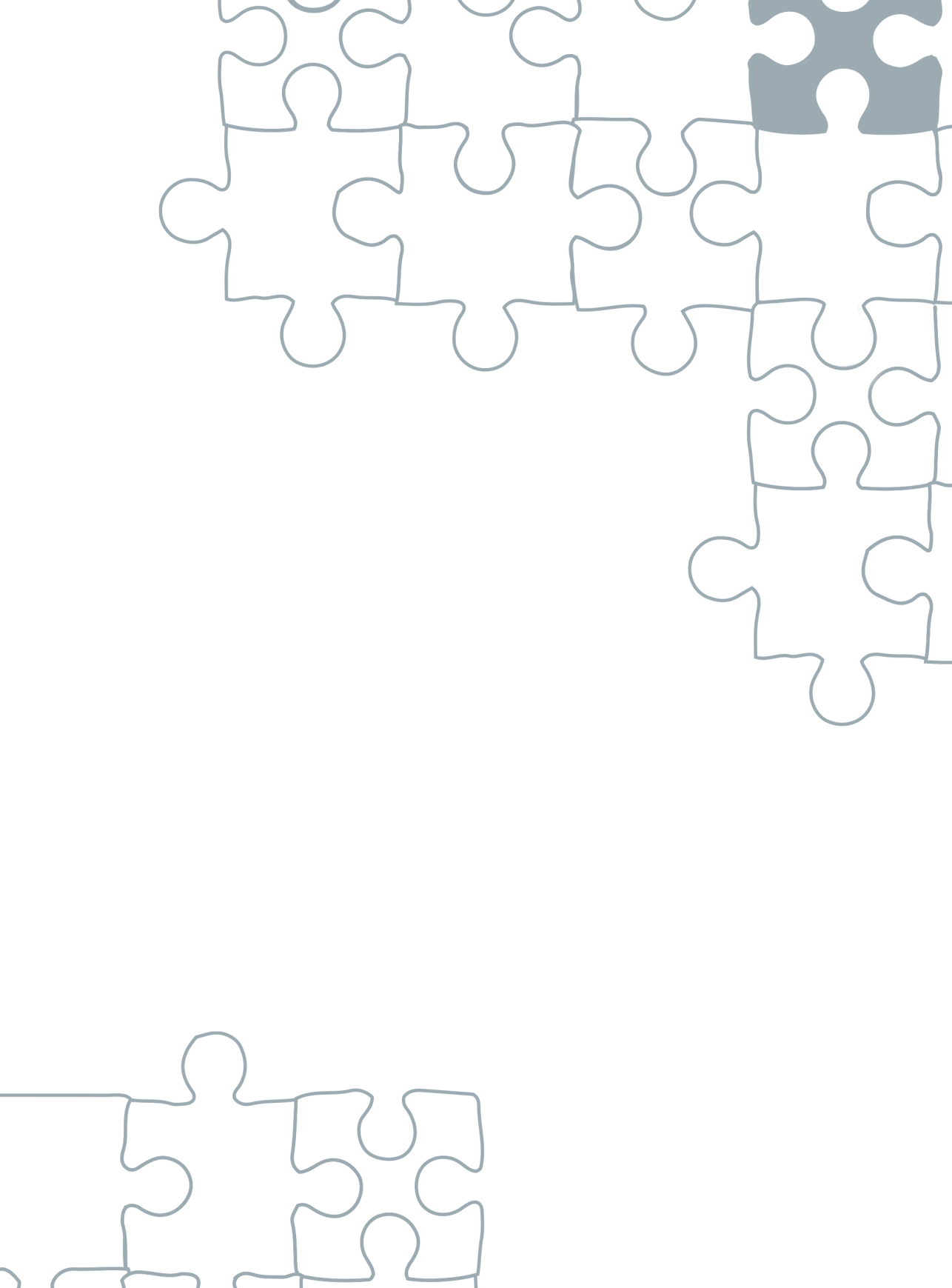
Eu, Zima Nzinga, realizei a entrevista e coleta de relato com Marta Carmos Viana no dia 10 de outubro de 2020. Mãe de três filhos, nascida em Xapuri (interior do estado do Acre), mudou-se ainda jovem para a capital Rio Branco. Tem 41 anos e atualmente mora com seu esposo e filhos.

Marta Viana relatou que a relação com seus filhos sempre foi bastante tranquila, ainda que tenha pensamentos e crenças distintas destes. Ser mãe sempre lhe pareceu uma tarefa desafiadora, contudo, jamais digna de arrependimento. Com o início da pandemia suas preocupações maternas dobraram, sua ansiedade e medo de possível contaminação em vários momentos a cegavam. Com o momento de quarentena a rotina passou a ser diferente para os demais: passaram a cooperar nas atividades domésticas, ainda que com pequenos afazeres.

De fato, a saúde sempre foi a maior preocupação de Marta. Seu espírito materno protetor em vários momentos falava mais alto e buscava incessantemente a realização dos cuidados essenciais contra o vírus. A preocupação, o medo, a ansiedade, giravam em torno não somente de si, também se debruçavam sobre os entes e demais pessoas. Ao descobrir o surgimento e permanência do vírus pelos jornais, tratava de advertir diariamente sua família sobre os cuidados e práticas de higienização.

A pandemia e a quarentena lhe causaram extremo estresse. A rotina doméstica tornou-se logo cansativa. O confinamento com cinco pessoas tornou-se monótono e o único momento de lazer era o de sentar-se em frente à TV e assistir séries. Durante a pandemia toda sua família se infectou pelo novo coronavírus, e ela teve que internar-se juntamente com seu filho mais novo de 10 anos. Este foi, indiscutivelmente, o momento em que mais sentiu-se fragilizada e impotente. Neste momento Marta Viana firmou-se em sua fé cristã.

A pandemia trouxe perdas de familiares distantes e a união dos que estavam próximos. Os filhos, ela e o marido, venceram a doença e continuam em isolamento. Marta relata que o momento pandêmico trouxe como aprendizado a valorização da vida e a união com o próximo. Agradece, acima de tudo, a Deus, por até aqui manter-lhe de pé.





VI

Relato coletado por
Ana Fiori: *Soleane Manchineri*

Reimaginar a universidade, ouvir as mães⁹

Na noite do dia 16 de março de 2020, eu havia solicitado às alunas e aos alunos da minha disciplina do curso de Ciências Sociais na Universidade Federal do Acre que sentassem mais afastados uns dos outros e mantivéssemos as largas janelas totalmente abertas, e no decorrer da aulas comuniquei-lhes que haveria a suspensão das atividades por quinze dias. O primeiro caso confirmado de Covid-19 no estado do Acre foi justamente no condomínio onde eu residia. Em 17 de março de 2020, uma pessoa que havia retornado de uma viagem de trabalho ao sudeste tinha se contaminado, inadvertidamente. Avisei a algumas pessoas que, por precaução, eu ficaria sem sair de casa por quinze dias também. “Boa quarentena”, um amigo da igreja me desejou. Nem esperava que fosse uma quarentena, quarenta dias. Quinze dias em casa já parecia muito tempo.

Retornamos às aulas, no chamado “Ensino Remoto Emergencial”, apenas em outubro. Este retorno foi resultado de debates acalorados dentro e fora da comunidade universitária. Preocupações com a formação interrompida das turmas, com o ingresso de estudantes em 2021 e o impacto no calendário acadêmico. Ressalvas com a opacidade dos acordos e contratos firmados com as empresas que ofereceriam os ambientes virtuais para a realização de aulas e atividades online, e o quanto estas se tornaram detentoras de direitos autorais e de imagem de docentes e discentes, além de violações de privacidade e geração de dados por estas grandes empresas para fins não educacionais e científicos. Houve denúncias e análises sobre o avanço e os impactos do trabalho plataformizado a longo prazo para a precarização da carreira docente e a formação discente. E, sobretudo, a consciência incontornável de que a condução de atividades online resultaria no aprofundamento das desigualdades de acesso e permanência na universidade por estudantes com condições socioeconômicas desfavoráveis, sem acesso a equipamentos apropriados e conexão à internet, com trabalho, renda e cotidianos comprometidos pelos impactos da pandemia, e que encontravam no espaço físico da sala de aula a expectativa de aprendizado e formação profissional e acadêmica que pudesse compensar déficits educacionais herdados da educação básica. Desigualdades atravessadas por gênero, raça, faixa etá-

9 Texto escrito por ocasião da produção do livro, em junho de 2024

ria e a presença de deficiências e questões de saúde.

Hesitar em retomar as aulas não significava preconizar que estivéssemos em um estado inoperante enquanto universidade, e sim que pudéssemos reimaginar as atividades de ensino, pesquisa e extensão para além de cronogramas e resultados no esquema fabril das sucessivas turmas de ingressantes e egressos. Os cursos de graduação e pós-graduação da Ufac foram encontrando formas de oferecer serviços a segmentos da sociedade, desenvolver pesquisas e levantamentos que pudessem compreender o fenômeno da pandemia de Covid-19 e oferecer subsídios para seu enfrentamento, e continuar a formação de todos. Como cientista social e antropóloga, lembro-me de no início da pandemia ter devorado livros e artigos que discutiam epidemias na história passada e presente, acompanhado os debates de intelectuais como Bruno Latour, Paul Preciado, Byung-Chul Han (cujo livro “sociedade do cansaço”, ironicamente, anunciava o fim da era das epidemias) e visto diferentes grupos de pesquisa debatendo como seria possível realizar trabalho etnográfico sobre a pandemia. Quatro anos depois, acredito que, para além de quem efetivamente realizou diferentes investigações centradas na pandemia no campo da antropologia, todas as pesquisas realizadas no período se tornaram, de alguma forma, pesquisas sobre a pandemia. Todas testemunharam o impacto da pandemia em seus campos de investigação, nas vidas das pessoas que são nossas interlocutoras, parceiras, participantes das pesquisas, e também nas nossas.

Enquanto tudo era incerteza, naqueles meses de 2020, e a angústia das taxas de mortalidade e do negacionismo era um dragão diário a se enfrentar, eu pensava nas minhas turmas, em estudantes que eu havia conhecido desde meu ingresso na Ufac em 2019 e por quem eu nutria já um sentimento de responsabilidade e de cuidado. Ser professore é viver na carne os dilemas da docência como uma profissão de cuidado. Convidar um grupo de estudantes (e só mulheres responderam ao convite) para discutir textos enquanto observavam seus próprios cotidianos, sentimentos, casas e famílias era uma forma de integrar esse cuidado e aprendizado, de manter contato, de compartilhar afeto. O projeto *As Margens da Pandemia: relatos de maternidade* foi um encontro de afetos entre Camila, eu e algumas e alguns estudantes. E, tão logo a coleta de relatos começou, também com as mães que gentilmente compartilharam um pouco de si conosco. Eu coletei apenas dois relatos, dos quais um integrou o sítio eletrônico e faz parte agora do livro, impondo-me uma restrição para que as e os estudantes participantes assumissem para si a tarefa. Ler e comentar os relatos, tarefa compartilhada por toda a equipe, trazia também seus próprios afetos e inquietações.

No início de 2021, as primeiras vacinas foram disponibilizadas. Trabalhando remotamente, já conduzindo disciplinas e concluindo este projeto, pude acompanhar a vacinação de minha avó, então com 91 anos, e de minha mãe, então com 61 anos, que pôde ser vacinada antes de sua faixa etária pela condição de “cuidadora”, com uma das vacinas da “xepa”, sobras de um frasco aberto que deveriam ser aplicadas no mesmo dia ou descartadas. Minha avó, sobrevivente da Segunda Guerra Mundial e de campos de concentração na adolescência, estava experimentando a pandemia e suas incertezas como um retorno ao horror da guerra. Às histórias de sobrevivência e cuidado de 80 anos atrás que minha avó sempre contava somavam-se estas novas histórias, micro histórias singelas de mulheres e seus cuidados, sem as demandas egóicas do heroísmo glorioso, mas pela paciência do trabalho cotidiano e da atenção ao redor. Histórias que construíam os mundos de quem, como formula Donna Haraway, ficou com o problema. O relato que trago coletei de uma aluna, que também se tornou parceira em outras atividades (fomos colegas no Comitê Estadual de Prevenção e Combate à Tortura do Acre entre 2022 e 2023) e alguém a quem eu aprendi a admirar profundamente desde nossos primeiros encontros. Mulher, indígena, mãe, profissional engajada, que generosamente compartilhou um pouco de si com este nosso projeto.

Soleane Manchineri

Eu, Ana Fiori, entrevistei Soleane Manchineri no dia 04 de dezembro de 2020. Em uma tarde chuvosa, com a casa movimentada e acompanhada da filha, Soleane me contou suas experiências de mulher indígena Manchineri nascida e morando na capital, Rio Branco, bem como o projeto de ir morar na aldeia e aprender a língua materna. Soleane tem 35 anos, é formada em história, acadêmica de Ciências Sociais e acaba de defender um mestrado no programa de Linguagem e Identidade da UFAC. Soleane estava trabalhando com questões administrativas, mas foi aprovada no processo seletivo para professora indígena. A conversa está transcrita abaixo quase na íntegra, apenas algumas palavras e inícios de frases incompletas foram retirados, de modo a facilitar a leitura. Esta forma de apresentação visa explicitar a relação de familiaridade e confiança entre entrevistada e entrevistadora, que são aluna e professora.

ANA: Bom, deixa eu te explicar um pouco, Sol. Eu e a professora Camila Bylaardt, do curso de Letras, estamos desenvolvendo um projeto chamado *As Margens da Pandemia: relatos de maternidade*. A ideia é conversar com pessoas que são mães e que sentiram que a vida de algum jeito mudou nos últimos meses e que querem contar essa experiência e compartilhar um pouco da sua vida. A nossa meta é buscar pelo menos 40 relatos de mães acreanas ou que vivem aqui, e esses relatos vão fazer parte de um site na internet. E podem aparecer de duas formas: como áudio, então a gente vai juntar esses áudios que a gente está trocando por WhatsApp, e como texto. Você pode escolher se você quer só o texto ou se quer o áudio. Você pode escolher se seu nome aparece ou não. E ao longo da nossa conversa a gente pode fazer pausas, se você quiser, a gente pode mudar de assunto, se a gente for tocar num assunto que você achar mais delicado, mais difícil. E se você tiver alguma coisa para fazer, a gente pode ir fazendo essa conversa aos poucos. Se alguma parte da nossa conversa você não quer que vá para o site, a gente pode editar essa parte. E, se você quiser também, a gente pode te mandar o arquivo do texto e o áudio para você ouvir antes disso ir pro ar. Por enquanto

a ideia é que só eu, a professora Camila e os alunos e bolsistas tenham acesso aos arquivos da gravação, até sua autorização para ir para o site. Mas a gente acha assim, em geral, com essa experiência que a gente tá tendo, que as pessoas que conversam com a gente gostam de participar, veem isso como um momento de partilha e de acolhimento, até porque algumas estão isoladas, passando por vários tipos de dificuldade. Então eu estou te contando tudo isso para você entender o projeto, porque eu preciso que você me diga se você concorda ou não e quais os termos que você concorda.

SOLEANE: Então, professora Ana. A pandemia pra mim foi um divisor de águas. [ruídos e vozes ao fundo]. Tá um barulho aqui em casa porque está acontecendo uma movimentação. Antes da pandemia eu não tinha tempo para quase nada. Eu pegava um monte de trabalho pra fazer, embora eles não fossem remunerados, mas eu pegava, para poder estar me refazendo enquanto pessoa, aprendendo. Eu sempre tive essa motivação de lidar com várias coisas. E aí eu vejo que tive duas consequências: eu não tinha tempo para minhas filhas e nem tinha tempo pra mim mesma, pra focar em uma coisa só. E aí, o que aconteceu? Quando veio a pandemia eu tava finalizando o mestrado, já quase defendendo, e a pandemia foi um divisor de águas. Foi eu me reaproximar da minha família, das minhas filhas, aprender com elas duas num momento em que elas tavam muito fragilizadas. E eu pude reconstruir o meu diálogo com elas. Eu não tinha tempo realmente pras minhas filhas, eu viajava demais, eu passava pouco tempo em casa. Então eu vejo que esse período em que eu fiquei em casa, trabalhando off [risos] online, eu vi que eu pude me conectar com elas, com minha família, com meu pai, com minha mãe. E eu vi a diferença, sabe?

E aí eu comecei a dizer não para outras propostas, eu tô aceitando poucas coisas. Inclusive nessa questão de aceitar o desafio de dar aula na igreja, também foi resultado da pandemia, que eu já queria muito, mas eu não tinha coragem de me aventurar. E aí quando veio a pandemia eu falei assim “eu vou aceitar” e eu aceitei. Mas pra mim em relação às perdas de vidas que tivemos do povo Manchineri e aos anciãos, foi doloroso. Perder, porque são conhecimentos que eles levaram pra outra vida e que a gente não tem como recuperar. Isso foi doloroso, mas em relação à minha vida, da minha família, que são as minhas filhas, melhorou 100%. E eu pude me refazer como pessoa, principalmente como mãe, enquanto mulher, indígena, enquanto trabalhadora. E eu aprendi a trabalhar com esse novo conceito, com a internet. Eu aprendi a trabalhar com outras ferramentas. Tudo que eu tinha dificuldade, nesse período eu fui tentando suprir, através das minhas debilidades, através de experimentos, fui suprimindo. Mas não foi 100% bom, porque eu tive vários problemas

financeiros, mas mesmo assim eu tive uma orientadora que foi a professora Maria de Jesus [professora de História da UFAC, pesquisadora do Laboratório de Interculturalidade], que me ajudou muito, sabe, nesse período. Ela investiu muito em mim, pesado.

Então eu agradeço muito, porque nesse período eu pude reconhecer quem são as pessoas generosas, amigas. Então pra mim foi um aprendizado. Eu sei que a pandemia não acabou, mas ela tá menos intensa, em relação à pressão mental do que no início, quando ela surgiu. Hoje eu já estou sabendo lidar com essa situação de prevenção, de cuidados e tudo mais. Mas tem que tomar cuidado, principalmente quando se vai pra aldeia. Lá em Assis Brasil, que foi um lugar que eu fui recentemente, no mês passado, e eu vi criancinha de um mês com Covid, dois meses com Covid, e eu me senti impactada com essa situação. Não sabia o que fazer, me senti completamente fragilizada com isso, e fiquei pensando em como que a gente poderia ajudar a população a se prevenir, se eles acham que a Covid não é real. A Covid é real, é invisível, e nos fragiliza. Mas com a minha família tá tudo bem, graças a Deus.

ANA: Então você poderia contar um pouco como é que está sendo a rotina de cuidado na sua casa, no dia a dia. O que mudou no jeito de lidar com as coisas do dia a dia, de antes da pandemia para depois? Tem alguém da sua família que precisa de cuidado especial? Como é isso?

SOLEANE: Então nós estamos tomando todos os cuidados necessários. Usando máscara, álcool gel quando sai, quando chega tira a roupa, lava tudo direitinho. Depois que minha mãe tomou... pegou Covid, a gente percebeu que a Covid tem consequências, a pessoa não fica 100% saudável, de vez em quando tem recaída, então eu vi que minha mãe precisa de cuidado. Ela não come mais carne vermelha, ela tá fazendo uma dieta rigorosa: come mais frutas, carne branca, procura comer comida mais líquida... não vai pra todos os lugares em que a gente tá, porque ela falou que de vez em quando ela tem impressão de que a Covid tá voltando. Mas a gente toma esses cuidados, até porque os vizinhos aqui da rua, teve famílias inteiras que pegaram Covid, e eles saíam na rua sem máscara, não avisavam ninguém. E a gente sabe que não pode sair sem máscara e tem que avisar pros vizinhos que tá doente, porque senão contamina as outras pessoas. Mas enfim, acho que é a consciência de cada família, mas aqui na minha rua tem uma vizinha que não se prevenia, saía sempre, e agora ela tá com Covid. E eu tô orientando as meninas a se prevenirem, porque de vez em quando as filhas dela vão lá em casa pedir pra brincar com as meninas, então eu peço pra elas se prevenirem. Mas criança tá sempre achando que não tem nenhum pe-

rigo, mas tem muito perigo. Mas a gente tá tomando esses cuidados pra não pegar nenhuma doença, porque não é só Covid, tem outras doenças por aí. Então a gente está se cuidando.

ANA: E como é que é o dia a dia da sua casa? Quantas pessoas moram com você? Eu nem sei quantos filhos você tem. Como é a composição familiar?

SOLEANE: Então, aqui em casa moram seis pessoas. Eu, meus três irmãos, a Larissa e a Lavínia, que são as minhas duas filhas. E a gente passa o dia em casa, já que não tem muita coisa pra fazer fora. Só quando os meninos começarem a trabalhar que eles vão começar a sair. Mas o nosso dia a dia, a gente passa o dia em casa.

ANA: E como é que está a divisão tanto de renda, de quem tá trabalhando, sustentando a casa, e de quem tá organizando as coisas, cuidando da casa, cuidando das crianças?

SOLEANE: Então, quem sustenta a casa sou eu. E os meninos fazem as coisas. O Renato e a Carol cuidam da casa e das meninas quando eu tô trabalhando, e quando eu viajava. Mas agora como eu não tô trabalhando fora, eu que estou organizando tudo em casa, com ajuda deles. Mas nessa questão de ir pra aldeia, vai só eu e minhas duas filhas, porque eu acho que vai ser importante elas aprenderem a falar a língua materna, então em janeiro a gente tá indo, passar uns quatro anos por lá.

ANA: E essa decisão de voltar pra aldeia com as meninas teve a ver também com a pandemia? Como é que foi? Como é que você decidiu sair da sua vida urbana pra voltar pra sua comunidade?

SOLEANE: Meu sonho é aprender a falar a língua materna. Então, quando o pessoal da aldeia me procurou, quatro anos atrás, eu tinha medo. Daí quando eu fui pra aldeia com o Marcos [professor de Antropologia da UFAC, pesquisador do Labinter], eu superei esse medo, porque também o Marcos me deu uma super força em relação a voltar. E meu pai voltou, eu voltei pra aldeia com ele. Então eu pude me encorajar. Então, quando eu recebi o convite pra poder voltar, eu aceitei de primeira, porque eles ficaram de me ensinar a falar na língua materna. Então eu tô super feliz. Mas não tem nada a ver com a pandemia não, eu já queria ir antes da pandemia. Era pra eu ir já em janeiro, no início do ano de 2020, mas acabou que não deu certo, porque eu estava esperando sair o processo seletivo. E quando saiu veio a pandemia, tudo junto. Esperei também defender a dissertação. Então, nesse meio tempo veio a pandemia, que eu nem tinha noção do que ia acontecer. E aí agora saiu o resultado,

fui aprovada, e eu tô indo super feliz. Mas é mais por essa questão de aprender a falar a língua materna e poder fazer um projeto de doutorado muito bom, pra eu submeter e ser aprovada.

ANA: Poxa, que legal, Sol. Eu não sabia da sua aprovação no processo seletivo. Parabéns. Bom, eu vou mudar um pouquinho de assunto. Eu queria que você contasse um pouco como é que foi a sua experiência de ser mãe. Como é que foi pra você descobrir que tava grávida, ter o neném, as duas? E como é que foi criar elas durante esse período, suas experiências na cidade, depois quando você passou um tempo na aldeia. Quais são suas expectativas em relação a isso? Como é que foi a experiência da maternidade para você? Como é que está sendo?

SOLEANE: Então, quando eu descobri que ia ser mãe... eu nem sabia na verdade, eu descobri com dois meses, porque eu comecei a emagrecer. E eu era gordinha, na verdade ainda sou gordinha. E eu comecei a pesar 50 quilos, e vomitando, tinha enjoo de tudo. E aí minha mãe olhou pra mim, olhou algumas características no meu corpo [risos], e disse: “tu tá grávida?” “Não, mãe, tô menstruando”. Foi difícil porque eu tava fazendo teatro, tava fazendo balé, tinha acabado de entrar na universidade, praticamente. E a sensação de ser mãe, de encarar um outro mundo, é difícil. Inclusive, me juntei de última hora, fui passar três dias na casa do pai das minhas filhas e acabei ficando por lá durante o tempo que vivi com ele. Mas foi desafiador. Eu chorava de saudade da minha casa. Eu chorava porque ao mesmo tempo que eu queria ser livre, eu queria estar vivendo aquela vida de casada, tal. E eu era muito imatura. Quando a Larissa nasceu, eu tinha medo de tocar nela, pra mim foi tudo novo. Eu cresci junto com ela. E hoje olhando que ela tem doze anos, já tá quase do meu tamanho (risos), e vendo que a gente passou uma série de coisas juntas... eu aprendi com ela. Então, amadureci com ela. E aí veio a Lavínia quando ela tava com quase três anos e aí eu falei “puxa, tenho que encarar de novo”. Quando veio a Lavínia, eu já estava um pouco mais madura. Eu já tinha um caráter mais resistente, já tinha aprendido a ser mãe. Com a Larissa eu ainda me sentia imatura, mas com a Lavínia eu já ganhei uma resistência e aprendi a lidar com a situação de ser mãe, de ser mulher, esposa e tudo mais. Aí veio a separação, eu tive que voltar pra Rio Branco e me recuperar enquanto pessoa que estava vivendo todo esse mundo cheio de muitas novidades.

ANA: E como é que está sendo com as crianças dentro de casa? Elas tão tendo aula? Você está tutorando? Como é que está sendo essa organização?

SOLEANE: Elas têm aula, mas eu ajudo elas em meio termo. Em matemática quem ajuda elas é o meu irmão. Mas as meninas são muito estudiosas, tanto a Larissa quanto a Lavínia, elas procuram sempre fazer o trabalho delas. Só a Larissa que quando tem internet, ela se desliga. Mas elas tão tendo aula virtual, faltam mais do que comparecem, mas eu tô ajudando na medida...(risos) ela tá até rindo aqui do lado. Eu ajudo no que é preciso, mas elas são muito maduras pra idade delas, elas são muito responsáveis com trabalho, a Lavínia já até passou de ano. Da Larissa a gente ainda não tem as notas, porque os professores não mandaram. Mas a Lavínia já foi aprovada no primeiro semestre, então a gente está esperando. Vamos esperar as notas da Larissa também, até porque na aldeia eu acho que elas vão estudar em uma sala multidisciplinar [multisseriada], que são várias séries com idades diferentes, então eu não sei como elas vão se adaptar. Mas aqui a gente tá se virando, pela internet, pela tv, assistindo às aulas. E as meninas gostam muito de internet, então pra elas não teve nenhum problema. Elas fazem os questionários de acordo com o que os professores estão mandando. Mas enfim, Ana, a gente tá levando mesmo. Elas de vez em quando esquecem, mas eu vou lá no pé delas, “tão fazendo o trabalho? Tão fazendo as aulas?”. Aí elas vão estudar, passam o dia estudando. A gente tá se virando, Ana.

ANA: Pra fechar a entrevista, eu queria que você contasse um pouco... você já falou um pouquinho de que você vai pra aldeia. Como é que você imagina que vai ser o futuro, daqui pra frente, seu, das meninas, da sua família?

SOLEANE: Então, eu imagino que a gente vai aprender a falar a língua materna. E quando eu voltar eu quero falar pessoalmente com meu avô e ver o brilho nos olhos dele, ouvir ele me ensinar as histórias dos antigos na própria língua materna. Além disso, saber que minhas filhas vão aprender, vão aprender coisas dos antigos. Eu acredito que a nossa vida vai ser muito boa. Eu não tenho nenhuma dificuldade em mudar de cidade pro interior. Eu achei até mais tranquilo. Eu gosto da simplicidade e gosto de pensar que vai dar tudo certo. Eu sei que as meninas talvez tenham saudade da cidade. Mas eu acho que agora elas não percebem que vai ser muito bom pra vida delas no futuro. Mas eu já vejo isso, que vai ser muito bom pra elas. Porque a Larissa quer ser médica, e eu tenho certeza que quando ela entrar em contato com o povo dela por parte de mãe - que o povo do pai dela é Apurinã - eu acredito que ela vai se tornar uma pessoa mais humilde, mais humana e generosa, a partir do momento que ela entrar em contato. Entendeu? Assim como a Lavínia, quando também crescer, ela quer ser juíza. Então eu acredito que ela vai

olhar de uma outra perspectiva para os povos indígenas, ajudar, tentar compreender, vai ser mais humana. Então eu acho que vai ser muito bom pra nós três. E eu quero ir pro doutorado, quero ir com uma outra visão, mais direcionada em relação aos conhecimentos indígenas, as teorias indígenas no caso, tanto de cuidados, quanto de leis e tudo mais. Eu quero ver essas coisas. Eu quero mergulhar nesse mundo Manchineri, que eu nunca vivi de forma tão demorada. Eu tô empolgada. Já fui e voltei e foi bem legal os dias que eu passei lá, todo mundo me recebeu muito bem. É claro que tem pessoas que não gostam também da minha ida, mas no mais a maioria gostou, e eu ajudei a fazer uns projetos, foi bem bacana. E eu tô indo empolgada.

ANA: Então tá, Sol. Eu queria mais uma vez te agradecer e me colocar à disposição pro que você precisar, se quiser entrar em contato ainda aqui, depois quando você estiver lá na aldeia com ideias, eu tô à disposição pra te ajudar. Eu só precisava que você mandasse o áudio dando a sua autorização para fazer a transcrição dessa nossa conversa, publicar o texto, e se você autoriza também publicar o áudio.

SOLEANE: Autorizo sim, Ana. Também quero agradecer, Ana, porque quando eu tava pensando em fazer o doutorado, você enviou todos os livros que eu tava precisando e aí eu comecei a ter outras ideias em relação ao que eu tava pretendendo fazer. Autorizo sim, mas eu acho que o áudio ficou cheio de vozes por trás da minha entrevista, então não sei. Mas pode usar sim. E agradecer. E eu com certeza vou te chamar, porque eu te admiro pra caramba e eu sei que você é uma pessoa super qualificada na área que está atuando. Eu até pedi pra ser orientada por ti quando eu tava nas ciências sociais e estou super feliz por estar fazendo parte desse trabalho, e queria agradecer toda a generosidade que você tem. E dizer que assim que eu tiver qualquer ideia, eu te procuro sim.



VII

Relato coletado

por Camila Bylaardt

**Volker: *Francisca Andressa
de Melo Brandão Shanenawa***

A forma de um relato¹⁰

O projeto “As margens da pandemia: relatos de maternidades” foi gestado na primeira fase da pandemia. Perdoem-me a metáfora óbvia, mas o caso é que nunca pensei que trabalharia com os assuntos envolvidos nesse projeto: maternidade e pandemia. Para quem não se lembra, vou contar: a primeira fase da pandemia foi aquela em que alguns de nós ficamos assustadíssimos e presos dentro de casa, sem saber muito bem o que iria acontecer nos próximos meses. É quase como o início de uma gestação: susto, medo, dificuldade de projetar o que virá no futuro. E, ao mesmo tempo, uma sobrecarga de tarefas; não é que essas tarefas não existissem antes. Elas passam a ficar mais pesadas e são somadas a outras que surgem por causa do novo estado das coisas.

Enquanto eu estava na confusão por conta da conjunção entre maternidade e pandemia, uma amiga Ana me procurou pedindo a revisão de um texto que ela iria enviar para uma publicação sobre maternidade, pesquisa na universidade e pandemia. Junto com a revisão, ela mandou a chamada de publicação. Ao ler a chamada, fiquei pensando que eu também me encaixava naquele perfil. Afinal, eu sou mãe, pesquisadora da universidade e também estava na pandemia. Fiz a revisão do texto da Ana, e contei para ela que faria um texto também. Era para fazer um relato.

“Tem a forma de um relato”: essa frase vem me acompanhando há meses. A única coisa que eu precisava fazer era contar a minha experiência de mãe e pesquisadora durante a pandemia. Foi muito difícil escrever o relato; foi muito difícil me expor; foi muito difícil acreditar que eu teria algo a dizer sobre esse assunto.

Nesse meio tempo, outra Ana, a Ana Fiori falou alguma coisa sobre mães no Facebook. Eu comentei. Começamos uma conversa que virou um projeto. Um projeto sobre relatos de mães na pandemia. De novo, todos os elementos reunidos: mãe, relato e pandemia; e uma Ana. Com o diferencial de, agora, ter transformado tudo isso em um projeto de pesquisa na universidade, em uma forma de ouvir outras mães.

Tem a forma de um relato. Talvez tenha sido essa forma o que mais me intrigou durante toda a pesquisa. Se antes eu tinha sofrido para escrever um relato, agora eu via como era difícil propor para as mães a confissão de um. Essa pode

¹⁰ Texto escrito por ocasião da finalização do projeto, em janeiro de 2021 e adaptado para publicação do livro em junho de 2024.

ter sido uma das razões que nos levou a um perigoso campo híbrido entre o relato e a entrevista. Preocupados em conduzir a conversa com as mães de maneira a abrir um espaço de fala, de confissão, de reconhecimento da própria situação – dificuldades que eu mesma tinha experimentado meses antes, quando fiz meu próprio relato –, produzimos um roteiro de temas a serem abordados: antes da pandemia, aceitação/não aceitação da maternidade, divisão de tarefas no lar, saúde dos familiares...

Confesso que a nossa preocupação em ajudar os relatos a serem feitos, acabou, algumas vezes, conduzindo os relatos para um lugar conformado; o lugar conformado às mães na nossa sociedade: muitas vezes submissas, compreensivas demais, exalando um amor excessivo a situações aparentemente sofridas, e um tanto quanto inconscientes do próprio poder de escolha, e do seu papel absolutamente fundamental para o funcionamento dos núcleos familiares e da própria sociedade. Depois de tantos relatos que enalteciam o amor incondicional aos filhos, a falta de autocuidado em prol do cuidado do outro, a necessidade de agradar, a resignação e a subserviência ao papel esperado da mulher e da mãe, eu só lembrava do Álvaro de Campos, no Poema em linha reta (pensando bem, a linha daqueles versos nem é tão reta e nem tão óbvia assim): “Quem me dera ouvir de alguém a voz humana/ Que confessasse não um pecado, mas uma infâmia”.

Como é que se faz, então, para relatar? O que é, afinal, um relato?

Para pensar sobre isso, não consigo deixar de ser eu mesma, e preciso me firmar em algum terreno (que eu considero) sólido (mas lembremos que as etimologias são sempre falsas, como diria o Hammacher). *Relatus*, -us. Como substantivo é a ação de relatar, um relato, uma exposição, uma narração. O substantivo veio do particípio passado (ou seja, uma ação concluída) do verbo *refêro*, trazer de novo. Entregar, restituir. Remeter. Restaurar. Reproduzir, repetir, representar, renovar, responder, replicar, referir, transcrever, pôr, incluir. O prefixo re- traz ordinariamente a acepção de repetição de uma determinada ação. Combinado com o verbo *ferô*, cujo particípio passado é *lātum*, os significados são: levar, trazer. Trazer no ventre, estar grávida. Produzir. Sofrer, tolerar, suportar. Dar uma opinião, levar uma notícia. Contar, expor. Empurrar. Roubar.

Acho que passamos por todos esses significados. Tanto na execução do projeto como nos produtos que alcançamos. De princípio, queríamos trazer e trouxemos notícias de experiências de maternidades para um público mais amplo. Levamos opiniões, fatos e produções para as mulheres que ouvimos. Contamos, nos expusemos, demos vários “empurrõezinhos” para que os relatos saíssem. Gestamos esse projeto, esses relatos. Poderia-se dizer, até, que roubamos con-

fissões de mulheres.

Já em um “re-”, trouxemos o que nos foi trazido. Produzimos de novo os relatos quando os transcrevemos, restauramos, renovamos. E as mulheres também: tanto representaram o papel que espera-se delas, quanto trouxeram de novo o que está presente em suas vidas; repetiram histórias, replicaram queixas, renovaram princípios de vida. Responderam com “sim” e “não” a perguntas para as quais esperávamos respostas que realmente relatassem situações. Produzimos, sofremos, toleramos e suportamos (nós da equipe e as mulheres entrevistadas) todas as dificuldades e as delícias que envolvem trazer de novo algo vivido.

O “re-” é tão potente, ainda mais combinado com o *ferô* e o *lâtum*, que tivemos diversas discussões sobre a transcrição e a restauração dessas vozes maternas. Alguns membros da equipe transcreviam quase todas as falas das mulheres, fazendo pequenas renovações através de um discurso direto. Outros produziam de novo (reproduziam?) o que tinham ouvido, incluindo (mais uma acepção de *refêro*) a própria mediação na forma restaurada. Por vezes, li relatos em que as vozes das mulheres só apareciam referidas, em discurso indireto, o que não deixa de ser uma forma de trazê-las de novo. Pois incluir, referir, representar e renovar também não são ações possíveis dentro do *refêro*?

Tem a forma do relato, eu pensava, a forma do feito, não do refazer. Mas que forma é essa? Quem conta já não é quem viveu, pois contar implica trazer para o presente da fala (ou da escrita) algo que não está aqui. Quem conta o que lhe foi contado (uma espécie de re- *refêro*, o *relatus*), também já não é mais aquele que ouviu e precisa reelaborar a experiência de ouvir de confissão, de ouvir de relato. Contar a experiência implica em diferença; deve-se reelaborar o vivido, rememorar, construir de novo, criar. Assim, nosso projeto esteve o tempo inteiro às voltas com as significações do *refêro* e do *relatus*. Em dupla, ainda por cima: a forma do relato e a forma do relato relatado.

Eu diria que alcançamos a forma do relato, quando mulheres se dispuseram, mesmo que em momentos específicos, considerando o todo de um relato, a conduzir a própria voz em torno da própria experiência. Espero que tenhamos sabido valorizar esses momentos, reproduzindo-os *tout court*.

Por outro lado, eu diria que não alcançamos a forma do relato, ou atrapa-lhamos o relato de acontecer, pois, ao tentar trazer, pôr ou incluir a voz dessas mulheres, funcionamos como intermediadores, numa espécie de “o homem que viu o homem que viu o urso”, como diria Juan José Saer. São relatos de relatos, que revelam também a nossa própria tendência de conformar as mães em um determinado registro. Ainda assim, acredito que o relato do relato também é uma

forma de um relato, e aprendemos muito lidando com ela.

Assim, em uma série de acasos muito felizes, numa forma inicial que se gestava (no início do texto e no início da pandemia), sem voz e confusa, eu consegui fazer o meu relato, que saiu em um livro cheio de relatos, depois de revisar o relato da primeira Ana. Quando me juntei à voz da Ana, a Fiori, conseguimos elaborar o projeto e reunir as vozes de seis alunos: Aline, Keyth, Zima, Robenylson, Jessica e Halanna. E as nossas vozes mobilizaram mais quarenta vozes em torno de nós. Foram muitos relatos.

Uma noite, recebi em casa a visita do meu compadre e de sua esposa. Como tinha acabado de conhecê-la, ficamos conversando um pouco e ela começou a me contar sobre a sua gravidez e o seu parto em Feijó. Ao ouvi-la, percebi que estava ouvindo um relato de maternidade — foi o único relato que coletei e que vocês poderão lê-lo a seguir. E só então, naquela noite, diante daquela mulher indígena que se abria para mim contando uma experiência tão única e tão recente, eu reconheci que estava envolta em um monte de relatos, não só os do projeto. Eu entrava nas redes sociais e me deparava com relatos de parto; relatos de relacionamentos (sempre abusivos); relatos de quarentena. Tem a forma de um relato: é a escolha, ao contar, da forma que daremos às experiências; a escolha da nossa forma de suportar.

Francisca Andressa de Melo Brandão Shanenawa



No dia 20 de dezembro de 2020, eu, Camila Bylaardt, entrevistei Francisca Andressa de Melo Brandão Shanenawa. Andressa tem 20 anos; nasceu na Aldeia Morada Nova no dia 06 de junho de 2000. Ela cursa enfermagem na UNIP, é solteira e atualmente mora no bairro Nova Esperança, na cidade de Rio Branco. A entrevista foi feita pelo WhatsApp, de forma mista: escrita e falada por áudio. Andressa conta como foi a experiência de gerar e parir um filho durante a pandemia, mesmo sem ter tido qualquer planejamento.

Começo apresentando o projeto para a entrevistada:

CAMILA: Eu e a professora Ana Fiori estamos coordenando um projeto na UFAC chamado “As margens da pandemia: Relatos de Maternidade”. A ideia é conversarmos com pessoas que são mães, que sentiram que sua vida mudou de algum jeito nos últimos meses e que queiram nos contar essa experiência e compartilhar um pouco de sua vida. Vamos buscar relatos de mães acreanas ou que vivam aqui no Acre. As conversas vão fazer parte de um site na internet, e podem aparecer lá como áudio, com as nossas vozes, ou só como texto escrito. Seu nome pode aparecer ou não, de acordo com a sua escolha. Pode acontecer, em qualquer momento, de você se sentir desconfortável ou cansada, tocar em uma lembrança ou tema difícil. Se isso acontecer e você quiser mudar de assunto ou parar a conversa, é só dizer, é um direito seu. Podemos parar no meio e retomar depois. Se você quiser desistir em qualquer ponto, tudo bem. Se você quiser que alguma parte da conversa não seja colocada no site, a gente corta essa parte também. O importante é que você se sinta tranquila e que não seja prejudicada de nenhuma forma. Se você quiser, podemos mandar o arquivo de áudio e de texto para você ouvir ou ler

antes de colocarmos no site. Só a gente que é da equipe vai ter acesso aos arquivos da gravação da nossa conversa, que vai ficar arquivada, e o público só vai ter acesso àquilo que você autorizar, incluindo seu nome e sua voz. Acreditamos que essa conversa pode ser um momento de partilha e acolhimento nesse período de isolamento, e que a sua experiência e a de outras pessoas vão ajudar a compreender melhor a pandemia do ponto de vista das mães. Se você precisar, pode entrar em contato com as professoras coordenadoras pelo telefone. Você concorda em conversar comigo e que essa conversa seja colocada no site depois?

ANDRESSA: Sim, concordo.

CAMILA: Agora, Andressa, a gente começa com a parte de respostas mais pessoais, tá? A primeira coisa que eu queria saber é sobre a sua gestação. Se ela foi planejada, se ela foi uma surpresa, se você desejou ter um filho ou não e como foi a sua gravidez. No dia em que conversamos pessoalmente, você falou que sua avó te ajudava, te tratava... Conta pra gente como foi esse planejamento, se houve planejamento, e como foi a gestação.

ANDRESSA: Então... minha gestação não foi planejada, porque eu não esperava ter filho agora. Como estou cursando a faculdade, eu pensava em ter depois que terminasse, estivesse estabilizada e tivesse condições de ter um filho. Eu imaginava que ter um filho agora seria difícil para lidar com a situação de cuidar do filho e estudar. Iria me sobrecarregar e não teria condições de continuar. Eu queria dar um futuro pro meu filho.

Não planejei com meu esposo, ele estava viajando para os Estados Unidos a trabalho e eu fiquei cursando. Quando a gente soube, quando eu fiz o teste, a gente ficou muito pensativo e eu mais ainda, porque ele estava nos Estados Unidos, estava acontecendo a pandemia e já tinha casos... e eu ficava pensando se esses casos de pandemia chegassem aqui... e eu grávida... como ia ser essa gestação? Como ia ser o nascimento? Abalou muito a gente... fiquei muito pensativa com a situação. Não foi planejada, nem por minha conta, nem por conta do meu parceiro. Foi uma fase em que aceitar e reconhecer que eu estava grávida foi muito difícil, por conta dos estudos e do sonho que eu tinha.

Minha gestação foi bastante 'turbulosa', porque quando eu soube que estava grávida, não tinha noção de nada. Eu estava cursando e terminei o semestre. Ainda estava em Rio Branco. Não tinha contado para nenhum familiar, só quem sabia era eu e meu parceiro. Terminei o semestre com enjoo, estava com três meses e começaram os enjoos na escola. Tinha dia que eu não conseguia ir. Eu estava muito cansada, muito sonolenta e

pensando em como seria a minha vida, qual seria a reação da minha família. Eu morava sozinha em Rio Branco e aquilo me acumulou muito... pensando na minha gestação. Ainda mais porque estava todo mundo com medo por causa do corona... todo mundo se isolando, todo mundo desesperado pensando que iria chegar aqui. Assim passou... com muito enjoos, tinha dia que eu não conseguia ir 'pra' escola. Tinha dia que eu não comia nada e até aí eu não fazia nenhum pré-natal.

Com três meses eu tive férias e fui pra aldeia. Meu esposo ainda não tinha chegado. Fui para uma aldeia em Tarauacá, nos Yawanawa. Lá, como sou indígena, aproveitei que a barriga estava pequena pra tomar o huni, o daime, cheirar o rapé, passar a sananga, dançar o mariri nas nossas festas tradicionais. Eu fui junto com a minha comitiva. Foram sete horas andando de barco e os enjoos já 'tinha' parado. Eu estava ali para pensar na minha vida, pensar em como iria enfrentar tudo isso. Ali eu fiquei mais tranquila. Quando eu voltei da aldeia, fui para Feijó. Quando cheguei em Feijó – na minha casa, na aldeia – eu estava muito mal: tive febre, vomitei, com o corpo todo dolorido, estava com muita dor de cabeça e fui para o hospital. Quando eu fui no hospital, não tinha falado que estava grávida e lá disseram que era reação da gravidez. Quando eu contei para minha mãe e meu pai, eles me acolheram. Me senti mais bem 'pra' enfrentar a minha gestação, de cabeça erguida, porque eu estava me sentindo muito culpada, por ter um filho e ainda não ter terminado a faculdade. O meu sonho era terminar a faculdade e depois ter um filho. Eles me acolheram, falaram que isso acontece na hora que Deus permite. A gente não se preveniu, mas Deus sabe de todas as coisas.

E ali começou outra jornada: meu esposo chegou, a gente foi fazer ultrassom. Quando eu cheguei na aldeia, tenho uma avó que é parteira, a parteira mais velha dentro da comunidade indígena. Ela começou a acompanhar minha gestação, né? Ela mexia na minha barriga, colocava o bebê no lugar, media minha barriga, via minhas pernas e meus braços para ver se estavam muito inchados, perguntava se eu sentia muita dor. A partir dos quatro meses, eu comecei a ter acompanhamento da minha avó, a partir do momento que eu fui para a aldeia. Desde ali, toda semana ela fazia esse acompanhamento de ir a minha casa, mexer meu neném, para colocar no lugar, ficar encaixado, pra ver se eu tava inchada, se eu estava sentindo dor e também dava remédios medicinais para mim: chás; comia peixe que serviam para 'dilatar' minha vagina pra ter o neném; tomava remédio para não sentir muita dor na hora do parto. Fui acompanhada por uma parteira tradicional indígena. Foi até os nove meses esse acompanhamento. Fiz ultrassom também. Fiz acompanhamento com o médico, com enfermeiras e 'tava tudo bem, 'tava pra ser normal, 'tava encaixado, era um menino' – a gente viu no ultrassom.

Aquela ansiedade, me preparando para ser mãe. As outras mães relatando como ia ser, como foi no parto delas. Eu conversava com muitas mães para saber a realidade de como era um parto e eu tinha muita curiosidade de saber como era a dor, o que você sentia e, nesse momento, quando eu dialogava com outras mulheres que já eram mães, eu me sentia mais preparada. Elas relatavam como foi na hora no parto delas – era só com mulheres indígenas – eu perguntava se sentiu dor, como foi... muitas relataram que teve os filhos na aldeia ou que não foi para o hospital, que ter o parto normal é muito melhor do que cesárea, que em uma semana você já está bem, andando.

Quando chegou aos nove meses, eu fui até uma clínica fazer ultrassom para ver se o neném estava bem, porque dias antes eu tinha sentido muita dor. Acordei a noite, chamei meu esposo, falei que senti muita dor, só que foi uma dor de meia hora. Quando eu falei isso, dois dias depois, a gente foi fazer ultrassom, pra ver como estava o bebê, se estava passando da hora... Pelas nossas datas já era pra ele ter nascido, na data dos médicos não era, não era tempo ainda. Quando a gente foi a clínica o médico deu surpresa pra gente de que já estava passando da hora, ‘tava sem líquido e se eu passasse mais três dias o bebê ia morrer. Nisso, eu me desesperei. Eu disse: “não, vou a outra clínica pra saber se é verdade isso”. Fui pra outra clínica, falou a mesma coisa, aí eu fui direto pra aldeia pegar as coisas do bebê. Quando eu cheguei na aldeia, minha mãe e meu esposo estavam comigo. Arrumei as coisas do bebê, tomei um banho e fomos para a maternidade. Quando chegamos, o médico falou que ia esperar. Já estava com casos de Covid em Feijó, já estavam com todas aquelas regras no hospital, sem poder acompanhar, de entrar só de máscara, de não entrar alimentação... então... foi uma situação que eu não esperava, sabe? Eu esperava as dores do parto, esperava aquela agonia de não ter dado à luz antes, mas não esperava sentir dor usando máscara. Você sabe que é agonizante a dor de ter um filho, o desespero... mas com a máscara é pior ainda, né? Porque em nenhum momento pode tirar a máscara, você fica agoniada, a respiração fica faltando, você já não sabe mais o que fazer. No caso, quando isso aconteceu, eu dizia que eu não ‘tava esperando isso. No final, disseram que tinha que ser cesárea meu parto, não ia ser normal. Eu passei das nove da manhã até as três horas sentindo dor, sentindo dor com aquela máscara na cara, que é pior ainda. Em nenhum momento você pode tirar, né? Eu tentava tirar e chegava a técnica: “coloca a máscara”. Você sabe que dar à luz... acho que toda mãe nunca esquece esse momento, mas eu não recomendo a ninguém dar à luz usando máscara, porque é um momento que você ‘tá fazendo força, agoniada, você ‘tá sentindo aquela dor e respirando fundo, usando máscara, em época de pandemia, com medo, né? Porque eu sou

mãe e estava no grupo de risco com enfermeiros, técnicos e médicos – que estavam na linha de frente enfrentando a Covid. Pessoas entrando: gestantes, mães. Eu estava com muito medo do meu filho pegar corona, de eu pegar e levar até a minha comunidade, né? Estava com esse receio. Não foi fácil. Não foi fácil ter um bebê, ainda mais no começo da pandemia. Em Feijó, quando eu entrei, tinha um caso, quando eu estava lá dentro aumentou para 50 e 60, começou a aumentar... mas graças a Deus eu não peguei corona vírus, nem meu bebê. Tive cesárea e tive uma hemorragia, mas foi de meia hora. Depois, fiquei bem, estável.

Atualmente estou em Rio Branco. Meu bebê está na aldeia com a avó. Terminei o semestre e tudo correu bem. A gente está se cuidando ainda, nessa época de pandemia... uma coisa que eu queria deixar clara é que tudo passe logo, sabe? Porque não foi fácil ter filho na época da pandemia e ainda mais sentir dor com máscara.

CAMILA: Muito bonito o seu relato, muito impactante, realmente deve ter sido muito difícil parir nessas condições. Eu quis ouvir direitinho para saber o que te perguntar depois, mas eu também sou uma mãe na pandemia. Enquanto estou te entrevistando, estou cuidando de menino, fazendo comida e etc. Bom, conta para a gente um pouco sobre como foi esse retorno para casa, você voltou para a aldeia depois do parto? Ou você ficou em Feijó ou veio para Rio Branco? Você relatou que estava com medo de pegar a doença ou o bebê pegar e levar para aldeia. Conta para a gente como foram os primeiros momentos do puerpério, da amamentação, de quem te ajudou, quem estava contigo? A sua mãe, a sua avó? Essa adaptação à nova Andressa pós-parto, pós-bebê? Como foi começar a ser mãe do seu filho?

ANDRESSA: No pós-parto, graças a Deus, o bebê pegou o meu peito desde a primeira vez. Eu estava cirurgiada, foi uma cesárea. Eu fui para a aldeia. Foi uma dificuldade chegar até a aldeia, porque, como eu estava cirurgiada, tinha que descer um porto, entrar numa canoa, subir uma escada e andar cinco, dez minutos até a minha casa. Não foi fácil. Nesse trajeto eu encontrava pessoas, né? Quando eu saí do hospital, estavam meu esposo e minha mãe, sempre eles estavam me acompanhando na minha gestação. No pós-parto eles me ajudaram bastante também. Eu sempre encontrei pessoas, sabe? E eu sempre tomei cuidado de passar álcool em gel, usar máscara. Na aldeia estavam me esperando, tinham feito defumação, tinham feito alguns remédios tradicionais da aldeia. Já estavam em alerta, a aldeia já estava me esperando: “a Andressa está vindo do hospital, ninguém chega perto dela, só as pessoas que vieram com ela”. Eu cheguei em casa com o meu esposo, meu filho e

minha mãe, tomei banho, passei álcool em gel e continuei de máscara. Eu e meu filho fomos direto para o quarto, ficamos cinco dias isolados, porque eu tinha a minha família em casa e eu tinha acabado de vir do hospital, não queria levar coronavírus para a aldeia e dizerem que eu fui a culpada por levar o vírus. Então eu tive todo cuidado de passar álcool em gel, usar máscara, não ter contato. Foi isso quando eu saí do hospital. Quem me ajudava bastante e sempre esteve comigo foi a minha mãe e é a minha mãe que está comigo. Ela me ajudou muito a superar e aprender, porque você renasce, você tem outro sentimento, outra visão, você não pensa mais só em si. Tem um ser humano seu ali no mundo que você precisa educar, precisa de amor, carinho, precisa dar comida... então... outra Andressa nasceu, a Andressa mãe, sabe? A Andressa com mais responsabilidade, com mais amor e respeito, porque eu tinha colocado um ser vivo no mundo. No mundo que a gente está vivendo é muito precário você criar uma criança e ela seguir o caminho do bem, sabe? E foi isso... eu amamenteei até os cinco meses. Ele recém-nascido, a minha mãe estava do meu lado, dormindo comigo, por ela ter medo de acontecer alguma coisa até o umbigo cair. O meu esposo estava ali, o que ele podia fazer, ele estava do meu lado. A minha avó vinha com banho para curar as dores, para cicatrizar a cirurgia e, também, com a defumação para tirar o vírus do ar de dentro do quarto, da sala, da cozinha. Ela sempre vinha com essa defumação porque ela falava: “filha, eu não quero que você pegue corona. Todos os dias eu virei fazer defumação para te proteger”. Porque é uma coisa que a gente acredita. E eu também usava álcool em gel sempre. Ficava nos cuidados ali, não saí. Foi a época em que Feijó ‘teve’ vários casos, né? Fechou a cidade. Aí eu não saí mais, fiquei isolada na aldeia junto com meu esposo e minha família. Hoje, quem me ajuda é minha mãe, ela sempre me ajudou durante a gestação até o pós-parto sempre me aconselhando. Eu tive meu bebê na maternidade de Feijó e fui direto para a aldeia. Depois da aldeia, quando se passaram as férias, eu tive que voltar para fazer as provas. Meu filho está na aldeia, mas eu sempre com aquele cuidado, aquela preocupação por ele estar na aldeia... por outro lado eu tenho medo de alguém chegar lá contaminado, com corona e passar para o meu filho e para minha mãe. Eu tenho a precaução de chegar lá, porque eu estou em Rio Branco. Quando eu chegar lá, vou tomar certos cuidados para ir até ele, pegar ele e ficar com ele.

CAMILA: A faculdade te concedeu algum tipo de licença para cuidar do seu filho? Ou você logo teve que voltar para as aulas?

ANDRESSA: Não concedeu, porque não fui atrás. As aulas já eram on-

line por motivo de pandemia, então deu conta de estudar e cuidar do Tekamana.

CAMILA: Entendi... realmente era um direito seu, né?

ANDRESSA: Sim.

CAMILA: Você veio para Rio Branco para acompanhar as aulas e trouxe o bebê? E depois que vocês já estavam aqui, sua mãe resolveu levá-lo para aldeia? Como é estar longe dele?

ANDRESSA: Sim. É muito difícil, mas ao mesmo tempo foi preciso porque é o futuro dele também, e agora estou ajudando o meu esposo no trabalho dele. Eu durmo e acordo pensando nele.

CAMILA: Imagino... Quanto tempo você ainda tem para se formar?

ANDRESSA: Mais dois anos.

CAMILA: Sua faculdade é aqui em Rio Branco? Esqueci o nome dela... o curso é enfermagem, né?

ANDRESSA: Faço faculdade aqui sim, na UNIP. Sim, enfermagem.

CAMILA: Alguém na sua família pegou Covid? Você pegou? Perdeu alguém para a doença?

ANDRESSA: Sim, tive dois dias de sintomas, mas não fiz o teste. Acho que não peguei. Sim, perdi muitos parentes próximos.

CAMILA: O Zezinho disse que teve... ele chegou a fazer o teste? Você teria pegado na mesma época que ele?

ANDRESSA: Sim, ele pegou na aldeia dele. Eu estava na minha aldeia, em Feijó. Mas isso aconteceu meses depois.

CAMILA: Depois que a pandemia começou você fez algum tratamento da medicina tradicional ou tomou algum remédio para prevenir de pegar a doença?

ANDRESSA: Sim, tomei chás medicinais e banhos.

CAMILA: Você continua fazendo esses tratamentos?

ANDRESSA: Agora estou só tomando chá.

CAMILA: Você ou a sua família tiveram alguma perda de rendimentos? Precisaram de pedir auxílio emergencial?

ANDRESSA: Sim, tivemos. Precisamos.

CAMILA: E conseguiram receber? A gente ouviu muita gente dizer que não conseguiu receber.

ANDRESSA: Muitas não.

CAMILA: E o que ficou para você de lição de vida nesta pandemia?

ANDRESSA: Então... eu não consegui descrever por mensagem de texto qual lição de vida ficou dessa pandemia. Falando como mulher, mãe e indígena... Como indígena a gente valorizou mais a floresta, valorizou mais os conhecimentos tradicionais... deixando de viver a vida do não indígena, dos alimentos industrializados, de estar na cidade, de estar tendo contato com os não indígenas. Como mãe, nessa pandemia, fiquei mais forte, sabe? Dando mais valor à vida, de estar mais perto, estar mais presente... deixar muito essa vida de redes sociais, sabe? De estar mais presente, de ver os dentes crescendo, andando e chamando pelo nome 'mamãe', né? De ver esses certos detalhes de um filho, conversar mais, saber mais sobre o filho. Como uma cidadã, acho que mudou muita gente. A pandemia mudou algumas pessoas para melhor e outras para pior, né? Vi que precisamos dar mais valor à vida, não deixar para amanhã o que podemos fazer hoje. Estar mais presente na família, na vida das pessoas que a gente ama.

Considerações finais: depois do fim

Era uma vez uma mãe. Atarefada. E já atarefada com suas inúmeras demandas diárias. Já invisibilizada e com jornada dupla. Tal qual o malabarista de circo que equilibra vários pratos com varetas. Uma mulher que além de mãe, é profissional, é cuidadora, é a “chefe de família”. Ou tantas outras coisas que quase anulam seu ser enquanto sujeito. Mergulhada no próprio mundo de tarefas domésticas e profissionais, equilibrando entre o lugar público e privado. Sempre acumulando mais e dividindo menos. E se sujeita aos riscos. Como num mergulho no mar, uma onda a atinge e semelhante a um “caldo”, cai sobre sua vida uma epidemia. Essa onda tem até nome, “Covid-19”. Atravessa sua vida como a água que inunda por onde passa. Bagunçando a casa, abalando as estruturas. Físicas e emocionais. Nada mais permanece no lugar de antes. Tudo se modifica inesperadamente e assustadoramente. As jornadas não são mais duplas, passam a ser infinitas. Perde-se a noção de onde a vida privada começa e a tentativa de vida externa termina. Tudo se mistura como uma avalanche. Avalanche essa que também é de emoções. Os medos, incertezas, angústias se multiplicam. A morte é quase palpável. O luto não pode ser vivido. As perdas são constantes e irreparáveis. Em meio às turbulências emocionais e financeiras, essa mãe segue às vezes firme, outras vezes nem tão firme, mas segue. Sobreviver, é o que todas querem.

O malabarismo. A grande onda do mar. A avalanche. As metáforas das maternidades agonísticas atravessadas pela pandemia. As jornadas. A firmeza. A sobrevivência. Os tropos que contam suas histórias. E ainda assim, contando de si mesmas, teimam em contar de suas escolhas, de suas felicidades, de suas realizações como mães, guardando para si e para outras ocasiões outros relatos de maternidades, relatos vividos no dia a dia, divididos com suas amigas, com suas parentas, com Deus talvez.

Ouve-me, ouve o meu silêncio. O que falo nunca é o que falo e sim outra coisa. Quando digo “águas abundantes” estou falando da força de corpo nas águas do mundo. Capta essa outra coisa de que na verdade falo porque eu mesma não posso. Lê a energia que está no meu silêncio. Ah tenho medo do Deus e do seu silêncio.

Sou-me.

(Clarice Lispector, Água Viva)

Na economia de sua sinceridade, de suas alegrias e de seus queixumes, os relatos de cada mãe parecem trazer poucas novidades. Tão parecidos, tão recorrentes, tão cotidianos. A novidade, O Evento foi a pandemia de Covid-19. As mães tornam-se então especialistas em novidades, sujeitos que são de sua passagem, transformando-se, diluindo-se, retornando à vida a cada evento. Não apenas testemunhas, são protagonistas, margens pelas quais as águas tormentosas ganham forma e fluxo.

Mulher, como você se chama? – Não sei.

Quando você nasceu, de onde você vem? – Não sei.

Para que cavou uma toca na terra? – Não sei.

Desde quando está aqui escondida? – Não sei.

Por que mordeu o meu dedo anular? Não sei.

Não sabe que não vamos te fazer nenhum mal? – Não sei.

De que lado você está? – Não sei.

É a guerra, você tem que escolher. – Não sei.

Tua aldeia ainda existe? – Não sei.

Esses são teus filhos? – São.

(Wisława Szymborska, Vietnã)

Era uma vez muitas mulheres de muitas jornadas. A maior de todas é ser. Jornada que as antecede como mães, que as antecede como mulheres. Jornada que sucederá os relatos aqui registrados. Jornada que vai além das tarefas, do trabalho, da casa, da maternagem, mais do que a tripla e inglória jornada dos malabarismos, das ondas e das avalanches. Jornada que é muito mais do que firmeza e sobrevivência. Jornada que ecoa em muitas lembranças.

*Não te lembro macia
mas pelo teu amor pesado
eu me tornei
uma imagem da tua carne que já foi delicada
partida em esperas traiçoeiras.*

*Quando chegam estranhos e me saúdam
teu espírito envelhecido faz uma reverência
cintilando de orgulho
mas você já guardou esse segredo
no centro das fúrias
me pendurando
com seios vastos e cabelo áspero
com sua própria carne cindida
e olhos fundos de dor
enterrados em mitos de menor valia.*

*Mas eu descasquei tua raiva
até o cerne do amor
e olha, mãe
Eu Sou
um templo escuro onde teu verdadeiro espírito se eleva
belo
e duro como castanha
pilar contra teu pesadelo de fraqueza
e se meus olhos ocultam
um esquadrão de rebeliões conflitantes
eu aprendi com você
a me definir
por suas negações.
(Audre Lorde, Mulher Negra Mãe)*

Depois do fim, o que é que fica? Ao pensar na resposta dessa pergunta, o que nos espanta é constatar que talvez não tenha fim. A jornada infinita, o excesso de tarefas, o relato que conforma e conforta... tudo continua. Até uma futura pandemia. Ou nem isso ou nem tanto: basta um filho doente em casa para provarmos novamente alguns sabores pandêmicos. Ao terminar esse livro, o mais difícil é

entender a hora de parar. Poderíamos continuar coletando relatos, ouvindo mães, como nos sentimos impelidas a fazer... tal como a jornada infinita das mães, esse livro poderia também continuar, sem pensar em limites, suportando mais, pois sempre cabe mais um, sempre pode ter algum ajuste. Qual seria o limite então? Essa foi, de algum modo, uma pergunta que nos rodeou, rodeou as mães, e ainda está em pauta. As mães são margem, tanto ao abrir os braços para acolher tudo, quanto para correr atrás do que ficou de fora. Agradecemos a todas as mães que se envolveram com o projeto; sem elas nada disso teria sido possível. Terminamos o livro com uma sensação de dever cumprido e de que ainda falta.

Referências

COMISSÃO aprova criação de auxílio permanente de R\$ 1.200 para mães chefes de família. **Agência Câmara de Notícias**, 2021. Disponível em: <<https://www.camara.leg.br/noticias/823082-comissao-aprova-criacao-de-auxilio-permanente-de-r-1-200-para-maes-chefes-de-familia/>>. Acesso em: 29 ago. 2024.

FIORI, Ana; **VOLKER**, Camila Bylaardt; **MONTEZINO**, Amanda; **MARINO**, Ian. As margens da pandemia: relatos sobre a maternidade. Arquivamento digital da Covid no Brasil #4. História Oral sobre a coleta arquivística da Covid-19 no Brasil. Unicamp. IFCH. **Centro de Humanidades Digitais**. Disponível em: <https://chd.ifch.unicamp.br/node/87>. Acesso em: 22 mar. 2024.

LISPECTOR, Clarice. *Água Viva*. Rio de Janeiro: Ed. Rocco, 2020.

LORDE, Audre. **Entre nós mesmas**: poemas reunidos. Tradução de Tatiana Nascimento e Valéria Lima. Prefácio de Cidinha da Silva. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020.

MELO, K. R. P.; **MOTA**, R. de O.; **NZINGA**, Z.; **VOLKER**, C. B. Relatos de maternidades: edição, coleta e transcrição. In: **Anais II Seminário Integrado de Ensino, Pesquisa e Extensão**. 2020. Rio Branco.

OLIVEIRA, Aline Cristina Paiva de. **Vivências de maternidade**: desafios da maternagem na pandemia da Covid-19 em Rio Branco. Trabalho de Conclusão de Curso de bacharelado em Ciências Sociais. Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Federal do Acre. Rio Branco, 2022. 26p.

PRIMEIRO caso de morte por Covid-19 no Rio é o retrato da vulnerabilidade das mulheres na pandemia. **OXFam Brasil**, 2020. Disponível em: <https://www.oxfam.org.br/noticias/primeiro-caso-de-morte-por-covid-19-no-rio-e-o-retrato-da-vulnerabilidade-das-mulheres-na-pandemia/>. Acesso em: 29 ago.

2024.

SEGATA, Jean; LOWY, Ilana. Covid longa, a pandemia que não terminou. **Espaço Aberto Horiz. Antropol.**, Porto Alegre, v. 30, n. 70. Sep-Dec 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1806-9983e700601>. Acesso em: 29 ago. 2024.

SOF. Sempre Viva Organização Feminista. **Sem parar**: o trabalho e a vida das mulheres na pandemia. Disponível em: https://mulheresnapan pandemia.sof.org.br/wp-content/uploads/2020/08/Relatorio_Pesquisa_SemParar.pdf. Acesso em: 12 ago. 2024.

SZYMBORSKA, Wislawa. **Poemas**. Seleção, tradução e prefácio de Regina Przybycien. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

UNIVERSIDADE Federal do Acre realiza projeto para ouvir experiências maternas durante a pandemia. **Rádio EBC**, Rio Branco, 31 de maio de 2021. Tarde Nacional - Amazônia. Disponível em: <https://radios.ebc.com.br/tarde-nacional-amazonia/2021/05/universidade-federal-do-acre-realiza-projeto-para-ouvir-experiencias>. Acesso em: 19 mar. 2024.

VOLKER, C. B.; MELO, K. R. P.; NZINGA, Z.; MOTA, R. O. As margens da pandemia: relatos de maternidades – coleta, edição e arquivo. In: NICODEMO; MARINO, Ian Kisil. **Por uma história da Covid-19: iniciativas de memória da pandemia no Brasil**. v.1, 1 ed. Vitória: Milfontes, 2022, p. 169-184.

VOLKER, Camila Bylaardt; SOARES, A. C. E. C.; CIDADE, C. A. S.; CARDOSO, V. C. **Maternidades plurais**: os diferentes relatos, aventuras e oceanos das mães cientistas na pandemia. Belford Roxo, RJ: Editora Bindi, 2020. Disponível em: https://drive.google.com/file/d/1WcixvmTC2Kskay4UDUMddno_i4KvfFSv/view. Acesso em: 19 mar. 2024.

Sobre os(as) Autores(as)

Camila Bylaardt Volker – foi a coordenadora do projeto; juntamente com a Ana Letícia, elaborou o projeto movida por questionamentos existenciais sobre a sua própria condição de mãe e a situação das mães durante a quarentena no Brasil. Aos poucos, descobriu muitas interseções entre a sua área de trabalho – teoria literária – e a coleta de relatos de experiências tão pessoais.

Robenylson de Oliveira Mota – 26 anos, mestrando em literatura pela Universidade Federal de Santa Catarina e membro voluntário da equipe. E, falando por mim, dentre os diversos problemas de ordem social observados durante o período pandêmico, a inquietação do maternar durante a pandemia me atravessou fortemente, principalmente quando refleti que, mesmo fora de um contexto de pandemia, a maternidade é permeada de entraves, por isso, entendo a relevância da coleta dos relatos dessas mães para promover um engajamento de um assunto que está longe de ser solucionado.

Aline Cristina de Paiva Oliveira – bacharel em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Acre, mãe solo e bolsista no projeto de extensão que originou este livro. Com a paralisação das atividades acadêmicas, me juntei a outras colegas discentes num grupo de estudos com foco no recorte de gênero. Naquele momento era o início do semestre e a metade da graduação ainda em curso, através da professora que viria a ser minha orientadora de TCC, Ana Letícia, ingresso na equipe do projeto. E em 2022, após dois anos da realização do projeto de extensão, concluí minha graduação com um artigo utilizando o acervo de relatos coletados durante o projeto, discutindo essas vivências de maternidade durante a pandemia em Rio Branco, Acre.

Ana Letícia de Fiori, na casa dos 30 anos, muitas vezes brinquei com o fato de ter me tornado mãe de pet ao longo do projeto, mas em minha não-binariedade em construção ainda vivo ansiedades, esperanças e dúvidas sobre a perspectiva de exercer a parentalidade no futuro. Refletir sobre os sujeitos, as práticas e as materialidades do cuidado a partir da antropologia era uma vontade antiga e se tornou um imperativo na pandemia.

Keyth Rose Albuquerque Pinheiro – 37 anos, é licenciada em Letras – Língua Portuguesa pela Universidade Federal do Acre. A pandemia, timidamente, mostrou o cotidiano de mães solo, de mães consideradas privilegiadas e de mães solo que compartilhavam a vida com seus cônjuges. *As margens da Pandemia: Relatos de Maternidade* é um projeto sensível, delicado e, como bolsista neste projeto, entendi que a maternidade é uma jornada inexplicavelmente solitária, contudo, de um poder descomunal.

Jessica Matias – tem 33 anos e é mãe de duas crianças. Foi acadêmica do curso Ciências Sociais com habilitação em Sociologia na Universidade Federal do Acre. Era bolsista do projeto e buscou de forma remota conhecer as diversas realidades que as mães enfrentavam neste período pandêmico.

Zima Nzinga – é Graduada em Letras/Língua Portuguesa pela Universidade Federal do Acre (UFAC), Especialista em Educação das Relações Étnico-raciais e História e Cultura Africana, Afro-brasileira e Indígena (UFAC), Mestranda em Estudos Étnicos e Africanos pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Filha de Marta e neta de Dona Antônia.

